

Magazine mensal ilustrado
LIVRARIA FERREIRA, Editora
Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA
Telephone 805

SERÕES

N.º 60 — Junho 1910

Assignatura } Semestre.. 1\$200
 } Anno 2\$200
Numero avulso 200

Composto e impresso
na Typ. do Anuario Commercial

COMPRA
— ABR. 1940



P. Mendonça



**A MAIOR E MAIS IMPORTANTE
FABRICA
PORTUGUEZA DE METALLURGIA**

Construção de pontes,
vigamentos e estruturas metalleas
fundição de aço ferro e outros metaes

**CALDEIRAS E MACHINAS A VAPOR
MOTORES A GAZ POBRE**

CONSTRUCOES MECHANICAS CIVIS E NAVAES.

Alfaies e machinas agricolas

Ascensores e monta cargas electricos
SYSTEMA PRIVILEGIADO

Importação de todo o genero
de machinas

Materias primas e manufacturadas
para as industrias

ESCRITORIO E OFFICINAS

115, RUA LUIZ DE CAMÕES, A SANTO AMARO

TELEPHONE
N.º 256—BELEM

Telegrammas

Santamaro
LISBOA

Deposito d'Exposição Permanente
AVENIDA DE D. CARLOS
E
RUA VASCO DA GAMA
LISBOA

A ILUSTRADORA L. DO Carmo 17, LISBOA

Summario

MAGAZINE

	Pag.
MADemoISELLE ERNESTINA VOGET (<i>Frontispicio</i>)	402
HONOLULU (10 <i>illustrações</i>) pelo DR. GONÇALVES PEREIRA	403
MYSTICISMO CHRISTÃO (<i>Versos</i>) de EDUARDO METZNER	409
LADRA! (2 <i>illustrações</i>) por AMALIA BARBOSA	410
A TROCA (<i>Versos</i>) de JULIO MARTINHO	418
ARSENAL DO EXERCITO (<i>Conclusão</i>) (9 <i>illustrações</i>) por HENRIQUE MARQUES JUNIOR	419
IMPRESSÕES DE VIAGEM — A CHICAGO ALLEMAN (<i>Conclusão</i>) (1 <i>vinheta</i>) versão de MANUEL DE MACEDO	428
A COMEDIA LATINA (9 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) compilado por EDUARDO DE NORONHA	431
MEUS SONHOS (<i>Versos</i>) de RAUL DO VALLE	444
POBRE FLORINDA! (6 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por COSTA MACEDO	445
NA VIDA (<i>Versos</i>) de PEREIRA BARRETO	452
EDUARDO VII, LAVRADOR (2 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por ALVARO COELHO	453
ALCOBAÇA (<i>Versos</i>) (1 <i>illustração</i>) por D. LUTHEGARDA DE CAIRES	456
MACAU (10 <i>illustrações</i>) por ARTHUR LOBO D'AVILA	458
HOMO (<i>Versos</i>) de GERVASIO DE ARAUJO	464
ULTIMOS ECCOS DO FUNERAL DE EDUARDO VII (1 <i>illustração</i>)	465
O TERREMOTO (<i>Versos</i>) de PERES JUNIOR	466
ECCOS E REFLEXOS (15 <i>illustrações</i>)	467

A MUSICA DOS SERÕES

MIMOS DO CORAÇÃO, musica do Ex.^{mo} Sr. A. S., letra do Ex.^{mo} Sr. R. H. 4 pag.

A Quebradura curada

Vê V. este pedreiro fechando a abertura nesta parede?



E' essa a fôrma porque eu curo a quebradura. Enchendo a abertura com material novo e mais forte.

Uma quebradura é simplesmente uma abertura numa parede, a parede de musculo que protege os intestinos e outros órgãos internos. E' quasi tão facil curar uma ferida ou rotura neste musculo como em um braço ou mão.

Comtudo esta rotura não é talvez maior que a cabeça de um dedò.

Mas é sufficientemente grande para deixar que os intestinos passem através. E' claro que isto não pôde cicatrizar sem que a natureza seja auxiliada.

E é isso precisamente o que o meu methodo faz. Permite-lhe a V. reter a protusão dentro da parede no seu mesmo sitio.

Depois dou a V. um Desenvolvente Lymphol para applicar sobre a abertura da quebradura. Este penetra através da pelle até aos bordos da abertura e remove o anel calloso que, se tem formado ao redor da rotura.

Então começa o processo de cicatrização. A natureza livre já do inestestino saído e do anel calloso da abertura, e estimulada pela acção do Lymphol deita uma porção de lymphã e a abertura é outra vez occupada com novo musculo.

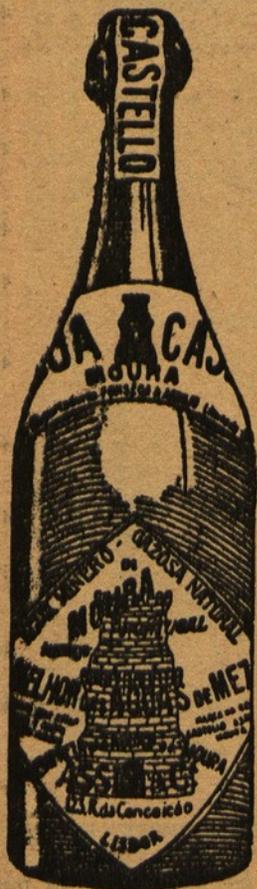
Não é isto simples? Não é isto razoavel? Tenho provado os seus meritos em milhares de casos. Proval-o-hei a qualquer herniado que me envie o seu nome.

Escreva-me V. indicando o numero a que corresponde o seu caso e eu lhe enviarei pelo correio uma amostra gratuita do meu Desenvolvente Lymphol e um livro lindamente illustrado acerca da Natureza e Cura da Quebradura. Não me envie V. dinheiro. Só o seu nome e endereço.

Wm. S. RICE, R. S. Ltd.,

(ESPECIALISTAS)

(G. P. O. Box n.º 5) (Depot.º S. 351), 8 & 9, STONECUTTER ST.,
LONDRES, E. C., INGLATERRA



AGUA CASTELLO

Minero-gazozza, lithinada natural

— DE —

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.º

LISBOA

MOOTCY

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!!



Fazemos nascer

cabello aos calvos e barba aos sem ella
em 20 a 24 dias

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bôníta e o cabelo abundante. Temos levado, com o nosso **Bal-**

samo Mootcy, a felicidade a milhares de pessoas.

O preço para o Mootcy é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente).

Com cada porção vae um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remedio não der resultado algum.

Mootcy Dépôt: Holmens Kanal 30 KOPENHAGEN 155

Deposito em Lisboa: **FERREIRA & FERREIRA, Succrs.**

99, RUA DA PRATA, 101

Grande Planta de Lisboa

DELINEADA POR

Caldeira Pires

Em 4 folhas, a côres, impressa em optimo papel; escala 1:5000, acompanhada de uma outra na escala 25:000 que abrange toda a area de Lisboa, dividida por bairros e estes por freguezias. Croquis do districto de Lisboa, divididos por concelhos.

Roteiro e fita indicadora para prompta busca de qualquer rua, travessa ou logar que se pretenda conhecer de momento.

Planta de grande utilidade e alcance para

Secretarias, escriptorios, escolas, quartéis, policia, etc., etc.

Ligeira notícia da capital, e todas as suas diferentes divisões administrativas.

Preço em folhas, 3\$000 réis

Colladas em panno, envernizada, com reguas de madeira **5\$000 réis**

PROPRIEDADE E DEPOSITO GERAL

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132 a 138

CORTAR COM UMA TESOURA SOBRE O PONTEADO

Brinde mensal a todos os leitores dos SERÕES

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador na

LIVRARIA FERREIRA

Rua Aurea, 132

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer encomenda feita pelo portador no atelier de gravura de

PIRES MARINHO & C.^a

Praça dos Restauradores, 27

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS com o desconto de 50 por 100 em qualquer logar nos espectaculos realizados as terças feiras, ou dia seguinte pasado aquelle seja festivo, no salão

MUSIC-HALL

PRAÇA DOS RESTAURADORES

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 sobre os preços estabelecidos no Consultorio Dental de

Tugmann

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para aquisição de um exemplar do

ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30

com o desconto de 10 por 100 durante o mez de junho de 1910.

Brinde dos SERÕES

BONUS para o desconto de 10 por 100 em qualquer compra feita pelo portador, em instrumentos de precisão na

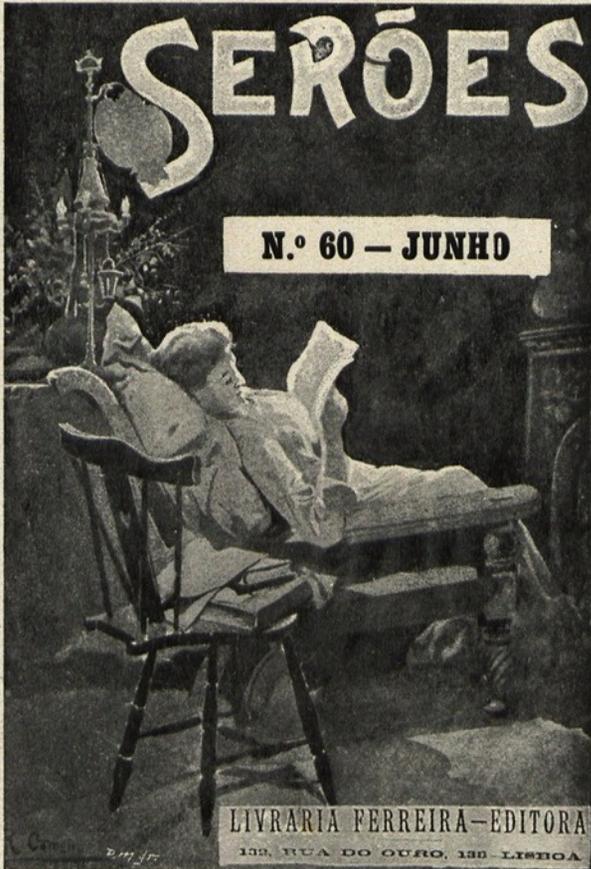
CASA MIRAMON

48, Praça D. Pedro, 48

durante o mez de junho de 1910.

SERÕES

N.º 60 — JUNHO

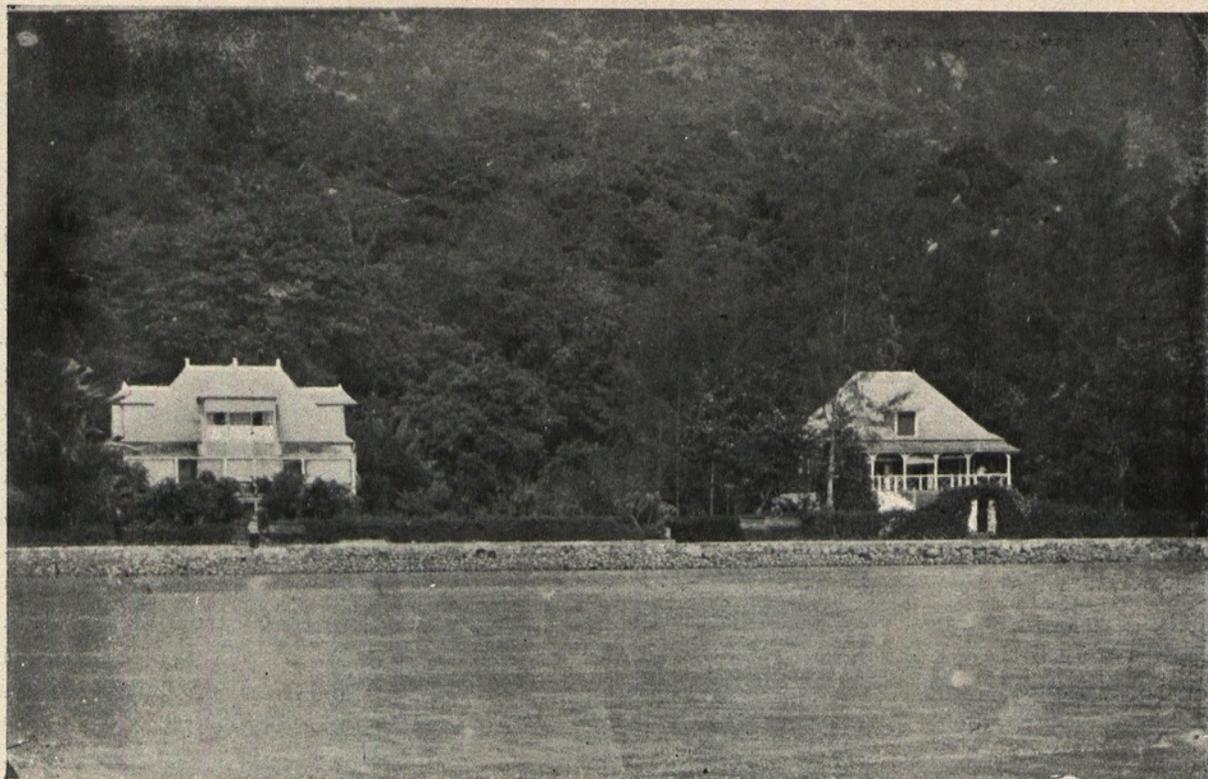


LIVRARIA FERREIRA—EDITORIA

139, RUA DO OURO, 139 LISBOA



Mademoiselle Ernestina Voget
Formosa senhora argentina



RIA MARGINAL

HONOLULU

A ilha da miseria — O padre Damião — Bil Ragsdale

ESTAVA a bordo do *Oceanic*, um dos maiores *steamers*, da mala Americana, que se dirigia de Hong-Kong a S. Francisco da California.

Dentro d'aquelle hotel fluctuante, não havia tristezas; tocava-se, dançava-se, jogava-se, conversava-se. Nada vinha perturbar aquelle viver de todos os dias, e só havia n'uns o desejo de chegarem a ver em pouco tempo as pessoas queridas de familia, n'outros o de aportarem a terras desconhecidas, para pôrem na sua carteira de *touriste* mais alguns traços da vida oriental. Eu pertencia a ambos os grupos: queria alliar ao prazer de abraçar os meus o de ver o desconhecido.

O *Oceanic* seguia com a regularidade das suas 16 milhas por hora.

Nem uma aragem enrugava a superficie das tranquillias aguas do Pacifico, nem uma nuvem escurecia aquelle bello sol tropical, nem uma estrella deixava de apparecer na abobada celeste nas amenas noites d'aquella longa travessia.

N'um dia resoou pelo navio a noticia de tocarmos nas Sandwichs, n'esse agrupamento de ilhas que formam o Paraiso do Pacifico.

Ricas, bellas e amenas, onde uma raça, que se extingue, vivia entregue ás delicias do seu paiz, isempta dos ataques das nações que lhe levaram com a civilização o peor dos *virus*. essas ilhas tinham para

mim o encanto de ir ver milhares de portuguezes que formam uma das mais bellas agremiações espalhadas pelo mundo.

Fundeamos em Honolulu, e como curiosidade nunca vista em outros mares, tinhamos as limpidas aguas côr de saphira deixando ver por transparencia o seu leito de coral e os inumeros habitantes aquaticos, rodeando, boiando ou mergulhando em volta do navio na lucta constante da vida. Que bello que era aquelle mar! e que bello que era o aspecto que da bahia se gosava, das ilhas que nos rodeavam!

Não entro na descripção d'essas tão encantadoras ilhas, cheias de curiosidade para o *touriste*; a sua vegetação luxuriante; os picos de altissimas montanhas, vomitando lava em cascatas de fogo; a vida estranha dos Kanakas, os seus usos e costumes semi-selvagens; a esplendida colonia portugueza; finalmente, tudo o que fez dar áquelle logar, que apparece no vasto oceano, o nome de Paraiso do Pacifico.

Ao longe via-se o cume elevado de Kalaï, na tetrica ilha de Molokaï, a ilha chamada da miseria e do terror, cujas descripções mais ou menos phantasiosas nos faziam arripiar os cabellos.

Mas como poderia em tão bello clima haver motivos para tão triste fama?

E' que no Paraiso do Pacifico não ha sómente aves de variegadas côres, flôres do mais fino aroma, homens de epiderme d'ourada, danças, cantos; não ha sómente noites diaphanas e perfumadas; lentas ondulações do mar nas costas de coral. Sobre tudo isso, sobre as florestas mysteriosas, na amorosa indolencia das noites, acima das residencias escondidas na sombra fresca das acacias, por cima de cabanas de palha ou

de relva, paira um phantasma destruidor, terrivel, inexoravel: a lepra!

Ha 50 annos que um chinez ao serviço da casa real se viu atacado da terrivel moles-



UMA RUA E ARVORE COQUEIRO DO MAR

tia, e d'esse foi passando aos outros, não poupando indigenas nem estrangeiros. Do pouco cuidado dos habitantes e da relaxação dos costumes passou-se a tomar medidas energicas; e como o mal se roubasse caprichoso ás investigações da sciencia, as medidas foram brutaes, esmagadoras, mas necessarias.

O processo era simples: não podendo curar os doentes, supprimiam-os. E o logar que lhes serviria de tumulo era a ilha que se nos afigurava um jardim de flôres, era a ilha de Molokaï. Ahi viviriam, ou

antes ahi acabariam de morrer.

E' terrivel a selecção: velhos sequestrados aos carinhos da familia; maridos separados das esposas, filhos arrancados dos seios das mães, tudo para ali é arrebatado com a triste certeza de que jámais sahirão d'aquelle recinto, cujas muralhas são inacessiveis: o mar em toda a volta. Todos estes seres, de faces avermelhadas, tumefactas e luzidias, objectos de horror uns para os outros, esperam como o ultimo dos remedios, o allivio final: a Morte.

Quando os que ainda apresentam os primeiros symptomas, vêem os seus companheiros d'infortunio deixando atraz de si a mão que se desloca, um braço que cae, com as orbitas vacias, ou cheias do virulento puz, com que pungente dôr não dirão elles: *E' assim que nós estaremos amanhã*. E no meio d'este esphacelar continuo, em que muitas vezes só resta parte do esqueleto, com a pelle fendida e sêcca, a

carne comida de tuberculos, com um entorpecimento completo, no meio d'essa massa informe, que foi um homem, um só orgão fica intacto, o cerebro.

E' o cumulo da desgraça!

E é n'este estado de podridão que começa para o leproso a ultima etape da via dolorosa.

Levados para o sanctuario dos mortos, até que Deus lhes ponha um ponto final na vida, ali são acompanhados e cuidados por um pessoal que será ámanhã o que elle está sendo hoje. Enfermeiros, creados, tudo quanto ha na ilha é leproso; e todos, qualquer que seja a sua categoria n'aquella necropole, estão á mercê da mais poderosa soberana: a Morte.

Para os grandes soffrimentos ha as grandes dedicações, as grandes consolações; nem tudo são agonias; ha abnegações extremas, unicas que se põem á cabeceira d'aquelles miseraveis seres esphacelados.

Havia em Honolulu um homem novo, instruido; d'uma rara distincção de espirito e de maneiras; as suas eminentes qualidades destinavam-no a um futuro brilhante; padre, podia aspirar aos mais elevados cargos da egreja.

Era o padre Damião.

Este espirito superior soube que na immensidade do Oceano Pacifico e nas asperzas das montanhas de Molokaï existiam centenas de desgraçados, roubados aos carinhos da familia, e aos braços dos amigos, a quem a terrivel doença roia de dia para dia, tendo por unica consolação os seus companheiros d'infortunio, por unico allivio, a morte.

Esse moço, cheio de saude e de vida, veiu sentar-se á cabeceira d'aquelles espe-

ctros, servindo-lhes de medico e de enfermeiro; de pae, de irmão e de amigo.

Bem sabia elle que bastava entrar na chalupa que conduzia os leprosos de Honolulu para Molokaï, para que nunca mais pudesse voltar aos braços dos que com lagrimas de dôr o viram partir.

Nada o atemorizou. Se chorava, era com saudades dos que ficavam na praia, banhados de lagrimas; porque no coração levava a alegria que trazem as grandes acções humanitarias.

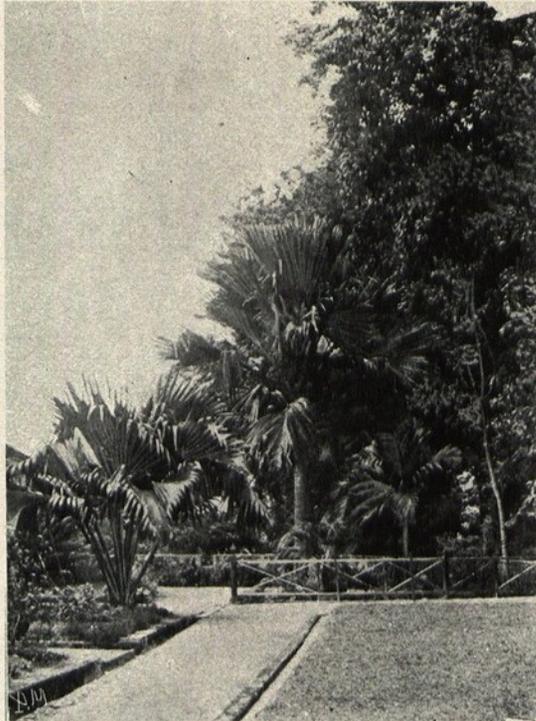
Em vez de mãos esperas ou pouco adestradas no penso das chagas, encontravam elles, os seus queridos doentes, mãos pacientes, ao passo que lhes fazia ouvir palavras de consolação e de amor, n'aquella longa agonia, como uma canção de mãe sobre o berço de seu querido filho.

Quantos atheus, protestantes ou inimigos da religião, não se descobrem, reverentes, ao ouvirem pronunciar o nome do padre

Damião? Não ha ninguem, viajantes, marinhos colonos de todas as nações e de todas as seitas que não conheça o nome do Apostolo dos leprosos de Molokaï.

No demorado cahir de carnes pôdres e de membros que se destacam, era preciso entreter-lhes o cerebro, que recebe todas as impressões até ao ultimo signal de vida. Não se esqueceu aquelle martyr de os entreter na escola, de lhes ensinar musicas. Um dia o padre Damião viu em si os primeiros symptomas da terrivel doença. Já os esperava, e se não os sentiu por si, sen-

tiu os pelos desgraçados que iam ficar privados do mais disvelado companheiro, do melhor dos amigos. O mal progrediu, e ao vel-o definhar, corroer-se, aquelles que ainda tinham olhos para o verem e glandulas lacrimaes para o chorarem, adicionaram ao



JARDIM PUBLICO

seu infortunio outro não menos lamentavel, o da perda do medico, do enfermeiro, do Pae e do Amigo.

Morreu. A noticia correu com a rapidez do raio, não só por todo o archipelago, mas por toda a parte aonde tinha chegado a fama do seu nome. Todos o choraram, porque todos sabiam a que terrivel sacrificio se submetteu aquelle bondoso coração.

Eu não sei se houve sacrificio maior, e se o exemplo que deu foi seguido. Sei apenas que a espontaneidade d'elle é uma gloria para a humanidade inteira.

Todos os annos se faz uma caça ao homem como a um animal feroz. A lei não poupa ninguem, ricos ou pobres, indigenas ou estrangeiros. E' inexoravel, ferindo até a realeza.

Um primo da rainha Emma partiu para o triste valle de Kalawao, logo que a commissão sanitaria soube que o terrivel virus lhe ia corroendo inexoravelmente as carnes.

A ilha de Molokaï encerra um numero superior a mil leprosos, e a cada passo são mandados para lá aquelles que se acham espalhados por todo o archipelago, e que fogem á vigilancia da lei. Muitos entregam-se espontaneamente, e no numero destes encontra-se um dos homens mais eminentes do paiz, Bill Ragsdale.

E' triste a historia d'elle, mas digna de menção:

Bill Ragsdale era um dos homens mais considerados pela sua fortuna, pelas suas relações e pelo seu talento como legista. Sendo mestiço parecia um branco.

Conhecendo bem o paiz, as tradições e os usos, valeu-lhe a estima de todos os habitantes do paiz e da colonia estrangeira.

Generoso, servical, esmoler, era adorado pelo povo. Ministro, tornou-se notavel como legista, creando medidas de grande alcance para o seu paiz, que o adorava. Tinha como todo homem, defeitos: de costumes faceis, rico e elegante, passava uma vida estragada, tendo de renunciar d'ella com um estoicismo admiravel.

Um dia, vendo-se com os primeiros symptomas da lepra, escreveu á commissão de

saude, denunciando-se como leproso, e querendo, dizia, dar o exemplo de submissão ás leis, pediu para embarcar com os outros infelizes, para a ilha de Molokaï. Desejava, porém, que se guardasse sigilo até á hora da partida, e que o deixassem ir directamente á chalupa, sem passar pelo lazareto.

Na manhã seguinte vestiu-se com todo o esmero, montou a cavallo, percorreu pela ultima vez as floridas avenidas da cidade, e dirigiu-se aos amigos com quem conversava, abraçando-os ternamente.



EGREJA CATHOLICA

De tarde, á hora aprasada, seguiu para a praia, levando por bagagem uma Biblia e por companheiros alguns leprosos!

Nessa tarde já a noticia da partida para o eterno exilio tinha echoado por toda a cidade, e, como ninguem se convencesse, todos se dirigiram á praia.

Quando a multidão agglomerada o viu chegar, a comoção foi indiscriptivel. As lagrimas saltaram copiosas dos olhos compadecidos d'aquelle povo, que, como signal de amizade, lhe dava corôas e lhe dirigia palavras amigas. Elle, sereno, com um rosto cheio de bondade, pediu silencio, e de pé, no meio da chalupa, dirigiu ao povo uma pequena allocução, em que o exhortava a submeter-se á lei do exilio, terminando por estas palavras: «Paz, meus irmãos; pedi não só por mim, mas por todos aquelles, que, vivos, descerem ao tumulo! Que Deus vos proteja sempre de tamanha desgraça! Adeus!»

A chalupa affastou-se e com elle Bill Ragsdale. Como o leproso d'Aosta, bem merecia que um Xavier de Maistre puzesse em relevo a abnegação d'este martyr.

Nos suburbios de Honolulu estabele-

ceu-se o hospital e lazareto de leprosos. Tinha na minha passagem por ali algumas centenas de infelizes, jazendo uns em cactres nús, outros esperando a sorte dos primeiros, até que a todos chegasse a hora do esphacelamento final.

Um padre e algumas irmãs de caridade dirigiam o hospital. N'um laboratorio, dois medicos, um allemão e outro brasileiro, recolhiam em placas o virus d'aquellas chagas abertas, á espera que a sciencia dê a solução do problema.

O hospital e o lazareto tem a apparencia dum pequeno bairro indigena. Cabanas de madeira e de bambu a seguir umas ás outras, for-

mando pequenas ruas que se cortam em angulos rectos, tendo a um lado a capella, a outro o laboratorio, e ao centro uma escola, é tudo o que compõe aquelle estabelecimento.

Tudo isto é cercado por um fosso que intercepta qualquer comunicação com o resto da ilha.

Todo caído, sem moveis, nos quartos não ha nem camas, nem roupas, nem cortinas para que o pó não se possa asy-lar ali. A ventilação faz-se por um systema de aberturas, de modo a estabelecer constantes correntes d'ar fresco. No meio



PAIZAGEM



ILHA DE MALAHAI NA EXTREMIDADE E POR DETRAZ DA ILHA DE HONOLULU

das pequenas enfermarias, jardins que os mais validos regam e cuidam com esmero.

Dentro das casas estão os novos atacados; em uma mais ampla sala jazem os que estão n'um periodo adeantado da doença, e que por uma concessão especial ali são conservados. Este hospital, que d'antes era um alojamento provisório para os atacados ou suspeitos, tornou-se hoje definitivo, afim de estar mais ao alcance das medidas de qualquer nação que queira estudar a doença.

Entramos na sala dos que estão no ultimo periodo da molestia.

Que horror! O quadro mais medonho, mais desolador, patenteou-se nos á vista com as côres mais sinistras! Desde a creança de peito até ao homem de avançada idade, tudo ali jazia, meio comido, n'uma disformidade tal que chegava a não ter fôrma humana!

Uma mãe amamentava uma filha, d'uma graça infinita, que, ao ver-nos, fazia esforços para saltar aos nossos braços. A mãe era um monstro, e mostrava-nos já sem poder chorar, uma mancha redonda, azulada, em uma das pernas da creança, primeiros

signaes da fatal doença, que o havia de victimar.

Talvez seja aquelle o primeiro membro a destacar-se, se a morte inexoravel como sempre, a não arrebatara primeiro.

Estirado em uma cadeira de bambu, agonisava, meio esphacelado, um branco. Era um americano. Estava no periodo agudo da doença. As reliquias da sua opulencia e as mil lembranças da sua existencia feliz são mais mil espinhos na sua atroz agonia. Já não tinha um braço, as phalanges da mão do outro braço tinham desaparecido; os olhos eram duas chagas abertas.

Que medonho espectáculo!

Passamos, ao deixarmos este horroso lugar, por uma escola. Parece um coreto d'uma orchestra, tendo algumas mezas e uma louza. N'esta, uma menina escreveu

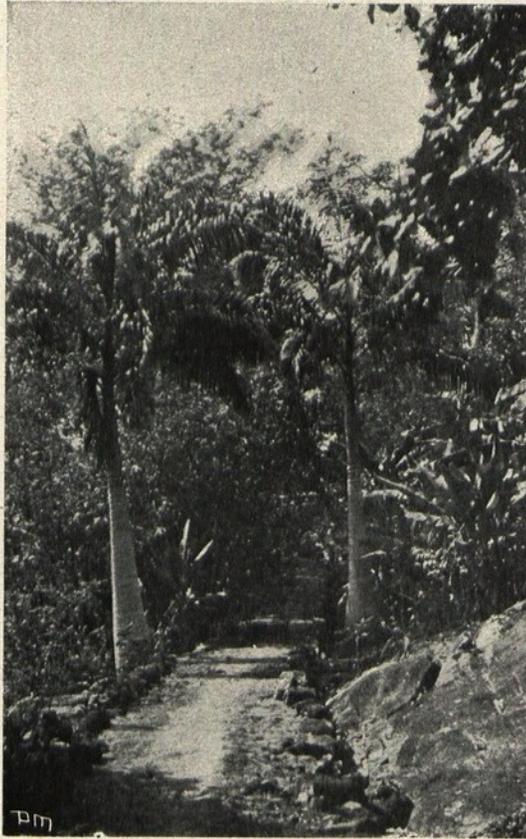
com letras enormes, em lingua ingleza:

— *Padre nosso que estaes no Ceu...*

O *Padre Nosso!* O appello commovente da creatura ao Creador; ironia amarga n'este logar maldito!

E sem nos dar grande attenção, ia proseguindo:

— *Seja feita a vossa vontade...*



UMA AVENIDA DE PALMEIRAS



Mysticismo christão

III

A comunhão da Terra

*Antigamente a Terra era mais só
Do que um orphão sem mãe e sem carinhos
Um deserto sem fim. Calhaus e pó
Lançavam maldições pelos caminhos.*

*Nem lyrios, nem jasmims, nem rosmaninhos,
Nem sorrisos de flôr, a flôr do pó...
Nem a orchestra musical dos ninhos...
A Terra era mais pobre do que Job...*

*Ora um dia, porém, cheio de luz,
Christo desceu do céu, subiu á cruz
Para abrir os portaes da Nova Vida...*

*Seu sangue gottejou, correu no chão
Em vermelho caudal e foi então
Que a Terra começou a ser florida.*

IV

O Christo dos pequeninos

*No Levante, ao sol-pôr, quando esmorece,
Pelo crepuscular, nas vagas kerulas
Um diluvio phantastico de perolas
Irisa todo o mar que um beijo aquece...*

*A Noite lenta vem! Como uma prece
Do moribundo á hora da agonia
Com tremulos convulsos desfallece
N'um poente de angustia a luz do dia.*

*Era por essas tardes sob os lindos
Olhares hebraicos de gentis morenas
Que o bom do Christo ao pé dos tamarindos*

*Tinha a hysteria dos impetos divinos
E afogando as coleras serenas,
Falava ao coração dos pequeninos...*

Eduardo Metzner.



SOUBERA QUEM ELLA ERA ANTES DE SAIR DA OPERA . . .

LADRA!



SOL escoava-se por entre os telhados vizinhos e uns raiositos pallidos procuravam, vagabundos, levar um pouco de luz a um quarto n'um terceiro andar. Era um typico escriptorio londrino,

tendo por unico ornamento as flôres côr de rosa que se espalhavam no papel da parede, desenhadas por mãos de um genio desconhecido. A pedra do fogão sustentava um grande numero de livros de commercio. Caixas pretas de folha forravam os cantos. As mesas e secretarias estavam cheias de massos e massos de papeis, no meio dos quaes se erguia o telephone como um pharol em miniatura.

Quem estava no quarto era tão pouco attrahente como este. Havia tempo que esse sujeito estava assentado á secretaria, preocu-

pado e sombrio. Apesar de tudo quanto tinha conseguido João Chubb não se impunha. O seu pequeno bigode, os seus raros cabellos davam-lhe um ar humilde e inoffensivo que a sua pallidez, os hombros curvados pela vida sedentaria completavam. Um observador casual podia não ver a força e decisão que se lia na fronte e no queixo. Ninguém subia, como elle subira de negociante de louça a retalho, á altiva posição de um principe do commercio, administrando fabricas, sem essa qualidade.

N'este momento em que João Chubb meditava taciturno, havia um certo apertar de labios que denotava decisão. Tinha o habito de levar a cabo as suas ambições por mais impossiveis que parecessem, comtudo ha coisas que estão fóra do alcance do homem mais energico, e uma d'ellas, é a sympathia de uma rapariga.

Na sua mocidade trabalhosa, João não ti-

nha tido tempo para romances. Talvez fôsse essa a razão porque João Chubb na sua idade madura se rendera tão extraordinaria e rapidamente. Entre os seus livros de contas e elle, tinha-se mettido um rosto de mulher e para procurar possuil-o, tinha deliberadamente deixado a sua provincia, e posto de lado os seus deveres de cidadão.

Fizera as malas, levando para Londres o seu coração apaixonado, para principiar a subir a escada do amor desde o primeiro degrau. E era bem alta a escada que separava o vereador municipal João Chubb, da muito nobre fidalga Phyllis Chisholm, tão alta, como é grande a distancia que separa a Camara Municipal de Birmigham, do foyer da Opera do Convent Garden, onde pela primeira vez esse rosto puro e infantil cercado de cabellos loiros, deslumbrára o seu olhar. Soubéra quem ella era antes de sair da Opera, e, apesar d'isso, não desistira do seu intento. Homens tão desastrados e ignorantes dos usos da sociedade como elle, tinham conseguido introduzir-se na atmospha rarefeita, onde Miss Phyllis e suas eguaes viviam. Com inalteravel resolução João começou a caminhar tambem.

Um anno de incessante trabalho tinha-o levado gradualmente até ao alvo dos seus desejos. Depois de ter perseguido Miss Chisholm com uma insistencia que não reconhecia desfeitas, conseguira encontral-a na festa de caridade a mais cara da estação e por meio das suas prodigalidades ganhára as sympathias na barraca que tinha em Miss Chisholm o seu mais formoso ornamento. Os sorrisos que aquella tarde lhe tinha grangeado, animaram-n'o a approximar-se d'ella; e á noite quando se juntaram n'uma outra festa igualmente imponente, conseguiu, com infinita diplomacia, ter um *tête-à-tête* com Phyllis e aproveitou a occasião para se declarar. A recusa formal de Miss Chisholm tinha sido acompanhada de um certo desprezo que ainda n'este momento, ao recordar-se d'isso, lhe agitava o sangue nas veias.

E apesar de tudo João Chubb não tinha em nada desistido do seu proposito. Miss Chisholm era pobre para a sociedade em que vivia e por emquanto não pertencia a nenhum outro homem; e por isso João Chubb assentado á sua secretaria, ainda fazia castellos no ar. Desde o *lunch* que não trabalhava.

Mostrou a importancia que dava aos seus sonhos pela irritação que manifestou quando ouviu abrir a porta. Voltou-se com uma severa reprehensão nos labios, reprimenda que morreu, sem ser ouvida, enquanto olhava espavorido para o cartão de visita que o empregado tinha posto sobre a secretaria. Porque déra mais um passo para o seu alvo, mas um passo estonteador, um salto immenso. Tão inesperado e tão grande que se sentia quasi fulminado. O bilhete era de Miss Chisholm!

— Disse-lhe que V. Ex.^a só recebia visitas a horas marcadas, mas essa senhora insistiu, dizendo que a receberia.

— Mande-a entrar.

O empregado saú, Chubb ficou só tentando recuperar o sangue frio... D'ahi a um momento Miss Chisholm estaria ali! Não só estariam os dois sósinhos — um facto bastante significativo — mas tinha sido ella que o procurára. Tinha deixado os parques floridos e as praças luxuosas e aventurára-se na sordida City, no seu eterno rugido e no seu traffico! Tinha-o procurado a elle, João Chubb; esse intangivel pirilampo que perseguira tão desesperadamente durante este anno d'angustia. Readquirira já o sangue frio quando a porta se tornou a abrir e levantou-se para lhe falar com a sua impassibilidade de todos os dias. Miss Chisholm adeantou-se com um ar um pouco embaraçado apesar do seu natural sangue frio.

— Espero que não estivesse muito occupado, Mr. Chubb. Não o demorarei. Era... era... Precisava falar lhe com urgencia.

Chubb voltou para a secretaria observando a sua subtil elegancia com renovada admiração. Cada um dos seus movimentos era uma revelação; o menear da sua cabeça tão bem feita, a inclinação do seu chapéo, o indiscriptivel alvejar de vaporosas rendas que se viam quando ella cruzava as pernas mostrando um pouco o pé bem calçado e tendo atravessado sobre os joelhos, o chapéo de sol, procurando parecer á vontade.

E o seu rosto esquizito como uma petala de rosa brava, voltava-se para elle, mostrando a curva altiva do pescoço, o nariz pequeno e mobil, a bocca docemente expressiva. Havia muitas raparigas tão bonitas como Phyllis Chisholm, algumas muito mais bonitas que ella, mil tão bem vestidas, mas, para João Chubb, bastavam os atribu-

tos da sua classe para a separar e distinguir das outras mulheres.

Apesar da importancia do seu negocio, Miss Chisholm não parecia ter pressa de o revelar. As mãos brincavam nervosamente com a sombrinha, com o olhar percorria o quarto como procurando um objecto que a distrahisse.

— Como este quarto revela uma vida de trabalho! Tem a certeza que o não incomodo?

— Estou ao seu dispôr, toda a tarde, se quizer.

— Oh! não; tenho de me ir embora já, — d'aqui a bocadinho.

As palavras saíam-lhe febrilmente, e estava muito córada. O peito arfava-lhe com evidente agitação. Sentia zumbidos nos ouvidos, um murmúrio monotonico e constante que provinha, provavelmente, da difficuldade que tinha em respirar. Obrigou-se a olhar para o homem que lhe estava frente e o seu aspecto banal tornava-lhe a tarefa mais facil, mas mais odiosa. Se olhasse muito mais tempo para elle não o poderia fazer.

Tinha vencido o seu orgulho e os seus preconceitos a ponto de vir a este escriptorio. Agora que ali estava era absurdo hesitar. As delicadas feições tomavam uma expressão dura. Quando se está resolvido ao suicidio é melhor acabar com isso o mais depressa possivel. Seus labios seccos pronunciaram as palavras:

— A semana passada perguntou-me se queria casar comsigo.

Estas palavras eccoaram no silencio. Não podia olhar para aquelle rosto sem expressão. Conservava os olhos meio cerrados. Agora que a sua tenção se revelára em toda a hidionda nudez, faltou-lhe a coragem. Oh! mas faltou-lhe de todo. Se ao menos um tremor mandasse um terremoto serviçal que a soterrasse, ou rebentasse um incendio que a consumisse ali, no mesmo instante, antes que aquelle provinciano timido e boçal pudesse responder.

A natureza comtudo é parcimoniosa com os seus cataclismos; nada aconteceu, a resposta que ella esperava, veiu.

Levou tempo em vir, mas é preciso lembrar que as grandes alegrias paralytam tanto as faculdades como os grandes desgostos. Agora que Miss Chisholm estava ao

seu alcance, parecia-lhe mais impossivel de a obter do que n'aquella primeira noite em que a via tão longe, embora uns metros apenas separassem a sua cadeira de balcão do camarote onde ella estava. Mas ali era parte d'uma architectura social que se podia vencer, aqui era ella propria em todo o deslumbramento da sua belleza, infinitamente separada de toda a sordidez d'este mundo.

Mas o facto d'ali estar só podia ter uma significação; a mais estupenda de todas. D'algunha maneira precisava d'elle; precisava, d'uma maneira tão desesperada que não tivera tempo de o mandar chamar. Tinha vindo ella propria offerecer se.

Houve jamais coisa assim tão fóra do natural e das convenções!

— Sim, minha senhora, perguntei e pergunto-lhe ainda.

Por sua felicidade, a voz não revelou a grande commoção que sentia. Essa tranquillidade serenou a rapariga. Tratava a sua visita como um assumpto puramente commercial. Ella tinha de a considerar da mesma maneira.

— E eu venho dizer-lhe que sim.

Miss Chisholm não tinha para a auxiliar tanta força de vontade como Chubb. E mau grado seu, titubiou. Mas... as palavras tinham sido ditas.

Houve uma pequena, mas terrivel pausa. Nos olhos d'esse homem brilhára uma chama e corára d'uma maneira ridicula. Apesar dos seus cabellos brancos, era um homem de imaginação e estava realisando o que significavam aquellas palavras. O seu instincto comtudo era muito fino e sabia que não a devia assustar. Falou por intuição:

— Muito obrigado. Sabe quanto lhe serei sempre grato.

A rapariga estava em pé. O vestido fluctuava-lhe em volta como um véo diaphano. Um chapéo de leves plumas ensombrouva o dourado de seus cabellos e o rosto delicado estava pallido e resolutivo n'este momento.

Deitou a cabeça para traz n'um gesto subito e disse bruscamente o motivo da sua visita:

— Se eu estivesse n'uma afflicção... o senhor... o senhor... ajudar-me-hia, não é verdade?

Uma onda de compaixão invadiu esse cora-

ção de homem, ella estava em terrivel afflicção via-se isso escripto na intensidade do seu olhar. E viera ter com elle!

— Sem duvida nenhuma.

— Sabia que me ajudaria. Preciso de cem libras, agora, n'este momento.

Já adivinhára que era dinheiro que ella queria, mas podia-lh'o dar e n'isso estava a sua gloria, o seu triumpho. Viera ter com elle no seu desespero, tinha vindo e tornaria a vir, certa sempre da sua generosidade, nenhum outro homem daria como elle dava.

Nunca João Chubb sentira, em toda a sua vida, tal orgulho nos seus milhões; porque hoje podiam-lhe comprar o desejo do seu coração; gastos assim, sem conto, estravagantemente, prodigamente, obter-lhe-iam com o tempo a gratidão d'ella, a sua absoluta dependencia... quem sabe! o seu amor, talvez...

Puxou para si o livro de cheques como um feiticeiro puxaria a sua varinha de condão. Viera buscar dinheiro e isso era a unica coisa que lhe poderia dar — e com que abundancia! Cem libras! Que pena! era tão poucol era uma somma tão pequena.

— Pago ao portador.

— Um cheque não, não ha tempo.

Este modo de falar attraheu-lhe a attenção, ficou com a penna suspensa no ar. Ella sentiu uma mudança, e falou com rapidez febril.

— Os bancos fecham ás quatro, faltam só dez minutos. Não posso de modo nenhum chegar a tempo de o receber. E'-me preciso dinheiro. Ouro, prata, muita prata, e algum cobre, não muito, mas algum, e uma ou duas notas de cinco libras. Parece-me que havia tres.

Levou as mãos á cabeça, apertando-a, com um gesto louco, como procurando concentrar as recordações, e não viu a suspeita insinuar-se no olhar do homem que a observava. Que divida tão exquizita era esta que ella queria pagar!

— Porque deseja dinheiro?

Phyllis perdia o sangue frio.

— Isso não importa.

A prudencia que o tinha ajudado a ganhar os seus milhões manifestou-se, assim como a teimosia tão conhecida dos seus antagonistas.

— Desculpe-me, disse, importa-me tanto que não mando ao banco sem saber a razão.

— Será já tarde!

Os olhos da rapariga fixavam-se no relógio, o seu tic-tac parecia escarnecel-a. Cada pancada era mais um momento que a aproximava da vergonha! A frieza de Chubb, assentado na sua cadeira, com os olhos fitos n'ella, a expressão sombria e condemnatoria augmentava com a agitação da rapariga. Havia ali um erro e erro grave; lia-se medo nos olhos de Miss Chisholm.

— Já lhe disse que lh'o dava se me der a sua rasão.

Quando se está entre o remedio amargo e a morte, não se hesita.

Miss Chisholm, muito pallida, disse pronunciando distinctamente cada palavra.

— O *comité* do bazar reúne ás cinco, e eu tenho de lh'o restituir.

Ainda bem estas palavras não tinham sido ditas, já o teiephone trabalhava. Mr. Chubb dava as suas ordens e Miss Chisholm ouvia-as como em sonhos, tinha a consciencia d'um allivio infinito, sentindo-se comtudo como que opprimida por insupportavel horror. Tinha comprado esse allivio bem caro.

— Estará aqui em dez minutos.

Acordou percebendo que Chubb lhe falava, era preciso dizer alguma coisa, agradecer, explicar-se.

A sua voz não estava muito firme.

— Não sei como agradecer-lhe. Só sube hoje que seria discutido no *comité*. Ninguem me disse nada. Isto mostra o que valem os amigos, não é verdade? Ouvi-o por acaso no meu club; é uma mulher que está fazendo tudo isto, já se vê. Não sei como fui assim tão tola. Não posso imaginar como o fiz.

Apertou as mãos n'um gesto de angustia. Parecia ainda mais creança ali assentada, tão fragil na sua dispendiosa belleza. Tinha de se justificar mesmo para salvar o seu orgulho; não podia supportar a idéa de ser julgada por aquella creatura tão vulgar, que ali estava. Além d'isso era um allivio falar, enquanto falava, evitava pensar.

— Ganhou-me muito dinheiro ao *bridge*, tenho a certeza que faz trapaça, ninguem tem assim tanta sorte! Podia-lhe ter pago se ella tivesse tido a decencia de esperar, mas é um perfeito demonio. Tem sempre tido ciumes de mim por causa de Re... de meu primo. Pensou em envergonhar-me deante d'elle. Ai, como é mes-

quinha! E está no *comité* do bazar, já lhe paguei, de modo que me não podia atacar por causa da divida do jogo; e é esta a sua vingança. Ah, meu Deus, meu Deus! como pude fazer semelhante coisa, como pude! estava doida com certeza.

— Tirou cem libras?

A pobre rapariga empallideceu.

— Na... não, isto é, são todos muito descuidados nos bazares. Não queria tirar. Tinha mettido muito dinheiro no saquinho que trago á cintura e quando dei contas esqueci-me d'elle; só o achei quando cheguei a casa. Supponho que o devia ter mandado a Mrs. Copper — sei que o devia ter feito — mas essa mulher tinha-me tornado a escrever... o dinheiro estava ali em cima da meza; eu já tinha dado as contas — ninguem dissera nada — oh! porque é que Mrs. Copper na occasião de dar as contas não havia de dizer que era pouco! mas, não disse nada... agradeceu-me; ninguem teria suspeitado se não tivesse pago immediatamente a minha divida. Fui uma parva!

— Disse que o *comité* do bazar reune hoje; é para discutir esse assumpto?

— Não. E' uma reunião para receber as contas, mas sei que essa mulher vae levantar a questão. Ai, mas agora vou-lhe trocar as vasas; vou mandar o sacco a Mrs. Copper dizendo que só hoje foi encontrado pela minha creada. Bemdito seja Deus! Muito e muito obrigada, sr. Chubb. Senão m'o tivesse dado...

Fechou os olhos e balançou-se ligeiramente, estremeçando.

— Mas deu-o, deu-o! Ninguem o saberá nunca. Como lhe estou grata! Cumprirei a minha palavra, direi a todos que sou sua noiva; se quizer pode mandar a noticia para os jornaes. Viverei em Birmingham. Verá que não faltarei á minha palavra!

Mas o horror d'essa vida era tão intenso e tão claro, que o homem menos sensível se sentiria magoado com aquella promessa, e Chubb era profundamente sensível.

Raro era, comtudo, que qualquer manifestação d'isso se revelasse exteriormente. A natureza envolvera n'um envolvero tão rude, essa alma forte e honesta que mesmo agora, na incommensuravel amargura que o invadia, a sua voz conservava-se banal e impassível.

— Ha uma coisa que não posso com-

prehender. V. Ex.^a mostra bem claramente a sua opinião a meu respeito — ou antes, o que sente por mim. Eu não lhe sou nada. Tem muitos amigos e amigos ricos, para quem cem libras é uma bagatella. A tia, com quem vive.

— Essa falaria.

De novo o rosto de Miss Chisholm empallideceu de terror só com essa idéa, e articulou com difficuldade estas palavras:

— Não tenho confiança n'ella.

A suspeita infame levantava a cabeça. N'esse appello que lhe era feito escondia-se alguma coisa. Quanto mais contemplava a sua belleza, mais realisava com amargura que devia haver centenaes d'homens na sua esphera — amigos intimos — que se teriam considerado felizes por lhe emprestarem essa insignificante somma, porque preferira então immolar-se assim —, vindo como supplicante junto d'elle, a quem desprezava e por quem sentia repulsão? A gloria do seu triumpho desaparecia. Qualquer coisa lhe dizia que não era um triumpho mas sim um escuro mysterio que elle tinha de desvendar.

— Mas não havia outros — outros homens.

— Todos elles conhecem Rex.

Miss Chisholm tinha apenas vinte annos e a arte de enganar era-lhe ainda desconhecida. A vergonha da sua queda pesava sobre ella em ondas que submergiam a prudencia. Só um pensamento a dominava. «E' preciso que Rex não saiba». Esta era a razão que a trouxera ali áquelle mundo tão distante, tão differente do seu. Chubb leva-la-hia para longe, enterra-la-hia no lodaçal d'uma monotona cidade de provincia, longe de todo o brilho da sua vida radiante, longe de todo o calor e de todo o amor e alegria, nos quaes se tinha deleitado durante esses dois ultimos annos. Mas isso era melhor que... Sentiu a colera domina-la perante a estupidez d'esse homem que não comprehendia quão inevitavel o seu passo tinha sido. Pois elle não comprehendia como estava affastado do seu mundo? Como era certo o enterrar-se com todas as suas faltas se casasse com elle? Já dissemos que Miss Chisholm não era versada na diplomacia. Era nova, e a mocidade poucas vezes reconhece que os outros tambem podem sentir; as suas proprias emoções

são tão empolgantes, o seu egoísmo tão absorvente.

A rapariga estava dominada pela vergonha, parecia-lhe que o mundo não continha senão essa tragedia. E aquelle homem que tinha de desempenhar um papel n'ella, estava estupidamente assentado sem comprehender quanto era inevitavel a crise.

— Ah! não pode comprehender!

E inconsciente no seu desgosto, deu um murro, sobre a secretaria, com a sua mão-sinha fechada:

— O senhor não está no nosso mundo. Não nos conhece, veio de Birmingham! de-

estavamos para casar no outomno—mas teria sabido e isso é que eu não posso suportar. Prefiro perdê-lo a perder a sua estima.

— Vale a pena casar... mesmo consigo!... Não havia mais ninguém?

Miss Chisholm não reparou no cynismo com que estas palavras foram ditas. A sua preocupação era demasiada intensa para pensar.

— Não, não havia nada a fazer. Pensei no suicidio, mas seria mais escandaloso ainda e daria que pensar. Parece-me que isso havia de custar mais a Rex, o casar



TIROU CEM LIBRAS ?

certo que tenho amigos que m'ò teriam emprestado. Mas todos elles conhecem essa mulher e teriam adivinhado a verdade. Mas se eu confessasse e pedisse segredo—elles sem quererem, fracos perante a tentação, ora! diriam. Essas coisas sempre se veem a saber! Nunca estaria socegada.

— Mas não disse que já se falava ?

— Sim. Mas por emquanto é apenas um boato e Rex não acredita esses boatos. Elle ama-me, ama-me, ama-me! Ficaré furioso com esses bisbilhoteiros. Ficaré furioso com essa mulher, e acreditará em mim, estimar-me-ha e isso é tudo que me importa. Elle mesmo m'ò teria emprestado—pois se nós

consigo é uma coisa honesta, julgar-me-ha inconstante. Ha tantas mulheres que o são. Ficaré zangado, mas não lhe fará mal. Não acha que não lhe fará mal? Eu não posso pensar, sinto a cabeça esvaída. Tenho chorado tanto!

O seu orgulho desaparecera, varrido pela desolação que a consumia. Esse boçal que ali estava a olhar para ella, era apenas um fantoche, uma coisa que pertencia á *mise-en-scène* que a cercava. As lagrimas deslisavam-lhe pelas faces, chorava com inteiro abandono, esquecendo tudo o que não fosse a sua magoa. Pois havia de renunciar a tudo que amava; de se sacrificar, de

sahir do paraizo para entrar na escuridão e no horror, tinha de se dar a João Chubb. Comtudo ás vezes encontram-se d'esses fantoches boçaes com sentimentos, sentimentos que devastam ferozmente esses seres inertes. Um incendio causado pelo ciume e pelo amor invadiu João Chubb. Apesar da sua apparencia insignificante, era homem e um homem forte e dominador. O mais fraco dos fracos não pode deixar de estremecer com o desprezo da mulher a quem deu o seu coração pusilanime; quando um homem do calibre de João Chubb é tratado como por demais, desgraçada da mulher que assim lhe mostra o pouco apreço em que o tem.

A sua virilidade revoltou-se e foi mais forte que a sua paixão. Como poderia um amor, como o d'elle contentar-se simplesmente com o desejo satisfeito? Tinha edificado um templo feito de todos os seus ideaes para ali dar abrigo e render homenagem ao objecto do seu amor e... oh! desgraça, esse idolo era de barro e os seus ideaes tinham-se feito em pó em volta d'elle. Em pé, sobre essas ruinas, ousava ainda escarnece-lo e desprezar o seu amor! *Ella* que tinha caído tão baixo!!

O instincto animal que existe em todo o homem, que é verdadeiramente homem, fez-se sentir no coração de Chubb, um instincto que lhe gritava mostrasse o seu poder voltando-se e dilacerando a presa que o escarnecia.

Sentiu como que um nó na garganta que lhe tornava a voz rouca; a mão tremia-lhe sobre a secretaria.

— Um momento. V. Ex.^a tem sido a unica a falar, mas eu tambem tenho que dizer. Pode ser que lhe valha a pena casar — mesmo commigo — e eu? Supponha que tenho cá uma idéa de desejar para minha mulher uma mulher honesta? Supponha que recalcitro — como qualquer dos seus amigos da alta, faria — como faria o seu primo — com a idéa de casar com uma ladra.

— Uma ladra!

Phyllis em pé olhava-o espantada. Elle obrigára-a a encaral-o. A rapariga, observava-o como se fôsse um objecto monstruoso que se tivesse entromettido obscurecendo tudo mais.

— Uma ladra! Uma mulher que recebe os agradecimentos do publico e a sua cari-

dade, e sorripia o dinheiro das amigas para pagar as suas dividas de jogo. A minha nota de cinco libras não lhe sujou os delicados dedos. E veiu ter commigo offerecendo-se-me, como se me conferisse um favor. Olhe, está tudo muito bem; eu darei o dinheiro; mas dou-o como preço da minha liberdade.

Eram asperas estas palavras mas os factos de que se tratavam eram tambem bem asperos. Ha certas situações nuas e elementares, nas quaes as delicadezas sociaes se desvanecem e a crueldade polida encontra o seu egual n'uma investida grosseira de animal ferido.

— O senhor... não... me quer?

— Querêl-a, a si?!

A porta abriu-se e felizmente a palavra que estava prestes a sair dos labios de João Chubb, não foi pronunciada; ha certas coisas que uma mulher nunca esquece, e a João Chubb, foi poupada a amargura da recordação que teria vivido com elle toda a sua vida, se o empregado não tem entrado n'aquelle momento.

Trazia o dinheiro que tinham mandado do banco, collocou-o sobre a secretaria e saíu fechando a porta atraz de si.

Este momento de intervallo deu tempo a Chubb para recuperar o seu sangue frio. Agarrou o sacco de dinheiro e atirou-o n'um movimento brusco para a rapariga.

— Ahi o tem, tome-o e vá-se embora.

— Agora, não posso!

Conservava-se immovel, olhando para elle com os olhos muito abertos e os labios brancos, desolada.

— Que quer dizer?

Falava com selvagem dureza porque o olhar para ella dilacerava-lhe o coração.

— O que quero dizer? exactamente o que disse. Agora, não posso receber o seu dinheiro, disse que não me queria, não tenho nada... que lhe dar em troca.

— Mas o escandalo?

— Tenho de o afrontar.

O pae de Phyllis tinha morrido na guerra e n'este momento ella parecia-se extraordinamente com elle; procurando ás apalpadelas a sua sombrinha.

Aquelles olhos infantis estavam dilatados pelo mêdo e comtudo lia-se n'elles uma inalteravel resignação. Tinha de afrontar o fogo.

— Espere, espere, mas seu primo saberá.

— Bem sei.

— Aqui tem o dinheiro, eu prometti-lh'ô.

— Sim, mas foi quando me julgou digna de ser sua mulher. Como se chama isto? . . . Fraude? Roubei uma vez mas não sou uma ladra, abusaria da sua promessa se não lh'a devolvesse. Foi porque não pensei, não comprehendí.

Com um pequeno soluço voltou-se para a porta procurando ás cegas o fecho. De repente o seu caminho foi impedido. João Chubb estava entre ella e a porta.

— Espere ahí!

A sua voz ainda estava rouca, mas não estava ridiculo. Graças a Deus! Ha momentos em que a humanidade irrompe viva e palpitante e as convenções feitas pelo homem mostram o que são; apenas umas pobres cinzas. N'estes momentos Deus dá dignidade a todo o homem.

— Tem de receber aquelle dinheiro, contrahiu essa divida para commigo, tem de o receber.

— Não posso.

— Pode, sim. Escute-me. V. Ex.^a e a sua roda, quando pensam em mim, se é que pensam, julgam-me um ambicioso banal, Não o sou. Sou apenas um homem apaixonado. Apaixonei-me por si á primeira vista. Via-a na Opera a primeira vez que lá fui. Tinha vindo a Londres tratar d'um negocio e quiz ver o que aquillo era: e via-a. Nada tenho que lhe dizer senão. . . que a amei — que me apaixonei como qualquer rapazola se apaixonaria — como deve ter acontecido a muitos, sem duvida. Mas estava acostumado a lutar por tudo quanto queria e a obtel-o. Eu, um homem rico, um vereador, director d'um hospital geral, um dos homens importantes de Birmingham; e com-tudo estava tão affastado de si e do seu mundo como se fosse um varredor de ruas. Mas tinha dinheiro, e o dinheiro tem ajudado muita gente a approximar-se das suas eguaes e ajudou-me a mim tambem. Foi um trabalho arduo. Caridade, politica — luvas para mãos titulares — não houve nada a que me não abaixasse. Subi! subi até chegar a falar-lhe. Pelo meus calculos este ultimo anno deve ter-me custado cincoenta mil libras — mais ainda, muito mais — e que ganhei eu? Subi até á sua indiferença, e da sua indiferença até ao seu desprezo. Só isso — agora em paga de tudo quanto

gastei para me approximar de si — em paga de tudo quanto perdi — receba estas miseraveis cem libras e deixe-me a consolação de sentir que lhe prestei um serviço. Nada mais quero.

— Casarei comsigo se me quer.

— Oh! meu Deus, meu Deus, se a quero! . . . Mas quero antes de tudo, quero que seja feliz. Tome esse dinheiro, faça calar essas linguas viperinas. Não discuta!

— Sim, mas o senhor?

Apesar de nova, o seu instincto de mulher tinha accordado. Com um pequeno grito d'angustia voltou-se para elle pondo as mãos n'um sentimento de piedade pelo seu amor.

— Eu, o quê? Pois tem pena de mim! Levarei commigo essa recordação. Não lhe falei no meu amor para isso. Só queria mostrar-lhe que devia deixar que a ajudasse. Julguei que me desprezaria ainda mais. E. . . tem pena de mim. Vá-se embora, vá, quero ficar com a recordação d'esse ultimo olhar. Não se demore, pode tornar a lembrar-se da grande distancia que ha entre nós.

Avançou um passo affastando-se d'ella como para tirar o seu corpo desgeitoso da sua vista; mas uma mãosinha febril apertando a sua chamou-o de novo.

— Aceitarei, e ser-lhe-hei grata toda a minha vida. Como me poderá perdoar o ter sido tão mesquinha e cega? Oh! por favor deixe-me dizer-lhe — obrigada.

Chubb pegou no sacco e poz-lh'ô nas mãos. Dominava perfeitamente a sua commoção, mas a sua recente dignidade ainda o cercava.

— Tome, minha filha, disse elle, olhe que pode chegar tarde. Seja feliz.

— Uma ladra feliz?!

— Não é uma ladra, é apenas uma creança que se viu entre a espada e a parede e estendeu cegamente a mão em defeza propria — não pensando — como disse. Quando pensou, foi bem honesta. Veiu comprar esse dinheiro com a sua pessoa. Fui brutal para comsigo e nunca o perdoarei a mim mesmo.

Parou subitamente. Aquelle rosto inundado de lagrimas teria suavizado um coração mais duro do que o de João Chubb.

— Fui brutal, repetiu elle com voz rouca. Mas quando se está torturado, bate-se ao acaso, sem saber, sem pensar. . . Vá. . .

veiu para se enterrar. Enterre a sua falta. Deixe-a commigo. Pode confiar em mim, não lhe parece? Deixe-a e vá viver no seu mundo, vá para o seu primo que a ama... que a ama... que a ama... Não lhe diga nada por enquanto, elle é apenas uma creança, espere até que elle a conheça bem, depois de terem vivido juntos. Prometta-me isso para mostrar que me perdoou!

— Nada tenho a perdoar, mereci tudo quanto me disse. Mas comprehende que eu não queria roubar? perguntou ella.

João Chubb fez um signal affirmativo, não podia falar.

Em breve— muito breve— a porta tinha-se fechado e ella desaparecera. Elle conservou-se por algum tempo no quarto, d'onde a luz do sol fugira havia muito; depois voltou para o seu logar e puxou para si as cartas que descuidára. Era difficil concentrar n'ellas o seu pensamento. Tivera ao alcance da mão o seu desejo; comtudo ás vezes ganha-se mais perdendo do que conservando.

AMALIA BARBOSA.



A TROCA

(Versão de «L'Échange», de A. Dumas)

*Hoje na praia, e sempre em ti a ideia,
vendo o porvir em intenso regalo,
deixei cahir o coração na areia,
e tu passando lá, foste apanhal-o.*

*Como ha-de agora esta questão sanar-se?
Descobre tu um meio; vá, só um!
Vê que é urgente o caso liquidar-se...
Tens lá dois corações e eu, nenhum!*

*Vamos nós isto, aqui, harmonisar?
Ha mal's que vem por bens, digo-t'o eu.
Propônho-te... queres tu? Vamos trocar?...
Dá-me o teu coração e guarda o meu.*



ENTRADA DO LARGO DE SANTA APOLONIA

Arsenal do Exercito

(CONCLUSÃO)

ANTES de entrar, porém, examinemos a porta que fica no Largo do Arsenal do Exercito; foi delineada por Larre e é toda em cantaria, com columnas corinthias e trophéus militares a encimál-a.

Esse portico é tambem attribuido a Carlos Mardel, um hungaro que veiu para Portugal em 1733, com a patente de capitão-engenheiro.

D'ambos os lados d'essa entrada se vêem um morteiro de ferro, e perto da casa da guarda ainda outro. Estes tres morteiros foram trazidos do antigo baluarte d'Alcantara e mandados alli collocar pelo barão de Almofala — coronel Antonio José da Silva Leão — que foi inspector geral d'artilheria de 1834 a 1836.

Penetremos agora no vestibulo, cuja decoração mereceu a maxima attenção de Castelbranco. Consiste ella em excellentes obras de talha e magnificos azulejos, coevos da sua fundação, estatuas, panoplias, trophéus, milhares de objectos de material de guerra engenhosamente applicados, e por pinturas a oleo.

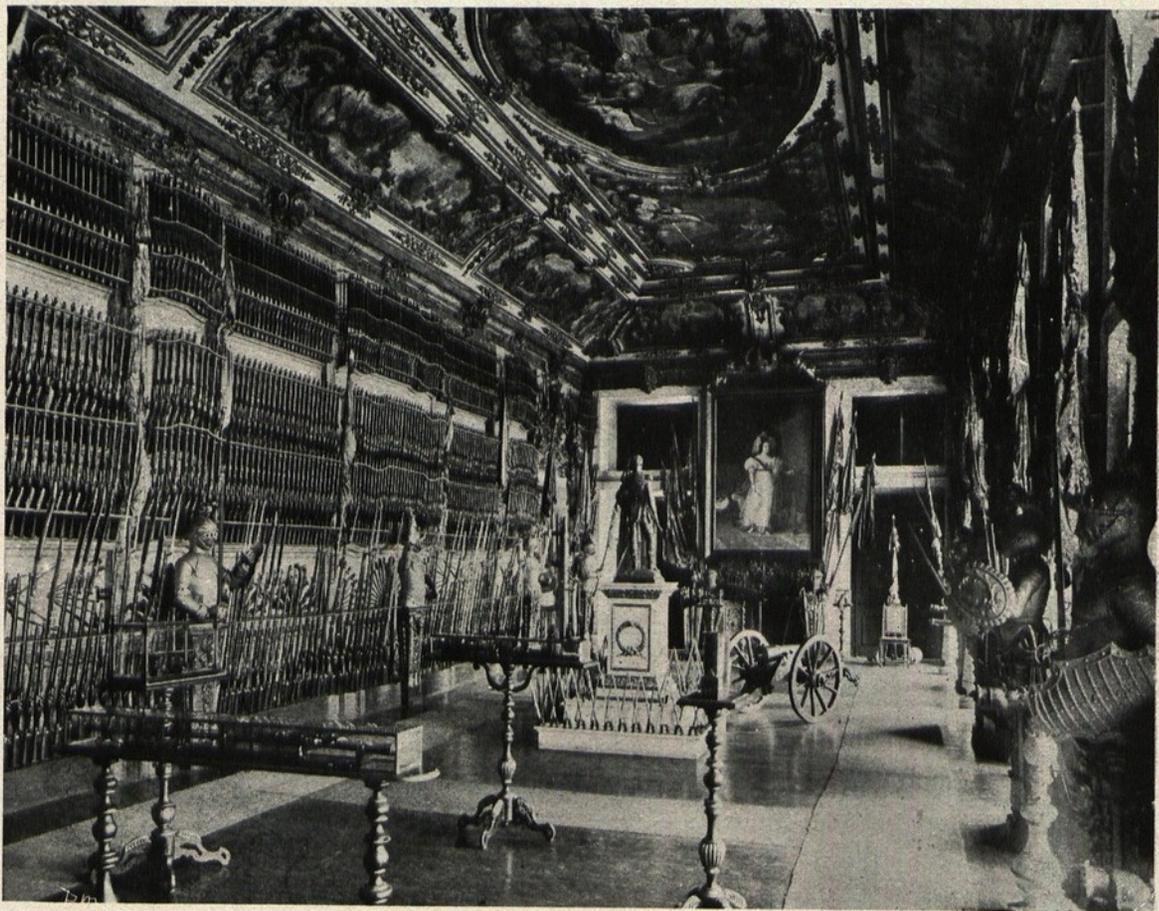
O guarda-vento — que logo se vê ao entrar do edificio — portas, tecto e paredes do vestibulo são ornamentados com objectos varios pertencentes ao antigo material de guerra.

A decoração do tecto apresenta ao centro uma figura de mulher — a *Historia* — tendo aos pés um genio que segura uma palma da victoria, e empunha na mão esquerda um distico com as palavras: *Descobertas e conquistas*. Na parte de cima, dois

genios suspensos no azul: um mostrando uma fita com a palavra *Portugalia* e o outro segurando em cada mão uma corôa de louro. A cercadura é de folhas de carvalho, e os quatro cantos têm os medalhões de D. João I, D. Nuno Alvares Pereira, D. Manuel e Vasco da Gama. Faltam ainda duas composições, visto serem tres as que se destinam a substituir a antiga decoração do tecto. Este trabalho é do distincto pintor Sousa Rodrigues.

vel, uma porta que communica para a *Bibliotheca do Museu*. . . que é só para vista, pois que querendo nós compulsar algum livro que nos esclarecesse ácerca do edificio que estamos descrevendo, nos foi dicto que *só os officiaes da arma de artilheria é que podiam lêr e consultar livros!! E' do regulamento!* Vimos em casa o regulamento, que confirmou a asserção que nos fôra feita.

A' nossa esquerda temos a sala chamada de *Vasco da Gama*.



SALA D. MARIA II

N'este vestibulo encontram-se varios utensilios de guerra, de que se destacam: dois *pedreiros*, que datam de 1670; dois *trons* ou *bombardas*, dos fins do seculo XIV; e dois *pelouros*, um arremessado pelos mouros contra a fortaleza de Ormuz em 1552, e outro tambem arremessado pelos mouros contra a fortaleza de Çafim em 1534.

Deixando á nossa direita um bofete em pau-sancto — a que está sentado um primeiro sargento d'armada reformado que faz de porteiro — vêmos, ao lado direito d'esse mo-

A decoração é do insigne artista Carlos Reis: na parede principal ostenta-se o mappa de Moçambique, e ao topo vêem-se — em medalhão — os retratos de Andrade Corvo e Mendes Leal, a quem se deve a delimitação d'aquella ilha. A' esquerda ha uma pintura toda camoneana: suppõe-se a audiencia solemne de Jupiter no Olympo, que, sentado n'um throno de nuvens, escuta Venus a dirigir-lhe uma supplica a favor dos portuguezes, apontando as naus que os levam á India e que estão na parte inferior

da tela. Venus está rodeada pelas tres Charites.

O tecto é uma grande parte da composição que tambem serviu de tecto á secção portugueza de terra e mar na exposição de Paris, em 1900. E' obra de Manini e foi offerecida a este Museu pelo Ministerio das Obras Publicas. Estão no citado tecto descriptas as viagens de exploração maritima, levadas a cabo por Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Côrte-Real e Fernão de Magalhães, e bem assim as travessias de Africa realizadas por Capello, Ivens e Serpa Pinto.

Ao centro da sala vê-se o busto de Vasco da Gama; é executado em mármore por Simões de Almeida, sobrinho.

No espelho das duas portas que abrem para o interior estão baixos-relevos representando: um a Africa e o outro a Asia; ambos são fundidos, segundo moldes de Costa Motta, sobrinho. no Arsenal do Exercito.

N'esta sala estão dois paineis, cuja pintura é egualmente de Carlos Reis.

Ha de curioso n'esta sala: *meio-canhão pedreiro*; *canhão-pedreiro*, que datam de 1495-1580; *bombarda grossa*, tomada em 1511 por Affonso de Albuquerque ao rei de Malaca, a quem foi offerecido pelo rei de Calecut; *colubrina*; *falconete*; *espingardas*, que pertencem ao seculo xv e quatro *pelouros* da praça de Diu.

Subindo a escada, chega-se ao patim onde se encontram: *peças de campanha*, de 1762, 1769, 1774 e 1775; *bacarmartes*, de 1706,

1714, etc., modelo do monumento ao Marechal Saldanha, completo; modelo do monumento que se pretendeu erigir ao Duque de Palmella, etc.

A' direita d'esse patim encontra-se a sala *D. Carlos I* — que em breve deve tomar o nome de *D. Manuel II* — que tem logo em frente um quadro de Ramalho: uma sentinella vestida com o uniforme moderno, que



SALA D. JOSÉ I

está juncto do monumento do Bussaco, divisa por entre nuvens pouco densas o desenrolar d'uma phase da guerra de 27 de setembro de 1810. Desce sobre o exercito alliado uma figura alada — a *Nação Portuguesa* — ostentando no peito a cruz de Aviz pintada na tunica; na mão direita segura uma corôa de louro, e na esquerda a bandeira nacional desfraldada. No tecto irregular vêem-se dois consolos que apoiam um ar-

chitrave dividindo a parte apainelada da parte plana. Nas faces d'esses consolos estas allegorias: a *Guerra*, a *Paç*, a *Gloria* e o *Patriotismo*. A parte plana é constituida por uma tela de Luciano Freire — que tambem pintou as figuras retro-mencionadas —



SALA D. JOÃO V

em que se faz a apothose a alguns dos principaes heroes da nossa epopêa, entre os quaes: D. Duarte de Menezes, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, Ruy Freire d'Andrade, etc. Vêem-se os retratos de D. Carlos na parede principal, e o busto de D. Manuel II, obra de Francisco Franco, esculptor moderno, encimado pelo retrato a oleo do mesmo soberano, de Felix da Costa, que pintou tambem o de D. Carlos.

As portas da parede principal são re-matadas pelos esboços dos baixos-relevos de Costa Motta e que circumdam a estatua de Affonso de Albuquerque, em Belem.

Esta sala — que é a do *Supremo Conselho de Defeza Nacional* — não está patente ao publico; só por amavel deferencia do director do Museu, é que póde visitar-se.

A sala pegada a esta — que é mais pequena e aonde se realiza a reunião dos generaes do *Supremo Conselho de Defeza Nacional* — tem o tecto decorado com dois quadros de Teixeira Bastos, allusivos ao valor militar do general Gomes Freire.

Saindo da sala D. Carlos, entramos na de D. Maria II, cujo tecto é pintado por Bruno José do Valle, Bernardino Pereira Pegado e Pedro Alexandrino. Ao topo depara-se com o retrato de D. Maria II, de pé, devido ao artistico pincel de José Raphael. Os paineis do tecto — que são allegoricos — têm grande merito e foram desenhados por Feliciano Narciso que

na pintura foi auxiliado por Bruno do Valle, Caetano da Silva, Santos Joaquim e Carvalho Rosa.

Como objectos de mais curiosidade que n'esta sala estão patentes destacam-se: modelo em gesso da estatua do Duque da Terceira; modelo em marfim da espada de honra offerecida pelos negociantes portugueses no Rio de Janeiro ao capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa,

pelos serviços por este official prestados na occasião do naufragio da nau *Vasco da Gama*, em 1849; peças de montanha, carabinas, espingardas, bacamartes, clavinhas, pistolas, espadas, floretes e sabres.

D'esta sala, passa-se á de *D. José I*, que é unicamente ornamentada em obra de talha. Tem o retrato de *D. José* e o busto de *D. Pedro III*; o resto da decora-

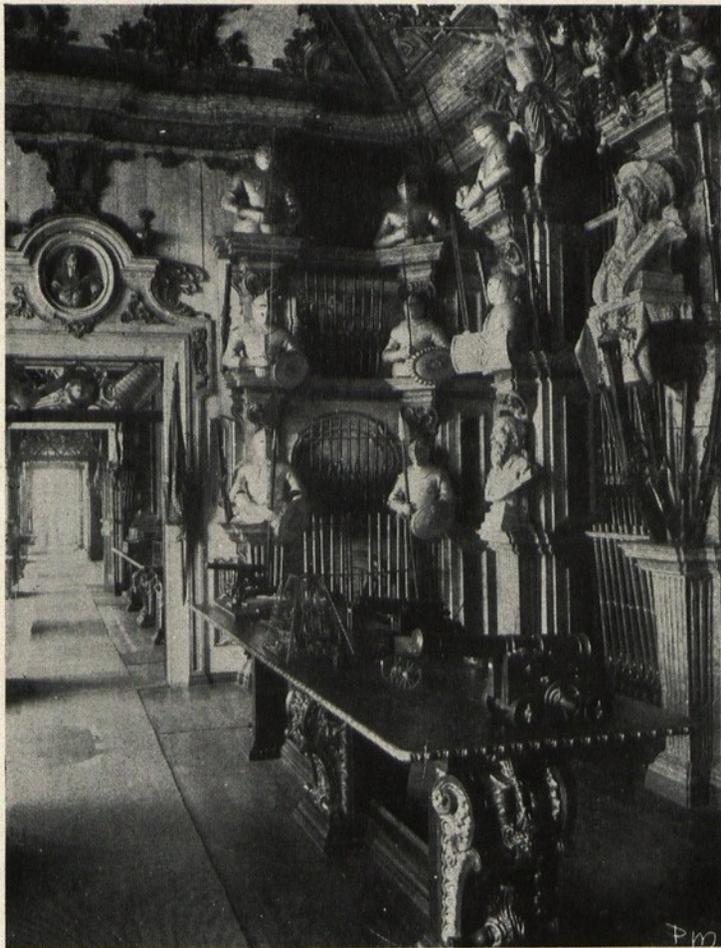
ção é constituído por quatro estatuas de madeira dourada: *Valor*, *Fidelidade*, *Vulcano* e *Marte*, devidas ao escultor Francisco Antonio. Ao centro d'esta sala vêem-se os modelos do carro e da machina para tirar da cova a estatua de *D. José*, a que alludimos, quando falámos do Arsenal do Exercito; um d'esses modelos figura no retrato que de Bartholomeu da Costa publicamos e que amavelmente nos foi cedido pelo nosso particular amigo e primeiro iconographo portuguez, Annibal Fernandes Thomaz, a quem — de passagem — agradecemos a deferencia. Além dos modelos referidos ha mais o da estatua d'aquelle soberano. N'essa sala ha ainda: pistolas, revolvers, carabinas, espingardas de epochas differentes.

Logo em seguida vemos a sala *D. João V*, que tem o retrato d'este monarcha e a fôrma — depois dourada — que serviu para o busto destinado á sala de exposição dos paramentos da capella de *S. João Baptista*, em *S. Roque*, e além do que fica dicto vêem-se

mais, em madeira, *Minerva* e *Neptuno*, assim como duas pequenas telas: o *combate de Matapan*, e o *embarque do conde de Rio Grande*. A primeira é de Arthur de Mello e a segunda de Luciano Freire.

Tem em exposição varios modelos de machinas, cabrestantes, cabrilhas, reparos, e uma vitrine com o estandarte de damasco encarnado que estava para ser hasteado nas festas reaes. E' de 1750.

Saindo d'aqui entramos na sala *D. Maria Pia*. Ornamentam-n'a os retratos d'esta rainha e do principe *D. Affonso*, ambos trabalhos eximios de *D. Emilia dos Santos Braga*. A decoração da sala consiste: nos medalhões de André de Albuquerque e Duarte Pacheco; e dois quadros: *Affonso de Albuquerque na conquista de Malaca* e a *tomada de Socotorá*. O primeiro é trabalho de Condeixa e o segundo de Jorge Colaço.



SALA AFFONSO D'ALBUQUERQUE

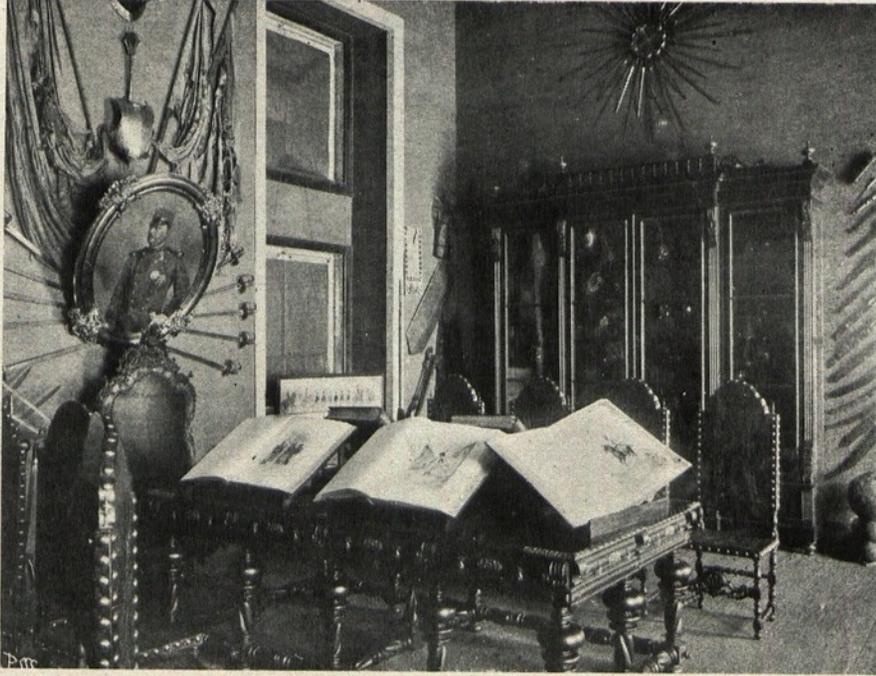
N'esta sala expõem-se modelos de machinas de brocar, de peças, de reparos, de obúzes, etc.

Temos agora ante nossos olhos a sala *D. Amelia*. Além do retrato d'esta soberana, vê-se o de *D. Luiz Philippe*. As portas são encimadas com os medalhões de *D. João de Castro* e *Nun'Alvares*. A terminar a ornamentação ha quatro estatuas de madeira: *Minerva*, *Hercules*, *Lisboa* — que tem ao lado um corvo — e *Brazil*.

Objectos expostos n'esta sala: modelos de peças, de reparos, de canhões-obúzes,

revólver Franter's, estojo com a espada do infante D. João, e chapéu armado, espada e pistola do general Antonio Candido da Costa.

Saindo d'aqui, penetramos na sala *Barão de Monte-Pedral*, o fundador d'este Museu.



SALA DA AMERICA

A sua unica decoração — além do retrato do barão de Monte-Pedral — é uma tela pequena com o retrato de Costa Cascaes, os modelos da capella de Nossa Senhora da Victoria, do monumento do Bussaco e do das Linhas de Torres-Vedras. Esses tres modelos estão sob um pequeno estrado polido que assenta sobre as quatro arestas que constituíam, com outras, a estrella do monumento do Bussaco e que foram derrubadas por um raio. Ao centro ostenta-se um busto do general Castelbranco — a quem este Museu tanto deve — executado na officina de Germano José de Salles & Filhos.

Tem varias curiosidades expostas, de que se destacam: cartuchos, balas, capsulas, espoletas, cocharras, foguetes, granadas, etc., etc., além de instrumentos musicos antigos e pertencentes a bandas marciaes.

A seguir é a sala *Europa* — a primeira das salas novas. Esta e as tres que se seguem são todas decoradas com pinturas do mestre Columbano. A meio do tecto

d'esta sala ha uma allusão a *Aljubarrota*; aos lados: *Europa*; voto de *Nun'Alvares*; *batalha dos Montes-Claros* e *tomada de Lisboa*. Afóra isso ha uma outra tela de Sousa Rodrigues: *Episodio do assedio de Lisboa*; e em frente vê-se outra de L. Freire: *Nun'Alvares*.

N'esta sala vêem-se: pendulas para marcar segundos; graphometros, verificadores, alças, trabalhos artisticos representando: a *instituição da Eucharistia* e a *Abundancia*, cunhos, bandeiras historicas, etc.

Sala *Africa*. Ao centro do tecto, allusão a *Ceuta*; aos lados: *Africa*; *descobrimto do cabo da Boa-Esperança*; *entrada de D. Affonso V em Tanger*, e *conquista de Ceuta*. Na parede principal, *D. Duarte de Me-*

nezes defendendo a retirada de D. Affonso V, pintado por Accacio Lino; em frente, outra tela do mesmo artista, allusiva ao *Infante Sancto*. Na parede principal ainda se vê um medalhão de D. Duarte de Menezes, assim como á porta que dá para a sala immediata se depara com o busto d'este insigne cavalleiro, executado por Costa Motta, sobrinho.

Expõem-se n'esta sala: modelos varios; a espada que Mousinho d'Albuquerque empunhava quando a 28 de dezembro de 1895 aprisionou o Gungunhana, em Chaimite; a espada do almirante Baptista d'Andrade, quando effectuou a occupação de Ambriz; bandeiras; a lança que pertenceu ao soldado n.º 96 do 2.º esquadrão de lanceiros 1 — Francisco Relvas — um dos mais arrojadados combatentes da campanha do Barué, em 1902; espada que pertenceu ao ha pouco fallecido general Galhardo que d'ella se serviu nas operações de Gaza, etc., etc.

Sala *Asia*. Ao meio do tecto, uma allusão a *Gôa*; dos lados: *Asia*; *desembarque de*

Vasco da Gama em Calecut; embaixada do Xequé Ismael a Albuquerque, e o cerco de Diu. Na parede principal o retrato de D. João de Castro, pintado por Mello Trigo, copia do que se suppõe authentic e que pertence a D. Thereza de Saldanha e Castro. Dois medalhões de Albuquerque e D. Francisco d'Almeida completam a ornamentação d'esta sala que contém: espoletas, granadas, lanternetas, amostras de varios minerios, bandeiras historicas, etc.

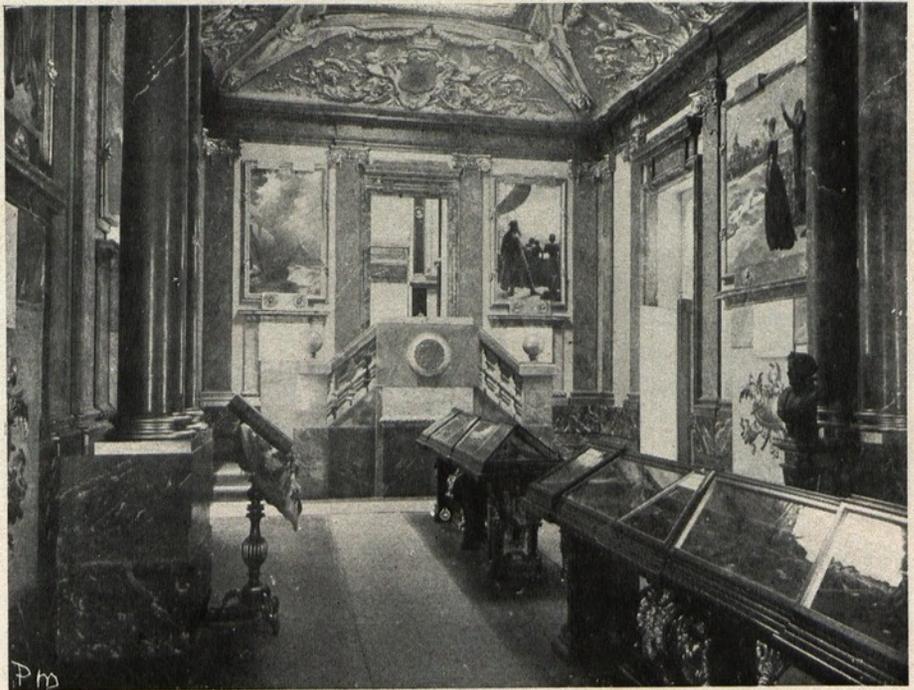
Sala America. A meio do tecto, allusão ao *Brazil*; dos lados: *America; collocação do primeiro padrão no Brazil; capitulação de Pernambuco em 1654, e os Montes-Gararapes.* Na parede principal o retrato do general Castelbranco; os bustos de D. Luiz e D. Pedro V completam a decoração da sala que apresenta capacetes, pelouros, moldes para fundição, em cêra, dragonas, charlateiras, livros com aguarellas representando varios uniformes, etc., etc.

Sala D. Pedro IV. A meio do tecto: allegoria ás *campanhas da Liberdade*; é trabalho de Columbano; aos lados: os retratos de *Saldanha, Terceira, Sá da Bandeira e D. Pedro IV.* Uma das paredes é quasi toda revestida por uma primorosa tela de Velloso Salgado: a *Patria coroando os heroes da Liberdade.* Enfeitam as restantes paredes os retratos de *José Jorge Loureiro, de Mattoso da Fonseca; conde das Antas, de Ribeiro Junior; e o de Saldanha,* offerecido ao Museu pelo commendador Guilherme João Carlos Henriques. Ha tambem um painel pintado pelo general estrangeiro Hoffmann: o *combate de Ponte Ferreira*; uma pequena tela representa a *acção da Villa da Victoria, em 1829,* offerecida ao Museu pela filha do conselheiro Luiz José da Silva, um

dos que acompanharam D. Pedro IV á ilha Terceira. Ao centro d'esta sala ergue-se o busto, em marmore, de Sá da Bandeira, trabalho executado e offerecido a este estabelecimento pela fallecida titular duqueza de Palmella. Estas as decorações da sala que expõe uma collecção de artigos que foram pertença de Saldanha; manequins com uniformes do exercito de 1833; o bastão do duque da Terceira; a espada que acompanhou Saldanha na batalha de Almoester, bandeiras historicas, etc.

Sala Pimentel Pinto. Tem um aspecto primoroso esta sala com columnas em escaiola, imitando marmore, e que encerra trabalhos picturaes de Columbano e Domingos Costa. Aquelle apresenta telas de assumpto camoneano e este brazões d'armas de Gôa, Funchal, etc. Mostra-se n'esta sala: medalhas, lanças, ferros de lanças, dois modelos em cêra representando a machina inventada por Bartholomeu da Costa, etc.

Sala D. João IV. E' pequena esta sala, mas sufficiente para ostentar os retratos dos



SALA PIMENTEL PINTO

principaes vultos da Restauração de 1640, e uma tela de Salgado: a *coroação de D. João IV.* As portas são encimadas por duas pequenas telas de Gomes Fernandes e Antonio Carneiro: a *tomada de Salvaterra e o general Mathias de Albuquerque na ba-*

talha do Montijo. O tecto é pintado por João Vaz, sendo o chão em corticite. Vêem-se n'esta sala: quatro obúzes de 1666-67 e quatro peças de bronze encontradas nos depositos militares ao tempo da Restauração de Portugal, além de panoplias, baixos-relevos, etc., que ornam as paredes.

Sala *Infante D. Henrique.* E' — pelo seu aspecto — semelhante á sala *Pimentel Pinto.* As pinturas do tecto são devidas a Domingos Costa; são medalhões de Gil Eannes,

taca, pela sua grandiosidade, o do architecto Ventura Terra.

Segundo nos confiou o general sr. Arbués Moreira, vae alli realizar-se em breve uma exposição de todos os projectos de monumentos e mais curiosidades d'essa patriota commemoração.

Em seguida é o *Gabinete do Director,* que não está patente; peçamos-lhe, porém, vénia e entremos. E' elegante, amplo, bonito, tem algumas decorações pelo tecto, e o



SALA D. PEDRO IV

Gonçalo Velho Cabral, Diogo Cão, Bartholomeu Dias e varios outros navegadores portuguezes; a parede fronteira tem uma enorme tela de Malhóa, allusiva ao infante D. Henrique e ao lendario promontorio de Sagres; tem mais cinco telas do mesmo artista, todas com epigraphes do immortal cantor dos *Lusiadas.* N'esta sala vêem-se actualmente — embora não esteja ainda aberta ao publico — os projectos dos monumentos á Guerra Peninsular, entre os quaes se des-

retrato de Castelbranco. A mobilia é toda em pau-sancto.

Ahi ha uma saída particular para o pateo aonde estão as peças mais notaveis, como as de Diu por exemplo, ficando o projecto da estatua a D. Pedro IV ao centro do citado pateo

Em seguida tomemos pela escada que ha a um dos lados e vejamos uma tela de Luciano Freire, figurando *Portugal militar e a Balistica.* O tecto — que é apainelado —

tem a figura da *Fama*, retocada pelo professor da Academia, Pietro; nos painéis vêem-se quatro medalhões com os retratos de *D. José, Machado de Castro, Marquez de Pombal e Bartholomeu da Costa*; esses medalhões são executados por Columbano. No patim está o busto de *D. Manuel*, esculpido por Fernandes de Sá, distincto artista portuense. A' nossa esquerda fica o *Gabinete do Inspector*.

Do pateo — a que acima alludimos — sae-se pelo portico moderno, da iniciativa do devotado general Castelbranco, que ainda a 8 de outubro de 1900 assistiu ao lançamento da primeira pedra d'esta fachada que dá para o largo dos Caminhos de Ferro (Sancta Apollonia). Foi encarregado do projecto o insigne esculptor Teixeira Lopes, que n'este trabalho demonstrou o quanto póde o seu talento, prenda d'essa afamada familia de artistas.

O portico é uma excellente peça architectonica, destacando-se, especialmente, o bem elaborado grupo allegorico que o remata e em que a figura da *Patria* — empunhando na mão direita uma espada, e na esquerda uma bandeira — se impõe pela sua magestade. O grupo é todo em marmore, salvo a haste da bandeira e a espada, que são em bronze. Na manufactura d'esta figura foram empregados enormes blócos de marmore, e — para se ajuizar do que affirmamos — basta dizer que o blóco que abrange parte da perna esquerda péza seis toneladas!

A construcção do portico foi feita sob a direcção do mestre do Arsenal do Exercito, Antonio Joaquim, que se houve muito

bem na ardua tarefa de que foi incumbido.

Para fechar o portico foi executado na fundição de canhões um portão de ferro todo ornamentado com diversas armas guerreiras de bem acabado desenho.

Antes de encerrar este já longo artigo, cumpre-nos dizer que o general Pedro d'Alcantara Gomes — de quem damos o retrato — foi tambem director do Museu a que nos estamos referindo; não podemos, porém, precisar a epocha certa em que occupou tão importante cargo; suppomos que fosse desde o fallecimento do general Castelbranco, occorrido no anno de 1905, até que falleceu.

Damos a noticia de que no Arsenal do Exercito continuam com grande avanço as obras para a installação das novas officinas que substituem as antigas e que ainda se vêem no Campo de Sancta Clara, e que n'estas officinas se realisou ultimamente a fundição da estatua do bispo de Vizeu, que vae ser erigida n'um dos largos d'esta importante capital da Beira-Alta.



GENERAL PEDRO D'ALCANTARA GOMES

Eis o mais resumidamente possível a descripção do Arsenal do Exercito, do Museu d'Artilheria e das respectivas salas.

O catalogo do general Zephyrino Brandão tem mais desenvolvida noticia sobre as salas alludidas; como, porém, o artigo já vae longo e pesado, ficamos nos por aqui, agradecendo ao amavel leitor a paciencia que teve em nos aturar no tão extenso caminho que vae da fundação do Arsenal do Exercito á inauguração do ultimo portico.

Mark Twain

Impressões de viagem — A Chicago Alleman

(CONCLUSÃO)



H AVERÁ coisa de um mês, dispunham-se em Berlim a celebrar o septuagesimo anniversario do Professor Wirchow. Quando chegou esse dia, a quinze de outubro, afigurou-se-me que o mundo scientifico, em péso, se havia convocado a si proprio para um ponto de reunião; succediam-se as deputações, trazendo ao heroe a homenagem e o respeito de todas as cidades, de todos os centros scientificos; durante um dia, inolvidavel, recebeu Wirchow o incenso offerecido ao seu mérito, com uma pompa ignorada de todo e qualquer mortal, assim dos tempos modernos como da antiguidade. Prolongaram-se estas demonstrações e acabaram por confundir-se com as que eram destinadas ao gêmeo scientifico da alludida personagem, ao Professor Helmholtz, cujo anniversario distava apenas três semanas do anniversario do Professor Wirchow.

Apraz-me crer que a conclusão de semelhantes festejos seria particularmente agradavel aos nossos dois sabios: mil estudantes lhe offereceram um sumptuoso banquete que se effectuou em um immenso «Hall» comprido e espaçoso, repartido, ao alto, em cinco galerias, nas quaes tomaram logar de quatrocentas a quinhentas senhoras.

A magnificente decoração consistia em feixes de bandeiras, em escudos com variados lêmmas; e a illuminação foi brilhantissima. Em todo o comprimento da sala achavam-se dispostas mèsas de vinte e quatro talheres, pouco distantes umas das outras. Quer ao centro quer aos lados, haviam

armado um estrado, alto e ricamente adornado, medindo vinte e cinco ou trinta pés em comprimento, sobre que assentava uma grande mèsas, á qual tomaram logar os seis principaes organizadores do banquete; trajavam ao uso da edade-média, representando as diversas e respectivas corporações.

Por detrás destes mancebos achava-se encoberta uma banda de musicos. Em baixo, em frente do estrado, exactamente, meia duzia de mèsas adornadas, distinguindo-se das restantes, que tinham deixado francas; a mais central era reservada para os heroes da festa, e para os vinte professores mais eminentes da Universidade de Berlim; as outras mèsas adornadas eram destinadas a um certo numero de professores mais modestos.

Coube-me a honra de ser admittido á mèsas dos dois heroes da festa, supposto me não grangear o minimo direito a semelhante favor a minha erudição. Não negarei que experimentei um singularissimo prazer em encontrar-me em semelhante companhia, e em me associar daquella fórma a vinte e três sabios, que podem permitir-se o esquecerem num só dia mais coisas de quantas eu poderia aprender em toda a minha vida.

E não obstante, não me senti acanhado, de modo nenhum, visto como, um homem instruido e um ignorante se parecem immensamente; e tanto mais, que eu sabia que, aos olhos daquella multidão, passava por ser um erudito. Bastou-me um momento de attenção para assumir e arremedar as pausas e attitudes daquelles grandes homens, e sem custo logrei parecer tão «professor» como os professores que me rodeavam.

Chegámos cedo, tão cedo, até, que apenas os Professores Wirchow e Helmholtz, e mais três ou quatro estudantes, se nos haviam antecipado. Os convidados, porém, foram affluindo em ondas, e, no espaço de um quarto de hora, achavam-se as mêsas guarnecidas de todo, e a sala a abarrotar de gente. Houve quem affirmasse acharem-se ali quatro mil pessoas. A scena era animadissima, com certeza, e dava a illusão de uma immensa colmeia. A cada cabeceira de mēsa presidia um estudante, com o trajo da corporação. Estes fardamentos são de seda e veludo; o adorno de cabeça consiste em um chapéu de plumas, ou um gôrro, grande, escossês, circundado por uma grande pluma; os mais delles usam um barretinho de sêda, posto no alto da cabeça, tal qual um pires invertido. Em dados casos, os calções são de um branco deslumbrante, em outros, de diversas côres; em qualquer dos casos, porém, as botas sobem á altura do Joelho, e são de rigor os guantes brancos; á laia de espadim, uma catana, cuja guarda, arredondada, comporta differentes côres.

Cada corporação usa um uniforme especial; todos elles feitos dos mais finos estofos, de colorido vistoso e de um rematado effeito pinturesco; estes trajos são dos ultimos vestigios da idade-média, e caracterizam para nós a época em que os homens eram um espectáculo digno de ser visto. O estudante, presidindo á cabeceira da nossa mēsa, tinha uns ares sérios e solemnes; o seu vulto elevado não era destituído de gracilidade. Parecer-se-ia muitissimo, sem duvida, a um dos seus antepassados; encarnava em todo o conjunto o perfeito typo medieval.

Conforme atrás fica dito, achava-se atulhada a sala. Um dos lados da mesma estava a abarrotar de estudantes; estes, levantando-se, formaram alas e impediram-nos de ver o que se passava por detrás delles.

Sem embargo, até onde alcançava a vista, notava-se que todos aquelles juvenis semblantes estavam voltados para a mesma direcção, que os olhos de todos elles, avidos e impacientes, se achavam assestados no logar occupado pelo senhor Helmholtz.

Aquella juventude parecia achar-se absorpta de todo na contemplação dos grandes vultos, não lhes tiravam a vista de cima, e aquelle como que extase era para elles uma verdadeira delicia. Aquella aureola de glo-

ria, com o seu caracter pacifico e sincero, era, a meu ver, mil vezes mais de envejar do que uma assignalada victoria, comprada a preço de combates encarniçados e de uma desoladora effusão de sangue.

Em frente de cada um de nós campava um copo para cerveja, e cada qual podia mandá-lo encher, á discreção. Distribuiam tambem uma brochurinha contendo os versos que iam ser cantados. E, por baixo dos nomes dos dignitarios da festa, liam-se as seguintes palavras, impressas em letras grandes:

— Wœhrend des Kommerses herrscht allgemeiner Burgfriede.

Como eu fosse incapaz de as traduzir, com a poesia local, prestou-me o seu auxilio um professor, e eis o que elle me explicou:

Os estudantes pertencem a diversas sociedades universitarias, mas, quem quizer fazer parte das respectivas corporações, tem que manifestar predilecção pelos exercicios fisicos e pela esgrima. Organizam duélos ao sabre, todas as semanas, e cada corporação tem obrigação de apresentar um certo numero de duelistas, para a circumstancia; e cumpre notar: que é no terreno do combate que os estudantes das diversas corporações permutam actos de cortesia.

Na vida usual, nunca falam uns com os outros, nem bebem juntos. E por isso a alludida frase significa o seguinte:

— Armisticio geral durante o banquete: treguas á guerra e praça á camaradagem.

Principiou a festa. A orquestra, encoberta, tocou uma marcha marcial; seguiu-se a isto uma pausa. Os estudantes do estrado puséram-se de pé, os do centro beberam á saúde do Imperador, depois, ergueu-se a sala em péso, toda a gente de copo na mão: Um, dois, três! esgotaram-se os copos, de um trago, depois, poisados com fragor e em cadencia sobre as mêsas, infundindo a illusão do ribombar do trovão. A partir daquelle momento, e pelo espaço de uma hora, cantaram córos, e era de ensurdecer.

A seguir a cada canção, um numero reduzido de convidados — professores — vieram vindo, por grupos. Como que prevenidos por um signal convencionado, os estudantes do estrado saudaram a entrada do professor; levantaram-se todos, ao mesmo tempo, em attitude marcial, com os calcanhares muito juntos e desembainharam as espadas.

Os estudantes de guarda a cada mês fizeram outro tanto, aquella attitude marcial imprimia á festa um esplendor insolito.

Tocou três chamadas um clarim; abaixaram-se com fragôr os sabres, por duas vezes, em cima da mês, e ergueram-se todos, á uma. Até onde abrangia a vista, divisavam-se os uniformes de côres vistosas, e as espadas desembainhadas da guarda de honra, formando alas, á passagem de cada convidado. Eram pungentissimos os cantos; a exuberancia daquelles peitos juvenis, o retinir dos sabres, o telintar dos copos de cerveja, collidindo, impressionavam fortemente os circunstantes. E eu a suppôr que o delirio daquella assembleia havia attingido o acúme, mas nova surpresa me aguardava, no acto de haver tomado posse do seu logar o ultimo convidado; resoaram de novo os três toques de clarim e saíram as espadas da bainha.

Quem seria, afinal, aquella ultimo concorrente?

Os olhos dos circunstantes voltaram-se instinctivamente para a entrada; neste ensejo, a guarda de honra, com o seu luzido fardamento e de espada nua, abriu caminho por entre a multidão. Depois, lá no fundo da sala, vimos os estudantes, póstos de pé, todos, á uma, qual potente refluxo da maré, á proporção que ia avançando a guarda. Nunca se tributára a alguém semelhante honra.

Percorreu a nossa mês um borbórinho.

— E' Mommsen! — e ergueu-se a sala, em péso, a gritar, a estrupear, a applaudir, a entrechocar os copos; era o proprio furacão. O homenzito de semblante «Emersoniano» e de cabeleira ao vento passou ao pé de nós, para ir assumir o seu logar. E eu, quasi que a poder-lhe tocar com o dedo, naquelle homem celebre! — Mommsen!

Prodigiosa surpresa!

A sua apparição causou um daquelles inesperados sobresaltos, que raro é o produzirem-se na vida.

Eu estava muito longe de pensar nelle; appareceu-me tal qual um mytho gigantesco, um immenso espectro cobrindo o mundo com a propria sombra, e não como uma realidade. O meu espanto só pôde ser comparado áquelle que experimenta o viajante, ao acercar-se do Monte-Branco e ao ver de subito o cume a investir com o firmamento,

sem suspeitar, sequer, que o tinha ali tanto á mão.

Eu haveria andado léguas e léguas para ver aquelle grande homem; e em vez disso, elle proprio viéra ter commigo, e eu, hoje, a contemplá-lo sem o minimo esforço!

Era elle, em pessoa, trajando com singeleza de pasmar e sem se differençar dos outros homens. E ali estava elle, englobando naquelle seu cérebro o mundo romano e os césaes todos do império, com a mesma facilidade com que a abobada celeste carrega com a via lactea e as constellações.

Um dos professores contou-me que, noutras éras, uma juvenil Americana apresentada a Mommsen se encontrou diante deste muda e assustada. Estava aterrada pelo pensamento de que os seus labios iam descerrar-se para incetar um assunto, que ella ignorava completamente e excedendo a sua compreensão; não podia suppôr que semelhante génio fosse capaz de abaixar-se até ao nivel da terra do commum dos mortaes; porém, assim que lhe ouviu as palavras singelas: «E então, como vae? já leu o ultimo livro de Howell? Pareceu-me muitissimo bom». — esvaíram-se-lhe os preconceitos.

As solemnidades daquella noite terminaram por discursos de festiva acolhida, proferidos por dois estudantes, aos quaes responderam os professores Wirchow e Helmholtz.

Wirchow fez parte durante muito tempo do governo municipal de Berlim. Trabalha tanto como todo e qualquer védor da cidade e recebe o mesmo salario; isto é: coisa nenhuma. Não sei se poderemos arriscar-nos, na America, a pedir aos nossos mais illustres cidadãos que façam parte do conselho municipal; admittindo que aceitem, não teriamos a certeza de poder elegê-los!

Aqui, porém, a organização é de tal ordem, que os individuos mais bem conceituados da cidade consideram como uma honra o desempenhar sem remuneração as funcções de edil; os eleitores teem aliás o bom gosto de os elegerem de anno a anno.

E o resultado é ser Berlim admiravelmente administrada. E' uma cidade livre, cujos interesses se não confundem com os do Estado; são regidos pelos proprios cidadãos e por systêmas da escolha destes.

A comedia latina

I

Plauto e as suas obras

Memor — Vario — Plauto — «Sticho» — «Curulio» ou «Gorgulho» — O «Persa» — «Truculento» — «Amphitryão» — Sosa — «Asinaria» — «Aulularia» — «As duas Bacchis» — «Os captivos» — «Casina» — «Cistellaria» — «Epidico» — «Os Mnechmas» — «Mostellaria» — «O Mercador» — «Pseudolo» — «O soldado farrão» — «Trinumo» — O «cartaginez» — «Rudens».

Antes de começarmos a tratar da comedia e dos comediographos romanos devemos citar o nome de mais dois escriptores de tragedia: Scæva Memor e Lucio Vario.

Scæva nasceu no seculo I da nossa era em Arunca. Apreciavam-n'o immenso; compoz entre outras tragedias um *Hercules*; Saumaise attribue-lhe a *Octavia* comprehendida entre as tragedias de Séneca. Lucio Vario nasceu no seculo I antes de Christo. Horacio e Virgilio dispensaram-lhe a sua amizade; escreveu um poema épico em honra de Agrippa e de Octavio e uma tragedia que tinha por assumpto Thyesto, que Quintiliano comparava ás obras primas gregas; salvou a *Eneida* que Virgilio moribundo queria destruir e tomou parte na publicação d'essa inolvidavel obra.

A comedia romana propriamente dita foi pouco original. A comedia *palliata* constitue o principal fundo do theatro comico latino, e é toda imitada do grego. Livio Andronio, que, como atraz dissemos, foi quem introduziu o theatro grego em Ro-

ma, escreveu, segundo todas as probabilidades algumas comedias. Nævio quiz introduzir a politica no theatro, mas esta innovação não era possivel em Roma, e os comediographos limitaram-se de ahi em deante a imitar as comedias *media* e *nova*. Foi o que succedeu com Plauto, Cecilio e Terencio, que seguiram de perto os auctores gregos e escreveram comedias de costumes e de caracteres. Quando elles desappareceram, a *palliata* foi abandonada. A outra fórma da comedia romana, a *comedia togata* foi explorada principalmente por Afranio. Só obteve um exito relativo. Differia muito pouco da *palliata*, não obstante parecer consagrada mais especialmente á pintura dos costumes romanos. Ainda n'esse genero serviram os gregos de modelo.

Marco Accio Plauto, um dos maiores poetas comicos latinos nasceu em Sarsinia, na Umbria, em 250 antes de Christo e morreu em Roma em 184. Brilhava no theatro quando Catão brilhava na tribuna; as suas primeiras comedias datam do fim da segunda guerra punica. Pouco se sabe da sua vida, embora tivesse uma vida accidentada. Ganhou dinheiro na construcção de theatros, perdeu-o em más especulações e tornou-se creado de moleiro, porfim entreteve-se a adaptar peças gregas. Attribuem-se a Plauto cento e trinta comedias, Varrão só reconhece como authenticas vinte e uma. Possuimos precisamente estas peças, excepto a ultima, substituida por uma outra, o *Querolo*, posterior varios seculos.

O exemplo de Nævio, legalmente chibado por ter dito mal dos Scipiões, foi advertencia sufficiente para desviar Plauto da comedia satirica. De mais a mais, a lei

e os costumes prohibiam em Roma as liberdades da comedia antiga dos gregos. Do que traduziu das peças gregas não se deprehende que o seu theatro seja artificial e exotico. Plauto frequentara muito a plebe. Observara na sua intimidade o escravo, o parasita, o negociante, vagueando muito pelas praças publicas e pelos mercados. Ao mesmo tempo não tem nada de litterato de profissão. Foi por acaso, parece, que se tornou auctor. Dotado de imaginação, de uma veia inextinguivel, soube vivificar a intriga bebida em Menandro, em Diphilo, em Antiphane por meio de uma porção de certos traços de costumes, de linguagem do mais puro romano. Assim o povo revia-se na sua obra e nenhum comediographo foi mais applaudido que Plauto. A sua trivialidade, os seus gracejos maliciosos, mas ás vezes de um gosto duvidoso, e com frequencia de uma crueza perfeitamente antiga, eram outros tantos elementos de exito. O seu theatro acabou, todavia, por cahir em desuso quando o criterio se apurou mais. Horacio julga-o com muita severidade. Mas nem todos eram d'essa opinião, e pronunciou-se uma verdadeira reacção a favor de Plauto, quando a erudição determinou o eclectismo do gosto.

A intriga das comedias de Plauto, imitador da comedia nova dos gregos, não é muito variada. Trata-se, a mais das vezes, de qualquer rapariga raptada na sua infancia por um negociante de escravos; um rapaz apaixonado-se por ella, auxiliado nos seus projectos por um escravo astucioso, que prega mil partidas ao pae para lhe apanhar dinheiro. Porfim a rapariga torna a encontrar os paes e effectua-se o casamento. As suas personagens ordinarias são, além d'esses, o parasita jogralesco, o negociante de escravos odioso, o militar fanfarrão. Existe observação moral nos papeis dos paes, finura e sentimento nos papeis dos namorados e poderosa facecia nos outros caracteres. As melhores peças de Plauto são: O *Amphytrião*, a *Aulularia*, imitadas por Molière; os *Mnechmas*, os *Captivos*, a *Casina*, o *Soldado fanfarrão*, o *Cartaginez*. As outras são: O *Asinaria*, *As duas Bacchis*, a *Cistellaria*, o *Curculio*, o *Epidico*, o *Mer-cator*, a *Mostellaria*, o *Persa*, o *Pseudolo*,

o *Rudens*, o *Sticho*, o *Trinummos*, o *Tru-culento*.

Sticho é uma das comedias mais antigas de Plauto. Foi representada em 210 antes de Christo. Eis o seu entrecho: Duas mulheres vivem ha tres annos separadas dos maridos, que partiram em busca de fortuna, e que não tornaram a dar noticias suas. N'estas circumstancias a lei atheniense permittia considerar o casamento como nullo. O pae das duas juvenis esposas resolve fazê-las contrahir novas nupcias. Uma das mulheres está a ponto de ceder; a outra, mais constante, recusa e fortalece a vontade hesitante da irman. Esta situação origina uma linda scena. Depois, não se sabe porquê, o pae abandona o seu projecto. Os maridos voltam, e toda a gente rejubila. O palavrório divertido de um parasita e os ditos alegres de um escravo a quem o dono, de regresso, deixa refastelar á vontade, enchem quasi toda a peça. Ha n'ella um episodio engraçado, o do velho Antiphon, o pae, que enlevado pela presença de uma das dansarinas, trazidas pelo genro para as vender, emprega todas as diligencias para ficar com ella. Plauto não se atreveu a desenvolver até o fim o assumpto que entrevira, muito elevado para a grosseria do publico romano. Proporcionou-lh'o conforme o seu gosto, e nós perdemos a encantadora comedia que as primeiras scenas annunciavam.

Curculio ou *Gorgulho* subiu á scena em Roma, pouco depois de 195 antes de Christo. O titulo da peça, *Gorgulho*, provém do nome de uma das principaes personagens, parasita que vive a expensas de outrem, como o gorgulho no seu monte de trigo. Phedromo, enamorado da joven Planesia, mandou a Caria o seu parasita Gorgulho, para ali arranjar o dinheiro com que ha de comprar a sua bella ao proxoneta Cappadox. Gorgulho não arranja nada, mas furta ao rival de Phedromo, um militar fanfarrão, o seu anel, graças ao qual levanta dinheiro no banqueiro Lycon. O militar chama aos tribunaes Lycon e Cappadox; mas, na rapariga a quem amava, reconhece sua irman, e dá-a em casamento a Phedromo. Os papeis conhecidos do parasita, glutão e ardidoso, do escravo insolente, do militar ga-



A COMEDIA
(Estatua
de Duret)

barola, do proxoneta covarde e cúpido, são tratados com a graça costumada de Plauto. Os quadros de costumes romanos são ahí numerosos. Ficou celebre uma situação: é o intermedio em que o director da companhia faz a descripção humorística dos diferentes bairros de Roma e d'aquelles que os frequentam.

O *Persa* representou-se cêrca de 195 antes da nossa era. O titulo provém egualmente de uma das suas personagens. O assumpto é a velhacada machinada por um escravo apaixonado e de que se torna victima um proxoneta. O escravo Taxel ama uma cortezan. Necessita arranjar dinheiro. Um collega, incumbido pelo amo de comprar bois, offerece-lhe essa importancia. Mas precisa reembolsá-lo. Um dos seus companheiros disfarça-se em persa e finge querer vender uma rapariga que foi raptada. Esta é, na realidade, filha de um homem livre, parasita de profissão. O proxoneta compra a rapariga, o falso persa desaparece e surge o pae que ameaça queixar-se ao pretor. Este, atemorizado, restitue a rapariga, e toda a gente o escarnece. A comedia é muito viva e alegre. Convem notar que a rapariga de condição livre, que figura na intriga, apesar de meio singular a que as circunstancias a arrastam, sabe conservar o decôro exigido pela sua posição.

O *Truculento*, «O Brutal» foi representada em 192 antes de Christo. Esta peça não é, para falar com propriedade, mais do que um retracto em acção, o da cortezan ávida, na qual não subsiste outro sentimento que não seja o amor do ganho. Cicero aprecia esta peça como sendo uma das obras primas do seu auctor. Phronesia tem tres amantes: Dinarco, rapaz atheniense a quem arruinou; um provinciano ingenuo, Strabase, a quem trata de arruinar; um militar babilonico, a quem faz acreditar, para d'ahi tirar mais proveito, que tem um filho d'elle. Phronesia exhibe, com effeito, um recém-nascido, creança que Dinarco teve d'outra mulher. Stratilax, creado do provinciano, oppõe a principio viva resistencia ás intrigas da cortezan, e é elle que dá á peça, o titulo, o *Brutal*. Mas acaba por se deixar engodar como os outros. Finalmente, o pae da joven atheniense seduzida por Dinarco encontra o seductor, e, depois de diversas

peripecias, leva-o a desposar aquella a quem fez mãe. A cortezan consola-se com a perda de um amante tornando felizes os outros dois.

A comedia *Amphytrião* de Plauto foi imitada por Molière com tanta felicidade que excedeu o auctor latino. A peça de Plauto tornou se tão querida dos romanos, que, no tempo de Diocleciano, ainda era representada, quando succedia qualquer calamidade publica, para apaziguar Jupiter. Rortrou imitou-a tambem em verso francez e é na sua peça que se encontra o seguinte verso:

Foin d'un amphitryon où l'on ne dine pas

Reproduziremos o entrecho da comedia quando falarmos de Molière. Todavia não nos furtamos ao desejo de falar desde já de uma das suas personagens, o celebre Sosia, de que os romancistas modernos teem usado e abusado. Jupiter que fôra um tunante de marca, lembrou-se para seduzir Alcmena de usurpar a figura de seu marido Amphitryão. Mercurio sempre chamado para essas empresas, disfarça-se em Sosia, creado do pobre esposo enganado, que este deixara de guarda á virtude um tanto periclitante da sua cara metade. Imagine-se o desespero e o desapontamento do verdadeiro Sosia quando outro absolutamente igual a si, um desdobraimento de si mesmo, lhe intercepta a entrada da casa do amo, e lhe demonstra á bordoadá que não deve chamar-se Sosia. O infeliz servo não tarda em duvidar da sua propria pessoa e fica afflictissimo sem saber quem é. E' uma das personagens mais felizes de Plauto.

A comedia *Asinaria* constitue o quadro de um pae, que favorece a devassidão de um filho para partilhar d'ella, e esquecer as rabujicies da esposa. Demeneto, um velho, alugou por um anno para seu filho Argyrippa a joven Philenia, mediante vinte minas escabulidas a sua mulher Artemona, com o auxilio de escravas astuciosas. Impoz, porém, como prémio á sua generosidade, que cearia uma vez com o filho e a amante do filho, com a devida recompensa da parte d'esta ultima. Argyrippa consente, embora muito contra vontade. O peor do caso é que apparece Artemona a meio d'esta festa íntima e constrange o voluvel esposo a voltar para o do-

micilio conjugal. O titulo da peça provém de uma récua de burros cuja venda forneceu a quantia empalmada. Se a comedia *Asinaria* não se recommenda pela moralidade, regorgita em compensação de scenas divertidas. O seu estylo fálscia de graça scintillante. A scena em que Argyripppo, expulso, se lamenta, e a da sua despedida a Philenia, são de uma tocante sensibilidade. Encontra-se na comedia tambem um traço curioso de costumes; o contracto em boa e devida fórma que deve ligar Philenia a Diabolo. Estes contractos eram, parece, validos ante os tribunaes. A comedia *Asinaria* foi imitada do grego Demophilo. Molière inspirou-se em certas passagens d'esta peça para escrever algumas scenas das suas obras taes como, por exemplo: a scena III do primeiro acto das *Femmes savantes*; a scena V do segundo acto das *Fourberies de Scapin* e uma do *Bourgeois gentilhomme*.

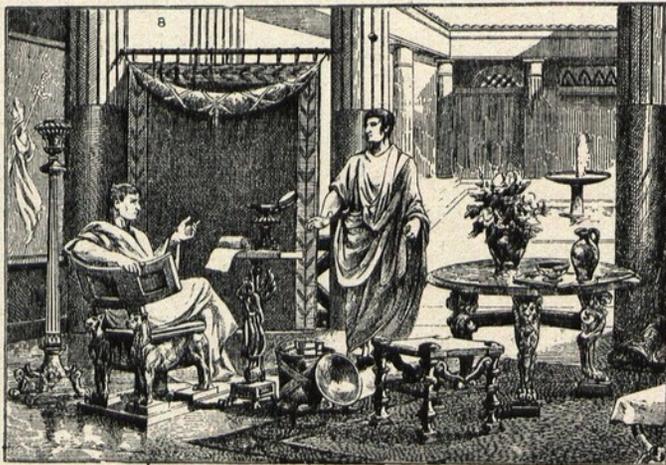
Aulularia ou a *Panella* tem o seguinte entreccho. O avarento e velho Euclion

encontra em sua casa, enterrada no chão, uma panella cheia de moedas de ouro. Não pensa em mais que a arrecadar, mas desconfia que toda a gente sabe o seu segredo e lhe quer tirar o seu thesouro. Um rapaz, Lyconide, abusou, n'um momento de embriaguez, de Phedra, filha de Euclion. Um visinho rico, Megadoro, tio de Lyconide, pede e obtem a mão da pequena. Mas esta torna-se mãe, e Lyconide consegue que o tio lhe ceda Phedra. No entrementes, um escravo de Lyconide rouba a panella. Lyconide obriga-o a restituí-la a Euclion. O sovina exlutando, dá a filha a Lyconide, e, subitamente convertido, brinda o casal com o thesouro rehavido. Molière imitou no *Avarento* bastantes scenas d'esta engraçada comedia, mas não o seu inverosimil desenlace.

Na comedia *As duas Bacchis*, Plauto des envolveu a seguinte intriga. O moço Mnesi-

loco sahiu ha dois annos de Athenas, por ordem de seu pae Nicobulo, para ir a Epheso receber uma importancia. Inquieto com o destino da amante, Bacchis, Mnesiloco encarrega o seu amigo Pistoclero de se informar do que ha. Bacchis continúa a amar Mnesiloco, mas a miseria obrigou-a a contractar-se por um anno, mediante vinte minas com um militar fatuo e aborrecido. Para recuperar a sua independencia, seria necessario reembolsá-lo d'essa somma. Bacchis tem uma irman que se torna amante de Pistoclero. Mnesiloco regressa, mas, enganado pelas apparencias, julga-se trahido ao mesmo tempo pelo amigo e pela amante. Chrysallo, escravo de Mnesiloco, prototypo de Scapin,

para arranjar ao amo o dinheiro necessario para o resgate da bella, engana o pae relativamente á somma trazida de Epheso. Mas Mnesiloco, desesperado, presta demasiado cedo as suas contas. Quando tudo se esclarece, desola-se e supplica a Chrysallo que



UM TALLINUM ROMANO

lhe arranje dinheiro por meio de nova velhacada. Então Chrysallo lança mãos á obra. Todas as personagens, fechadas na sua mão, se convertem em seus instrumentos. Em resumo, tão bem enfeitica o velho que este lhe confia uma certa quantia para livrar o filho de um perigo imaginario. Para Chrysallo não é bastante arrancar a Nicobulo as vinte minas necessarias para resgatar Bacchis; necessita ainda extorquir-lhe dinheiro que o filho dispenderá em festins e diversões. Faz mais, acaba por atirar com o velho e o pae de Pistoclero para os braços das mesmas cortezans que seduziram seus filhos. Poder se-hia classificar a comedia de immoral se a inverosimilhança e as chocarices grosseiras d'esta peça, não lhe tirassem todo o alcance. Demais, Plauto, parece ter receado que o desenlace peccasse por demasiado forte, mesmo para os romanos, por-

que declara no fim que esta degradação dos cabellos brancos dos anciãos é para elles o castigo d'uma juventude libertina.

A comedia *Os captivos* desenvolve o seguinte enredo. O rico etolio Hegion tem dois filhos, Tyndaro e Philopolemo. Tyndaro, roubado aos quatro annos, foi vendido como escravo ao pae de Philocrates, da Elida. Tendo rebentado a guerra entre a Italia e a Elida, Philopolemo é aprisionado, e, simultaneamente Philocrates é comprado como prisioneiro de guerra, com Tyndaro, seu escravo, por Hegion, que quer libertar o filho por meio de permuta. Graças á dedicação de Tyndaro, Philocrates evade-se, mas leva a Hegion seu filho Philopolemo. O velho acaba por descobrir em Tyndaro o filho roubado. N'esta comedia não existe papel de mulher, nem de negociante de escravos, nem de soldado fanfarrão. Só a graça communicativa de um parasita alegre a peça, onde abunda a pintura dos costumes romanos. Coisa rara em Plauto, a maneira de se exprimir é da mais absoluta castidade.

Plauto imitou a *Casina* de Diphilo. Foi representada em Roma no anno 58 antes da nossa era. Um velho casado, rival do filho, ludibriado pela mulher e por este, finalmente tosado por incumbencia dos dois, tal é o assumpto da peça, que deve o seu titulo á heroína. Regnard inspirou-se n'ella para escrever as *Folies amoureuses*, e Molière aproveitou do velho Stalidon mais de um traço para o seu Chrysale. O tom não é menos ousado que o do costume; mas pela graça faceta e pelo vigor satirico, esta comedia é das mais alegres do theatro de Plauto.

Cistellaria ou o «Cofre» tem por assumpto uma rapariga, Silenia, que foi exposta, muito creança, e recolhida por uma cortezan que a educa para a fazer seguir o seu mister. Mas uma repugnancia invencivel obriga Silenia a resistir aos conselhos da peccadora. Só concede o seu carinho a um mancebo a quem ella tenciona conservar-se fiel. Reconhecida porfim pelos paes, casa com aquelle a quem ama. Ainda que o texto da *Cistellaria* esteja em muito mau estado e incompleto, existe o bastante para se reconhecer n'esta comedia uma das mais encantadoras produções de Plauto. O contraste entre a pura e terna Silenia e as cortezans, é tão original como poetico.

Epidico é a historia de um pae illudido

pelo seu escravo Epidico em proveito do filho. Obrigam-no a comprar successivamente uma tocadora de lyra que lhe apresentam como uma filha que teve outr'ora em Epidauro, e que desapareceu mais tarde, depois segunda, como amante do filho, a quem elle pretende afastar. Com o dinheiro recebido para esta ultima, que, na realidade, só foi contractada para esse dia, Epidico fornece ao mancebo meio de comprar uma cortezan a quem ama e que se descobre ser sua meia-irmã, filha de seu pae e da epidaura Philippa, que chega a proposito para completar esta reunião de familia. Epidico cujas multiplas velhacadas teem redundado, sem que em nada tenha concorrido para isso, em proveito do amo, recebe a alforria. Esta comedia é de uma vivacidade empolgante. Nunca Plauto conduziu um creado patife através de situações mais embaraçosas nem o fez sahir d'ellas com mais esper-teza. O auctor tinha pelo *Epidico* accentuada predilecção.

Plauto escreveu *Os Mnechmas*, «Os gemeos» imitando uma comedia de Menandro. A peça assenta sobre a semelhança absoluta que existe entre dois irmãos e as confusões que d'ahi podem resultar. Um negociante siciliano tinha dois filhos gemeos. Um d'elles foi-lhe roubado. Tendo morrido o negociante, o avó educou com cuidado a creança que restava. Este, crescendo, procurou o irmão por toda a parte. Chega a Epidamo no Epiro, onde a creança roubada fez fortuna. Todos tomam o Mnechma que desembarcou pelo que conheciam. Mulher, amante, cunhado tudo se engana. Depois de uma porção de incidentes comicos, os dois irmãos reconhecem-se. Esta concepção é tanto menos verosimil quanto Plauto não se limitou a dotar os dois irmãos apenas com a semelhança physica; outorga-lhes tambem a mais completa semelhança moral. No entanto pela vivacidade e engenho de acção, pelo comico do estylo, *Os Mnechmas* são incontestavelmente uma das melhores peças do theatro antigo. O assumpto de *Os Mnechmas* de Plauto foi reeditado pelo cardeal Bibbiena na *Calandra*; por Trissin na *I Simillimi*, (1547-1548); por Shakspeare na *Comedy of errors*, 1593; pelo escriptor francez Rotrou na comedia *Os Mnechmas*, (1632); Regnard seguiu o exemplo de tão illustres antecessores.

A *Mostellaria*, «A peça dos duendes» foi representada no anno 200 antes de Christo. Aproveitando a ausencia do pae Theropido, um rapaz, Philolaches, passa o seu tempo nas orgias e arruina-se divertidamente em companhia d'alguns amigos. O pae regressa sem ser esperado. O escravo Tranion, o espertalhão da comedia, vê-o. Trata de impedir que entre na habitação onde estão reunidos os companheiros folgazões. Tranion convence Theropido que a sua casa está cheia de duendes e que seu filho a abandonou. No entretanto, chega um usurario que reclama o dinheiro emprestado a Philolaches. Tranion explica ao velho que o filho na verdade pedira algumas sommas, mas para effectuar um excellente negocio. Comprou por ínfimo preço a casa do vizinho Simon; o que se torna necessario, porém, é não falar a este em semelhante coisa, desesperado como está da tolice que fez. A combinação é acceita, e Theropido visita a casa do vizinho com um pretexto inventado por Tranion; os dois velhos não se podem entender e separam-se apodando-se de doidos. Mas eis que os escravos veem bater á porta da pretensa casa dos duendes, o que determina uma explicação com Theropido. Este comprehende que foi logrado. Perdôa no entanto. Esta peça tão jocosa como inverosimil, foi imitada pelo dramaturgo Regnard no *Retour imprévu* e por Des-touches no *Dissipateur*.

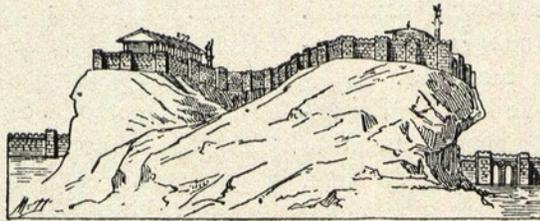
Plauto imitou o *Mercator* «Mercador» de uma comedia do poeta grego Philemon. N'uma viagem commercial comprehendida por Charin por ordem do pae, o rapaz compra uma linda amante, que traz comsigo. Demiphon, seu pae, vê na embarcação a joven, enamora-se d'ella e pergunta quem é. Julgando andar bem, um escravo responde que é uma escrava destinada por Charin a sua mãe. Demiphon pede ao filho que não a leve para casa e que a ceda a um velho seu amigo. Tratam de se enganar um ao outro; Demiphon leva-a e confia a pequena a seu vizinho Lysimaco. Mas os ciúmes de Darippa, mulher d'este ultimo provocam

uma explicação geral. Lysimaco sabe que a bella é amante de Charin, e por isso não quer secundar o pae na sua empresa. Ajudado por seu filho Eutylco, amigo de Charin, exproba-lhe o proceder e Demiphon acaba por se mostrar arrependido. Esta peça é bem tratada, particularmente dramatica, e os caracteres de uma grande verdade.

Pseudolo ou o «Embusteiro» é uma comedia muito alegre. No dizer de Catão no *Dialogo sobre a velhice de Cicero*, gosava da preferencia do auctor. Calidoro ama Phenicia, rapariga em poder de um proxoneta, Ballion. Mas Calidoro não tem dinheiro e Ballion vende a rapariga a um militar, que paga quize minas, fica a dever cinco e deixa em casa de Ballion um objecto de signal, levando comsigo um semelhante. Pseudolo, escravo dedicado de Calidoro, empalma o signal ao creado do militar e faz com que lhe entreguem Phenicia. Ganhou metade da aposta que fizera com Simon, pae de Calidoro. Ganha a segunda metade, porque Simon, para sustentar a sua palavra, dá-lhe vinte minas. Ora Pseudolo jurára reembolsá-lo. Não é,

seja dito em boa verdade, um enredo muito complicado. Não se comprehende tambem como o velho, primeiro tão gravemente irritado com o filho, se decide, em alguns intantes, a considerar todos esses factos como uma simples aposta feita com o escravo. Seja como fôr, o *Pseudolo* não é inferior ás outras peças de Plauto pelo estylo e pelo movimento.

O *Soldado fanfarrão* «Miles gloriosus», foi representado no anno 200 antes de Christo. O heroe é, como o titulo indica, um d'estes aventureiros jactanciosos, invenciveis na guerra, como no amor, pelo menos na sua bocca, e na realidade em extremo poltrões e dignos de dó, que o theatr-antigo gostava de pôr em scena. Uma cortezan, livre pelo seu nascimento, e um moço atheniense, Pleusido, amam-se perdidamente. O mancebo vae em embaixada a Naupacta. O militar Pyrgopolinicia, trava conhecimento com a bella, rapta-a e transporta-a a Epheso. Palestrion, escravo do atheniense, põe-se a



MONTE CAPITOLINO EM ROMA

(Segundo Canina)

caminho para prevenir o amo, mas é aprisionado no mar e dado como tomadía ao militar. Palestrion escreve ao amo dizendo-lhe que venha a Epheso. Este accorre, alija-se n'uma vivenda proxima, em casa de um amigo de seu pae. O escravo abre um buraco n'uma parede meia, afim de facultar aos dois amantes uma communicacão secreta. O militar dá pela trama, mas alguém o convence que a amante tem uma irman gêmea. Finalmente Palestrion para se desembaraçar de Pyrgopolinicia persuade-o de que uma velha rica casará com elle se despedir a amante. O fanfarrão resolve-se a isso, depois de ter enchido a joven de presentes. Surprehendido, porém, em casa de

uma mulher casada é espancado como adúltero. A comedia é bem desenvolvida, os caracteres desenhados com arte. O *Soldado fanfarrão* ficou como typo que serviu de modelo aos numerosos, caracteristicos e complexos *mata-mouros* das

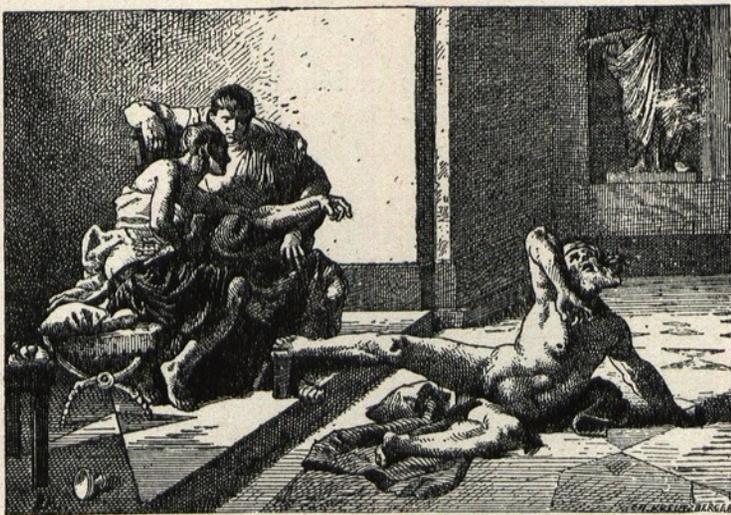
comedias hespanholas e imitadas do hespanhol.

A comedia *Trinumo*, Os «*Tres escudos*» foi traduzida do *Thesouro*, de Philemon. Esta peça contrasta com o repertorio ordinario de Plauto pela delicadeza dos sentimentos e pelas gradações dos caracteres. Exhibe-se ali um escravo dedicado aos amos, amigos leaes, mas o caracter mais notavel é o de Lesbonico, em quem a devassidão não suffocou nem a generosidade, nem o sentimento da honra. A comedia por ser menos grosseira não é menos engraçada. Eis o seu entrecho: Um rapaz, Lesbonico, desippa a riqueza de seu pae ausente e vende a casa paterna. Ora, Charnide, seu pae, ao sahir d'ella escondera lá dentro uma somma importante; felizmente, confiara o segredo ao seu amigo Callicles. Foi este quem com-

prou a vivenda. No entretanto, um mancebo, Sysiteles, deseja casar com a irman de Lesbonico, mesmo sem dote. Callicles dá o seu consentimento, mas Lesbonico não quer deixar consorciar a irmã sem dinheiro. Inventa-se então um estratagemma para lha fazer acreditar que Charnide mandou fundos. Paga-se para isto a um comparsa a quem se dá tres dinheiros de salario, facto que determina o titulo da peça. O dote provém, na realidade, do dinheiro deixado por Charnide, que chega a proposito e tudo se arranja. O *Trinumo* foi imitado por Destouches no *Dissipateur*.

A comedia *O Carthaginez* foi imitada de Menandro. Um rapaz de sete annos, Ago-

rastocles, é roubado de Carthago. Compra-o um velho, que o adopta e o institue seu herdeiro. Ao mesmo tempo são tambem roubadas duas primas d'essa creança. Torna-se seu protector um proxoneta Lycus (lobo). A gorastocles apaixonase



LOCUSTA E NERO EXPERIMENTANDO UM VENENO N'UM ESCRAVO
(Quadro de Sylvestre no museu de Luxembourg)

por uma das raparigas de quem ignora o nascimento, mas as exigencias de Lycus desesperam Agorastocles, muito avarento. Este introduz astuciosamente em casa do proxoneta um serviçal seu e uma porção de dinheiro e faz com que Lycus se veja comprometido n'um processo como receptador de um escravo fugitivo e de roubo. Surge n'esta altura o cartaginez Hannon que no rapaz reconhece o sobrinho, e nas pequenas suas filhas. Agorastocles casa com a prima. E' o thema mais vulgar das comedias de Plauto. Falta-lhe a unidade, porque as duas intrigas desenvolvem-se parallelamente. Estes defeitos são em parte resgatados por um chiste endiabrado e pela divertida satira aos costumes romanos, embora os «calemburjs» ahi pululem em excesso. Pode censurar-se a Plau-

to não ter facetado melhor o caracter do negociante cartaginez e de o sacrificar demasiado ao prejuizo popular fazendo do velho cartaginez, em busca das filhas, um farçante ridiculo.

O *Rudens* «O cabo» tem o seguinte entretrecho. Um rapaz siciliano, Pleusidippo, tratou com Labrax, negociante de escravas, a compra de uma rapariga que ama, Ampelisca. Labrax depois de ter apanhado as arrhas safou-se para bordo de um navio. A embarcação naufraga. Com grande custo, Ampelisca e a sua companheira Palestra salvam-se e desembarcam perto d'um templo de Venus, ao lado da qual se ergue a casa do velho Demones. A sacerdotisa de Venus acolhe as raparigas. Ampelisca deplora a perda de um cofre que contém diversos objectos que poderiam servir para ser reconhecida pelos paes. No entretrechos chega Labrax igualmente salvo do naufragio. Reclama as pequenas. Estas para escaparem ao seu tyranno, collocam-se sob a protecção de Venus. Demones defende-as, contém o negociante de escravos e manda chamar Pleusidippo, que chega e obriga Labrax a comparecer ante o juiz.

Apparece Grippo, pescador, que traz na extremidade de um cabo o famoso cofre, que supõe conter um thesouro. Mas Ampelisca reclama-o e descreve os brinquedos que ali estão encerrados. Por esta descripção o bom Demones reconhece sua filha. Esta peça imitada de Diphilo, é uma das melhores de Plauto e foi escripta nos ultimos annos do poeta.

Como se deprehe de que deixamos escripto, se Plauto alguma coisa copiou dos gregos os seus successores copiaram muito mais d'elle. A Historia do Theatro, bem feitas as contas, representa uma successão de plagiatos.

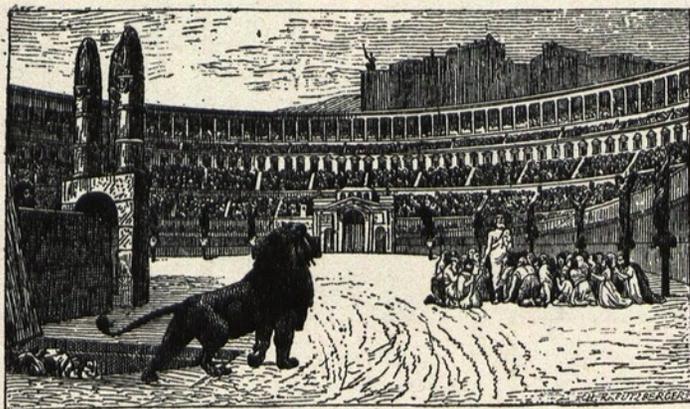
II

Terencio

Atellanas—*Personagens tradicionaes*: «*Macca*», «*Pappo*», «*Bucco*», «*Dossenno*», etc. — *Pomponio* — *Nevio* — *Cecilio* — *Afranio* — *Atta* — *Luciano Terencio* «*Andriana*» — «*Hecyra*» — «*Heautontimoromeno*» — «*O Eunuco*» — «*Phormion*» — «*Os Adelfos*» — *Osmimógraphos Laberio, Marulho e Publio* — *Momo* — *Os pantomimos, comediantes e tragicos* — *Bathyllo de Alexandria, S. Genes, Mnester, Pylades, Catieno, Esopo, Roscio, Quintilia* — *A «claque»* — *O sipario e o «aulac»* — «*Acta est fabula*» — *Petréa*.

Foi Atella, cidade da Campania, entre Napoles e Capua, no territorio dos oscos, que deu o seu nome a um certo genero de

peças jocosas ou farças populares. O genero, no dizer das encyclopedias foi introduzido em Roma no seculo III antes da nossa era, em seguida ás guerras de Samnio. Ao passo que as outras peças de theatro eram representadas por escravos ou libertos, as



OS MARTYRES OU A ULTIMA ORAÇÃO
(Quadro de Gérôme)

atellanas foram-no sempre por mancebos romanos mascarados. Estas peças, muito livres na sua maneira, tratavam dos assumptos mais variados: eram um misto de comedia de intriga, de comedia de costumes e de satiras contra as pessoas. Punham em scena um certo numero de personagens tradicionaes: «*Macca*», (tolo), era o prototypo do guloso, do borracho, do devasso, a quem os seus maus sentimentos arrastavam a incidentes deploraveis; o seu nome parece vir da palavra grega *macco*, que significava mulher ridicula; o latim apodava por vezes os necios com o epitheto de *macci*, e, ainda hoje, os italianos chamam a um parvo *matto*, *mat-*

tacio. «*Pappo*» (bárbedo), incarnava, em geral, um velho sovina e sensual, artiloso umas vezes ingenuo, e pacovio outras; o destino obrigava-o a andar sempre enganado pelo filho, pela amante e pelo escravo. *Bucco* (guloso). *Dosseno* ou *Dossena*, simultaneamente o pedante orgulhoso e balofo, bem como o feiticeiro e o adivinho da *buena-dicha*, abusava da credulidade dos pacovios para lhe extorquir bom dinheiro pelas consultas; Nevio exhibiu dois *dossenos*, émulos nas manhas; *dosseno* é sempre representado com a espinha em arco; a personagem de *dosseno* transitou para a comedia italiana no papel de doutor. Havia além d'estes o *Manduco*, *Lamia*, *Pythion*, *Mania*, etc.

As *atellanas* eram representadas depois das grandes peças, tragedias ou comedias, n'uma simples lona. Os actores improvisavam em grande parte o dialogo, intercalando-lhe cantos em versos saturninos. Devido a isto, este genero foi uma das origens da *comedia dell'arte*. No tempo de Sylla, as *atellanas* tornaram-se um genero litterario, e foram escriptas em versos iambicos ou trochaicos. Os auctores principaes das *atellanas* foram Pomponio e Nevio dos quaes chegaram até nós alguns fragmentos.

Lucio Pomponio nasceu em Bolonha e vivia no anno 90 antes de Christo. Quinto Nevio existiu no tempo de Sylla, no seculo 1 antes de Christo; compoz não só *atellanas* mas ainda comedias *palliatas*. E' tudo quanto se sabe destes dois poetas.

Um dos comediographos romanos mais antigos é Estacio Cecilio, de origem gaulleza. Nasceu em 219 e morreu no anno 166 antes de Christo. Embora sahido de condição servil, exerceu uma especie de censura litteraria. Os edís davam-lhe a ler as peças novas. Foi assim que animou, diz-se, os primeiros passos de Terencio. Compoz umas quarenta comedias onde, com a tradição de Plauto, se nota uma psychologia mais apurada; Varrão elogia os seus enredos. Cicero declara que elle escrevia mal o latim. Cecilio tomou em geral Menandro para seu modelo.

Em seguida temos Lucio Afranio, que vi-

via no anno 100 antes de Christo; foi um dos primeiros que abandonou as imitações gregas pela pintura dos costumes romanos; só nos restam d'elle fragmentos. Tito Quinto Atta morreu no anno 77 antes de Christo; foi um dos auctores mais applaudidos da comedia *togata*.

N'um logar áparte figura, não propriamente como comediographo, mas como historiador, critico, philosopho e rhetorico Luciano. Nasceu em Samosate, na Syria em 125 e morreu provavelmente no Egypto em 192 da nossa era. De familia humilde, foi como aprendiz para casa de um tio, fabricante de estatuetas, e depois acabou a sua educação nas escolas da Jonia. Começou por ser advogado em Antiochia, mas seduzido pelo exemplo dos sophistas viajantes, percorreu o mundo fazendo conferencias em toda a parte. Em 161, voltou ao Oriente, primeiro á Jonia, depois a Antiochia e Samosata, onde se encontrava em 163. No anno immediato resolveu estabelecer-se em Athenas onde viveu de 165 a 185 pouco mais ou menos e onde se dedicou ao pamphleto e á satira. Nos ultimos

annos, retomou o seu mister de sophista ambulante, que abandonou para se tornar um alto funcionario no Egypto. Possuimos com o seu nome, oitenta e duas obras e uma collecção de epigrammas; um certo numero d'estes escriptos pertencem aos seus imitadores. Com relação ao theatro temos os seguintes trabalhos seus: *A Pantomima*, *Zeus tragico* e as parodias tragicas: *O pé leve* e *a Tragedia da gotta*. Na sua obra, rica e variada, Luciano toma todos os tons, remexe todas as idéas do tempo, caustica com as suas zombarias as tradições e os prejuizos. Para o conseguir, renova varios generos litterarios, cria o dialogo satirico, que anima com o seu espirito e com a sua graça.

Publio Terencio Afer occupa na litteratura dramatica latina um logar tão notavel como Plauto. Nasceu Terencio em Carthago em 194 e morreu em 159 antes de Christo. Levado para Roma de pouca idade, venderam-no como escravo ao senador Terencio Lucano, que lhe deu uma educação liberal e lhe concedeu a alforria. Terencio deve o



PERSONAGENS
DAS «ATELLANAS»

seu nome a esta personagem. Foi amigo de Scipião Emilio e de Lelio, e é muito possível que estes homens illustres tenham sido seus collaboradores, senão, como se divulgou, os verdadeiros auctores das peças. A sua filha casou com um cavalleiro romano. Plauto acabava de dotar a litteratura romana com uma comedia semi-grega semi-original. Terencio enveredou pelo mesmo trilho. Mas vivendo n'um meio de muito maior relêvo, mais delicado tambem por natureza, poz de lado as intrigas de baixa comedia de Plauto, as suas facecias grosseiras, os seus trocadilhos, e, como se apregouo então, o theatro, de plebeu que era, converteu-se por sua intervenção em patricio. Terencio desenvolveu-se n'um fino desenho dos caracteres e na resolução de problemas moraes. As suas personagens são mais verdadeiras, mais cuidadas nos cambiantes, mais humanas que as de Plauto. Os proprios papeis secundarios são compostos com esmero.

Encarado na generalidade o theatro de Terencio é pouco jocoso. Provoca o sorriso, raras vezes a gargalhada. Psychologica, burgueza, sentimental, tal, em resumo, pode ser definida nos seus caracteres essenciaes, a comedia de Terencio. O seu modelo grego preferido é Menandro. Sabe-se que tinha por habito fundir duas peças d'este auctor n'uma só, pelo singular processo da *contaminação*. O latim de Terencio é dos melhores. Com todas estas excellentes qualidades, custou muito a Terencio implantar-se no theatro e nunca alcançou exitos brilhantes. Na primeira representação da *Hecyra*, o povo desertou do theatro para ir ver os funambulos. O *Heautontimoromeno*, o *Phormion* e o *Eunuco*, obtiveram melhor acolhimento. No emtanto foi mais apreciado pelos patricios que pelo grande publico. Só ficaram d'elle seis peças. São ellas: *Andriana*, *Hecyra*, *Heautontimoromeno*, o *Eunuco*, *Phormion* e *Os adelphos*. Não se conhecem muito bem as circumstancias da sua morte. Uns narram que morreu n'um naufragio, outros que morreu em Leucade ou em Stymphale, de desgosto, por ter perdido n'esse naufragio a traducção que fizera de cento e trinta e oito comedias de Menandro.

A *Andriana* data do anno 166 antes de

Christo. Um moço cidadão de Athenas, Pamphilio, resolve casar, contra vontade de seu pae Simon, com uma juvenil andriana (insular de Andros), chamada Glyceria. Simon, desconfiando do projecto do filho, finge querer uní-lo a Philomena, filha de Chremes, seu amigo. Pamphilio consente a instigações de Davo, seu escravo, que lhe dá a entender que este casamento não passa de um fingimento. Simon, surprehendido com a resposta do filho, pensa então a serio em o consorciar com Philomena. No meio de tudo isto vem-se a saber que Glyceria, a pretendida andriana, era nem mais nem menos que Pasibula, filha segunda de Chremes, que se julgava morta, e que fôra raptada em creança. Pamphilio casa então com Glyceria, ou antes com Pasibula. O Davo de que acima falamos é o typo do escravo astucioso e intriguista, na comedia latina move-se durante cinco actos, enredando, mil intrigas. Desinquieta o pae, colloca o filho a dois dedos da sua perda sem nunca lhe faltarem recursos ou argumen-

tos. A intriga é a sua vida. Horacio e Persio já o tinham posto em fôco nas suas satiras como typo do escravo comico. A comedia *Andriana* é habilmente entrecida; o dialogo, facil, elegante; os caracteres bem delineados. A peça foi representada no anno 588 de Roma, nos jogos megalesios, isto é, durante as festas rea-

lizadas em honra de Cybele. Em 1703 foi representada no Theatro Francez, em Paris, uma imitação franceza da *Andriana* devida ao actor Baron. Esta peça poz em moda a *andriana*, vestido completo e decotado com que appareceu no espectaculo Mademoiselle Dancourt.

A *Hecyra*, a «sogra» foi imitada de Apollodoro de Carysta e do *Conselho de familia*, de Menandro. Representou-se a primeira vez em 164 antes de Christo, mas parece que só obteve exito em 159. Pamphilio, rapaz de Athenas, amante de cortezan Bacchis, casa com Philomena a instancias do pae, mas durante os cinco primeiros mezes do casamento abstem-se por desdem de quaesquer relações íntimas com a esposa. Porfim a doçura de sua mulher acaba por vencer a sua indiferença. Pamphilio rompe com Bacchis. O marido au-



TERENCIO

senta-se para uma viagem. No regresso vê que Philomena se retirara para casa dos paes. Laches e Phidippo, pae e cunhado, attribuem ao genio rabugento de Sostrata, sua sogra, e aos maus conselhos de Myrrhina, sua mãe, a ruptura dos conjuges. Na realidade, Philomena que fôra violentada, antes do casamento, por um desconhecido embriagado, retirou-se para casa da familia estrangida pela proximidade do parto. Apenas a mãe conhece o segredo. Na volta, Pamphilio, sabendo que não pôde ser o pae da creança prestes a nascer, delibera não tornar a aceitar sua mulher. Por acaso, porém, Myrrhina descobre no dedo da cortezan Bacchis um anel tirado a sua filha por aquelle que a violentara. Bacchis recebeu esse anel de Pamphilio. Pamphilio reconhece ser o pae do recém-nascido sem que ninguém, excepto Myrrhina, saiba a causa d'essa mudança. Os caracteres das mulheres são traçados com adoravel delicadeza.

A comedia *O Hæautontimoromenoo*, isto é «o carrasco de si mesmo», foi representada no anno 162 antes de Christo. E' imitada de uma peça unica de Menandro, mas o escriptor latino duplicou-lhe a intriga. Menedemo, pelo rigor com que tratava seu filho Clinias, apaixonado por uma rapariga honesta, Antiphila, obriga aquelle a expatriar-se. Mas a ausencia do rapaz desespera o pae tyranno. Clinias, de volta, occulta-se em casa de um visinho, Chremes, que vem a ser o pae de Antiphila. O escravo Syrus com as suas manhas, persuade Menedemo a receber em sua casa Bacchis, cortezan amada de Clitophon, filho de Chremes, fazendo-lhe acreditar que ella é a amante de Clinias. Menedemo faz por fraqueza para uma cortezan, o que não fez por uma rapariga com juizo. Breve, porém, tudo se desvenda. Chremes, tão habil em aconselhar os outros, convence-se que se deixou illudir ainda melhor que o seu visinho. Concede a filha a Clinias, e Clitophon, receando ser desherdado, consente em desligar-se de Bacchis e a casar tambem com uma pequena das vizinhanças. N'esta divertida comedia encontra-se o verso tão conhecido:

Homo sum, et humani nihil a me alienum puto.

(Sou homem, nada do que é humano me é indifferente)

A personagem Chremes perdurou até hoje como o typo do pae ridiculo á força de severidade e de rigor.

O *Eunuco* comedia imitada das peças de Menandro: *O Eunuco* e *O Adulador (Colax)*, foi representada no anno 583 de Roma, Phedria ama a cortezan Thais, e, para conservar as suas boas graças, que lhe disputa um capitão impertigado da sua pessoa, compra-lhe por elevado preço um eunuco velho e feio. O capitão, pelo seu lado, oferece-lhe uma linda escrava de dezasseis annos, chamada Pamphilia. Cheréa, irmão de Phedria, vê a rapariga e apaixonase por ella. Graças ao escravo Parmenon, introduz-se em casa de Thais fazendo-se passar por eunuco. Apanhando-se só com Pamphilia, aproveita-se do somno da joven e abusa d'ella. Mas o caso torna-se, mais grave do que pensa, Pamphilia é de condição livre. Tinha sido raptada outr'ora aos paes, de quem espera conquistar a amisade restituindo-lhes a filha. Felizmente, ha meio de arranjar as coisas: o casamento. E, com effeito Cheréa vem a casar com Pamphilia. Encontram-se n'esta comedia as personagens classicas da comedia latina: o militar fanfarrão, a cortezan, o escravo espertalhão, o parasita; mas Terencio soube manter a justa proporção do comico e não cae, como Plauto, no exagero inverosimil d'estes typos. La Fontaine, que professava viva admiração por esta comedia, fez representar, em 1656, uma imitação d'ella attenuada. Brueys e Palaprat tambem a imitaram. Em 1845 appareceu n'um dos theatros de Paris uma traducção da mesma obra por Michel Carré.

A comedia *Phormion* data do anno 162 antes da Christo. O original grego não chegou até nós. Molière tirou do *Phormion* as *Fourberies de Scapin*. O titulo provém do nome de um parasita, que é a personagem principal. Demiphon, de Athenas, parte para uma viagem e deixa n'essa cidade seu filho Antiphon. Chremes, irmão de Demiphon, tem duas mulheres, uma em Athenas e outra em Lemnos. Da primeira, existe um filho que se enamora de uma dansarina. Do segundo casamento nasceu uma filha. A esposa de Lemnos chega a Athenas e morre. A orphan, visto o pae encontrar-se ausente, encarrega-se dos funeraes. Antiphon vê-a, inflamma-se e desposa-a, graças á habilitade de Phormion. Demiphon e Chremes,

de volta, ficam desesperados. Offerecem trinta minas ao parasita para os desembaraçar da desconhecida tomando-a para si como mulher. As trinta minas servem para comprar a dansarina, e Antiphon conserva sua mulher a quem seu pae vem a reconhecer como sobrinha. O estylo da comedia é de uma graça bem equilibrada, as personagens são finamente observadas, o gosto sempre puro.

Os Adelpbos ou «os irmãos» forneceram a Molière o assumpto da comedia *École des maris*. O fundo da peça de Terencio, é a opposição systematica do character de dois irmãos, com opinião completamente dividida sobre os principios segundo os quaes deve ser orientada a educação; um leva a indulgencia paterna até á mais deploravel fraqueza, o outro não concebe limites á auctoridade de um pae sobre os filhos. O desenlace do escriptor latino não se assemelha nada ao de Molière: é o partido da severidade que triumpho. A comedia *Os Adelpbos* foi representada um anno antes, da morte de Terencio, 594 de Roma, 160 antes de Christo.

Não vale a pena insistir no que era o mimo, a mimica, o mimodrama, a pantomima em Roma. Os mimógraphos de mais nomeada foram: Decimo Junio Laberio, nascido no seculo I antes da nossa era; primava n'esse genero, mas informa-nos Horacio que agradava mais ao populacho que aos lettrados; Cesar, não se sabe bem porquê, obrigou-o um dia a ir para a scena e a representar uma das suas peças; existe ainda o prologo que Laberio pronunciou n'essa occasião. Mario Mazulo vivia em Roma no seculo II da nossa era; S. Jeronymo gaba a elegancia do seu estylo; ousou ridicularisar Mario Aurelio e Lucio Vero que aturaram com paciencia as suas zombarias; d'elle só resta um curto fragmento citado por Servio. Syro Publio nasceu na Syria e viveu no seculo I antes de Christo; levado como escravo para Roma, recebeu a alforria de Domicio; entregou-se á composição de mimos e introduziu n'elles um grande numero de traços moraes.

Momo era o deus da galhofa, do sarcasmo, da folia ruidosa. Hesiodo deu-lhe por

pae e mãe o Somno e a Noite. Era, no dizer dos escriptores Luciano, Plutarco, Philostrate, dos poetas da *Anthologia*, o deus dos histriões, dos comediantes. Personificavam-no num mancebo, do qual se entrevia, por baixo da mascara, o rosto zombeteiro. Com uma das mãos sacudia os guizos, com a outra empunhava um sceptro coroado por uma cabeça coberta com um capuz de diversas cores e guarnecido de guizos, symbolo da folia.

Além dos histriões que representavam farças grosseiras, com acompanhamento de flauta, havia os aretalogos, especie de bobos, que divertiam os convivas durante as refeições.

Dos innumerados comediantes e pantomimos famosos que divertiram o povo romano, poucos nomes chegaram até nós. Eis os que conhecemos:

Bathyllo da Alexandria foi quem introduziu com Pylades a sua arte na scena romana. Compoz um tratado d'essa arte dividido em quatro partes; a *cordace*, para a comedia; a *emmelia*, para a tragedia; a *sicinna*, para a satira, e a *italica*, genero composto. Bathyllo primava sobretudo nos assumptos comicos. A sua rivalidade como seu antigo collaborador originou perturbações taes, que Augusto exilou Pylades, cuja insolencia para com o publico excedia todos os limites. Bathyllo foi muito protegido por Mecenas, de quem era liberto.

S. Genes ou Genert era mimo e, n'uma parodia pagan das ceremonias da Igreja, representou, em Roma, deante do imperador Diocleciano, o papel de um catechumeno em perigo de morte, Adriano, que pedia e baptismo. Mas, de subito, declarou-se realmente christão. Foi preso e julgado pelo prefeito em Roma, Plaucio, que depois de o ter torturado, lhe mandou cortar a cabeça em 286 ou 303. Este acontecimento é o assumpto da tragedia de Rotrou *O verdadeiro S. Genest*.

Mnester morreu no anno 48 da nossa era. Caligula beijou-o em pleno theatro. No tempo de Claudio, inspirou uma ardente paixão a Messalina, que, para se vingar do seu desprezo, se queixou da audacia do pantomimo, que recusara obedecer ás suas ordens. Claudio mandou-o chibatar e significou-lhe que



L. J. BRUTO
(Museu de Napoles)

nunca recusasse nada á imperatriz. Quando condemnaram Messalina á morte por causa das suas devassidões, Mnester, accusado de ter tomado parte n'ellas, allegou baldadamente que só obedecera as ordens de Claudio, mas de nada lhe valeu a allegação porque soffreu a pena capital.

Pylades, liberto de Augusto, nasceu na Cilicia. Creou, ou pelo menos aperfeiçoou, esse genero de espectaculos. A sua rivalidade com Batyllo, como atraz dissemos, provocou tumultos, que o fizeram banir da Italia. O povo, porém, exigiu o seu regresso.

Catieno deve a sua celebridade a um acontecimento singular. Representava um dia com Fabio, bom comediante, mas incorrigivel beberrão. Este desempenhava um papel de mulher, Iliona, n'uma peça de Accio ou de Pacuvio. Devia fingir que dormia. Adormeceu a valer e tão profundamente que os gritos de Catieno: «Mater, te appello», não puderam acordá-lo. Então os espectadores principiaram a berrar em côro: «Mater, te appello». O nome de Catieno tomou um sentido proverbial. «Ouviria tanto, escreveu Horacio, como outr'ora Fabio ébrio, que adormeceu quando representava o papel de Iliona, ouviu dois mil Catienos a gritar. «Mater, te appello.» Como toda a gente conhecia o caso, facilmente se percebia a allusão: *Catienis mille dacentis clamantibus*.

Pelo que se vê o episodio attribuido a Coquelin Ainé é antiquissimo.

Esopo e Roscio foram ambos amigos e professores de declamação de Cicero. Esopo alcançou grandes triumphos na tragedia. Exaltava-se tanto na interpretação dos seus papeis, que um dia, representando o furor de Atreu, matou um espectador. Ganhou uma riqueza consideravel e deixou muitos bens, apesar da sua prodigalidade que o levava a apresentar na mesa pratos de aves canoras e a mandar derreter um dia, como Cleopatra, perolas para beber. Contava-se que na

ocasião em que se tratava de permittir o regresso de Cicero, representara tão patheticamente o papel de Telamon exilado, que contribuiu com a commoção que causou, para que o decreto fosse lavrado.

Quinto Roscio nasceu em Lanuvio, em 129 antes de Christo, e morreu em 69. Foi um actor tragico e de comedia dos de mais talento e um character de tanta honorabilidade que conquistou a amisade da maior parte dos homens illustres do seu tempo. Deu lições de declamação, como já o fizemos sentir, a Cicero, que pleiteou a seu favor contra Faunio Cherea.

Acêrca da afamada comediante Quintilia apenas se sabe que preferiu soffrer as mais horrives torturas a revelar o que sabia da conspiração de Pompedio, seu amante, contra Calígula. O imperador, impressionado, mandou-a pôr em liberdade.

A *claque*, essa instituição theatral hoje absolutamente indispensavel aos empregarios, aos artistas, e até ao publico, deve a sua origem a Nero. Suetonio assegura que este imperador, quando dava ao seu povo a honra de cantar no amphiteatro, dispunha de um batalhão de cinco mil rapazes vigorosos, encarregados de o applaudir.

Os applausos dividiam-se em tres especies: os *bombi*, ruido que imitava o zumbido das abelhas; os *imbrices*, que estrugiam como a chuva cahindo no telhado; finalmente os *testae* cujo som retumbava como uma bilha que se quebra. Os historiadores latinos chamam aos «claqueurs» *juvenes* e aos seus chefes *cüratores*.

Não descrevemos aqui o theatro romano, pois já o fizemos n'ou-

tra obra (1), mas indicaremos algumas das suas singularidades, que não foram registradas. Uma dellas era o *sipario*, ou panno de bocca, defronte da tribuna do pretor. O



BRUTO CONDEMNANDO SEUS FILHOS A MORTE

(1) *Evolução do theatro.*

auleum, como também lhe chamavam, era um pedaço de fazenda retezado n'um caixilho e que se levantava deante da scena. Ao contrario do panno moderno, que sobe quando a peça começa, o *sipario* descia e desaparecia debaixo do chão ao nivel da scena, *aulaea premuntur* o denominou Horacio nas suas *Epistolas*. Logo que a peça ou o acto concluia, a operação realizava-se naturalmente em sentido contrario, e o *sipario* era erguido, *tolluntur*, escreve Ovidio nas *Metamorphose*. Havia ainda outro panno vertical, dividido em dois á guisa de cortinas e que se cerrava durante os entre-actos e mudança de scenario.

Um costume existia no theatro romano. Quando a representação acabava, o director vinha á frente do proscenio e declarava: *Acta est fabula*, «a peça está representada.» Esta fórmula tomou um character historico, commentam os eruditos, passando pela bocca do imperador Augusto, que, prestes a expi-

rar, pediu um espelho, mandou pintar os cabellos, fazer a barba, e em seguida perguntou:

— Não representei bem o meu papel?
— Representou — respondeu-lhe alguém.
— Déem palmas — redarguiu — a peça está acabada! (*Plaudite, acta est fabula!*)

Da mesma maneira se conta, que, Rabelais, no momento de render a alma, exclamou, n'uma íntima gargalhada d'esse riso sardonico por traz do qual abrigara a sua philosophia:

— *Tirez le rideau, la farce est jouée!*

Para terminar este capitulo esboçaremos o que era a *Petrea*. Não se trata precisamente de uma personagem de theatro. Era uma individualidade jogralesca que se exhibia em certas ceremonias em Roma. O seu papel era o de uma velha embriagada. Acompanhava-a outro typo feminino, *Citeria*, que fréchava os circumstantes com toda a especie de dichotes e epigrammas

Compilado por

EDUARDO DE NORONHA.



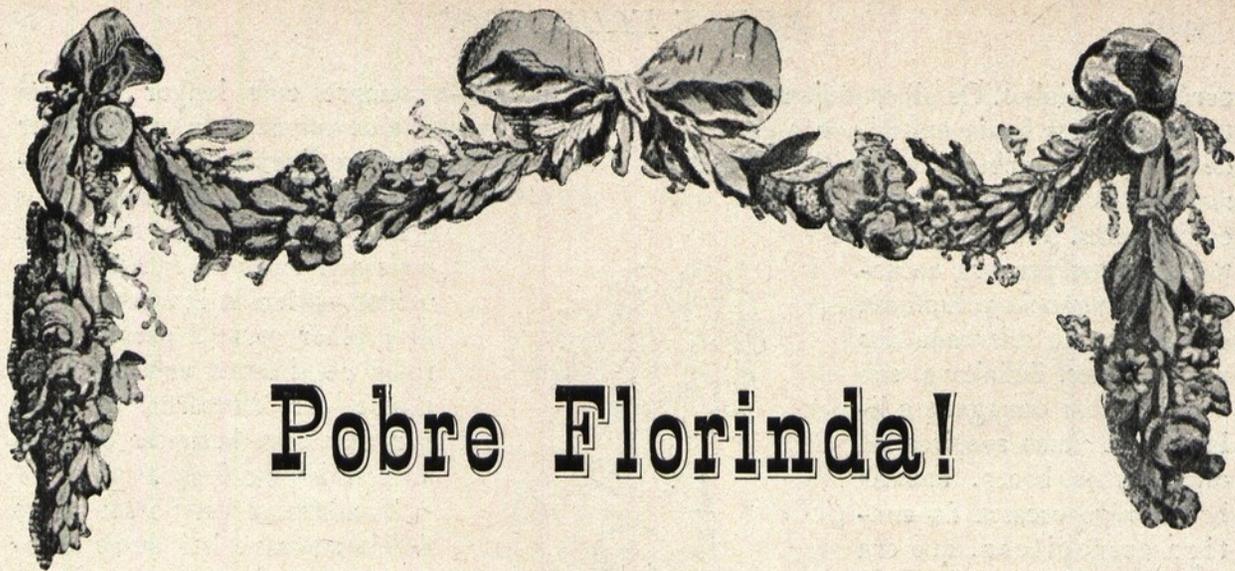
Meus sonhos

*Os sonhos que sonhei são sonhos mortos,
Minha pobre alma é como um campo santo,
Tantas cruzes! deixai correr o pranto,
Vós todos que ides na illusão absortos.*

*De chorar tenho os olhos semi-mortos,
Se como vós ameí também, e tanto!
Poverinho do Amor, como o pobre Anto,
A nau guiei a inaltigáveis portos!*

*Alguem ha de descer a estes abrolhos
Em que vivo, a fechar triste, os meus olhos,
Na beatifica paz destes meus ermos...*

*Doce visão do Amor e da Bondade,
E que ajudaste, irmã da caridade,
A bem morrer os meus sonhos enfermos!*



Pobre Florinda!



QUANDO passou a tumba pela que-
lha da Hera, atalho tristonho
do cemiterio, quasi todos os
serviços da quinta subiram
ao muro e, curvados, jungi-
dos em um renque de troncos
soluçantes, deram o adeus derradeiro á Flo-
rinda, a boa cachopa, a, outr'ora, mais ra-
diosa, fúlgida serva do conselheiro Esteves
Pinhão.

Mas, olhem este infortunio: ninguem do
seu sangue a acompanhara! Todos repara-
ram. De resto, natural, porque a unica pes-
soa que a defunta deixava no Mundo era
sua Mãe e essa, muito doente, a engelhar,
feita decrépita,—embora não arrostasse com
mais de quatro dezenas de outubros,—es-
tava de todo distante, para além das cordi-
lheiras abruptas, na margem do seu nostal-
gico corgo. Em todo o caso,—ai! sempre
era um consolo,—muitas creaturas alheias
o fizeram e, olhos marejados de lagrimas,
coração oppresso, lhe levaram ramos d'ama-
rantos e de goivos ao coval. Outras, tambem,
que não puderam ir, desfiaram á noute os
rosarios por sua alma, em uma saudade viva,
mortificadora.

Florinda deixava, como nenhuma, grati-
dão verdadeira no íntimo dos pobres, d'alli
e de fóra, pela bróa que lhes dera sempre,
pelo muito que lhes havia feito em mal pro-
prio. E, depois, ficava a falha da sua antiga
alegria,—a sua alegria, suggestiva e can-
tante, dissipadora de resaios e angustias.
Era de vel-a então. Era de ouvil-a, ainda
melhor, ao ella reparar no franzido dolente

do rosto de alguma das suas muitas amigas:
«Menina! A vida não vale amargores. E a
pessoa que os tem, que os procura, não sabe
gosar, é tola!» E, rebentando-se-lhe a ala-
cidade em casquinada intermina, casqui-
nada capaz de desmanchar os mais ankylo-
sados misantropos, agarrava a desgostosa
pela cintura e fazia-a rodopiar até lhe ou-
vir, de pèrmeio, a ditos contrafeitos de zan-
ga, as mais scintillantes palavras de ale-
gria.

Florinda, a sempre risonha, a sempre fe-
liz, mal sabia emtanto que o raio lhe ca-
hiria em casa. E de que modo!...

A principiar pelo encontro do seu corpo
expirante debaixo da grande penedia, da
alta penedia talhada a pique impetuosa-
mente, sobre a deveza do sr. Donim.

Que encontro. Era demais para olhos
humanos. A toda a creatura causara repel-
lões de horror, magoas de rasgarem o cora-
ção. Como estava Florinda!

Ao rolar — todos já sabiam, ella atira-
ra-se do cimo d'aquella fabulosa massa pe-
trea — as vestes esfarripadas haviam-lhe
dado, misericordiosamente, a compostura.

Mas todo o seu corpo, de estatuaria san e
ondulosa, passou a um esphacelo, um chaos,
um delirio...

Os cabellos, em tempo rebrilhantes como
a plumagem dos corvos, viam-se, entre tor-
gas resequidas, desnastrados, sem lustre e
recamados de lichenes. A fronte mostrava,
em todo o seu arco marmoreo e suave, ris-
cas de sangue denegrado, de sangue que
borbotasse dos escalavros profundos de uma

corda de espinhos. Os olhos, cujo resplendor tantos rapazes havia enleado, não passavam de um ponto turbado, a pupilla a accenar mortiça na iris e na cornea confundidas. O nariz, que tantas vezes peccara ao aspirar a fragancia voluptuosa dos cravos da offerenda dos pretendentes, definhava, sob a cartilagem esmagada e lilaz, os ultimos suspiros da olfacção. A bocca, aquella bocca raro escassa da cantiga estrepitosa, que era como o mais elevado psalmo que ella poderia entoar á Vida, — parecia sacrificar, nos labios rebentados, uma «prece suave e carinhosa á Morte». E os seios, que nunca deixaram de socar rijo, ao menor afago, na época de nubil desejada, ondeavam agora fracamente, mal repuxavam o casaco de chita pobre, pouco diziam da sua graciosidade palpitante...

Florinda é transportada assim, em padiola d'estrumeiras, para casa dos amos.

Instantes depois de entrar no seu quarto — miseravel buraco embutido, como um nicho sob o escadario de pedra da varanda — não tem mais vida.

O conselheiro, quando soube que estava a penetrar no terreiro uma padiola com aquella serva, não gostara nada, quizera até mandar pol-a de lá fóra, pois que ella, naquelle estado, ia esmaecer o conjuncto festivo que, desde manhan cedo, havia em sua casa pelo casamento de seu filho Armando com a morgada de Rendufinho. Porém, tolerara. Tolerara a pedido da senhora, uma santa alma que já se não lembrava, nempor sombra, do que lhe fizera a criada em meio do festim.

Dias adeante. Em casa da sr.^a Carolina Rendeira, aquella excellente pessoa que, louvado Deus, sabe de toda a vida alheia,

dissecando-a sempre com langor a quem quizer escutal-a devotamente, a quem quizer ouvir estuar-lhe na lingua a sua maldadesinha de serpe. Soffrendo dos olhos — que, emtanto, enxergam mais que todos os da aldeia reunidos, — tem o innocente vicio de atulhar passo a passo as narinas de simonte, com cujo distillado côr d'açafrão costuma, por descuido, besuntar os mais ao estralejar o lenço.

Tambem, é este o seu unico defeito: porque isto de se occupar com o viver dos semelhantes e de fazer alguns patacos com um lenocinio recatado — não o é, é simplesmente entretenimento, o pãozinho de cada dia, creiam, meus senhores. A sociedade que a procura é homogenea, não faz arredar deste ambiente: creadas invejosas, sempre a vomitarem intrigas d'embate á Ermelinda, que é virgem lyrial e não mente, e á Maria, que é casada e, de séria, não faz cõro com ellas; recoveiras de amores maltrapilhos, caminhar leve e falas malignas; mulherio de palheiro e baiuca, na tesa lingua de trapos.

No momento só está, de fora, uma creada do conselheiro, a unica por signal que não ia muito á missa da Florinda, devido á sua belleza. E' já madura, sêcca; e, pelas suas farronices vingativas, presta-se a optimo modelo d'Erinnya romana. Porfim, fraca observadora, quasi tapada. A ver. Logo ao pisar a soleira, pergunta para o circulo do borralho, onde a dona do casebre se aquece: — Porque seria, ó sr.^a Carolina, que Florinda se atirou do escarpado abaixo? E que sitio a delambida procurou p'ra se matar! Cruzes! Só p'ra subir...

tinha que dar ás pernas a bom dar e d'esticar a lingua como um cão damnado!

A sr.^a Carolina, mostrando a feira esca-



bra dos dentes com uma gargalhada lassa, nauseante, exhibe a sua incredulidade matreira e o seu informe capcioso:

— Pois então, vocemecê, que foi parceira, não sabe?! Ora a graça. Ora a santinha de pau caruncho-so. Em todo o caso, ouça, que talvez eu saiba melhor. O que, a falar a verdade, me parece impossível. . . Florinda, a grande impostora, cuida que amava um rapazola muito conhecido. Eu digo «cuida», ao contrario de muitas, que diziam que ella amava loucamente, porque tenho cá minhas razões. Sim, não sei se me entende. . . Vae d'ahi, como elle lhe promettesse (veja as minhas razões) mundos e fundos, — brincos de ouro, saias de velludo — entregou-se-lhe. O nome do guloso que trincou a primeira vez aquella cereja, quer saber, não é? Espante-se, minha linda: Armando Pinhão, filho do seu amo. E'. Todos o viam muito serio, um trato de senhor com rei na barriga p'r'os servos, principalmente quando estava de namoro com aquella figurita de cera que desposou n'outro dia; mas o certo é que elle era um namorador como os peiores. Eu bem quiz amanhar, sem nenhum interesse, o futuro daquella parva. — E, approximando o mocho da interlocutora, á puridade, mão curvada ao canto da bocca: — O africano de Villar, rico como era, morria d'amores por ella; porém a ingrata, affectando purzas, saccudiu-o, e ainda por cima se agoniou commigo, que lh'o havia apresentado. Saccudiu-o. E pouco depois eu sabia que andava com o fidalgote. Preferiu-o. Melhor! O pago deu-lh'o elle logo: abandonou-a com enfado, e riu-se ao depois da sua quéda. E agora, então, a forte tola, vendo que elle se lhe ia de vez com o casamento, matou-se.

O resentimento da sr.^a Carolina açulou-a á adulteração. Os motivos que impelliram Florinda até ao suicidio tiveram recortes mais puros, e o maximo fluiu ao sopro de um amor heroico e solidificou-se á tempera de um hymno de indulgencia e passividade.

Armando Pinhão, após ausencia longa, voltara á quinta havia dois annos. O pae, outras épocas remediado lavrador e tibio politico, mas um tudo-nada intellectual, com os seus requintes de artista, e hoje conselheiro, alta influencia, moeda em solidos bancos, terra feraz a espalmar-se por muitas legoas, tinha-o mandado para Coimbra, afim de o matricular na Universidade logo que fizesse os preparatorios no Lyceu.

Mas breve o manda regressar, pois o «bicho» dá só para cahir frequentemente em patuscadas infrenes, com guitarradas até horas d'alva, e para atirar p'r'os quintos os livros.

Depois fal-o seguir para Lisboa, a ver se, com o trabalho, o emendará d'aquellas estroinices, cuja repercussão se fazia sentir com estrondo na terra aonde o grave conselheiro possuia parentes por todos os angulos. O rapaz, ao tempo nos seus dezoito annos, principia a portar-se bem, por pouco com virtude de asceta, na casa commercial, de atacado, em que o arrumara um tio, grande capitalista, summo carola. Tal regimen claustral, da ordem do olympico rei dos ladrões, difundido nos conselhos bentos do tartufo, não deixa comtudo de lhe irritar os nervos; mas supporta-o alfim, resignadamente, visto não ter lá ninguem por si, nem receber um carinho compassivo do tecto, nem, ainda peor, ter dinheiro.

De certo tempo em deante, fizeram-lhe ordenado; e o pae, satisfeito, sciente do bonito comportamento do filho, passa a escrever-lhe a meude, sempre com abraços e saudades de todos.



Aquillo conforta-o, é o renascimento do antigo fervor pela borga. E, passado tempo, diz ao pae, por carta lacrimosa e bem lançada, que estava muito crescido, homem feito. Por isso, e desde que tinha o mesmo numerario na casa, que mal lhe dava para umas gaspeas, necessitava de mais dinheiro.

O pedido era rasoavel: o papá estabeleceu-lhe mesada.

E as esturdias do antigo estudante levaram, de roldão, o caixeiro a faltar ao serviço. O primeiro alarma reboou dos companheiros, ellucidando aos patrões «que o sr. Armando não estava em casa do tio, doente, como elles cuidavam, e sim a larear pelos theatros e conventillos». Um dos socios notificou ao tio. E este, as bochechas apipadas de colera, foi logo procural-o.

Depois de espionar bairros e bairros, e plenamente exausto, encontrou-o ás portas da cidade; em um trem aberto, enterrado no meio de duas moçoilas primaveris, bellas rosas da Tentação nos seus vestidos e chapéos d'escandalo. Mas a caruagem rodava, estrondejava, fugia por uma parelha ardente; e o tio só ponde brandir a sua bengala de canna queimada, em ameaça terrivel, por entre a nuvem de poeira que os pégasos d'aluguer levantavam, sarcasticamente, em turbilhão de simum.

O pae soube, e quiz o bedelho da policia; todavia, como unico remedio, suspendeu a mesada ao borguista.

E elle, neste caso, — estava de ver, — volta ao balcão. Ia um mó-lho d'ossos, uma amarellencia de papyros. Ainda assim, aguenta alguns mezes na lide pezada.

Até que o pae... — sempre era pae — ao saber da derrocada do seu physico, fez recolhel-o á quinta. Desejava tufar-lhe as pellancas, occultar a carcassa, e tambem — o principal — incutir-lhe juizo, juizo ás mancheias.

Os primeiros dias foram de sécca, palavras asperas, chicoteantes, do pae, lagrimas

demoradas da maman, olhares esconsos dos parentes. Mas Armando melhorou de cara, a pelle retezou e coloriu-se. E d'ahi, deliciou-se com «bons dias» contentadores do conselheiro, caricias fugidias da progenitora e perguntas sympathicas, sobre a sua saude, da infindavel parentela.

Porfim, eil-o querido de todos; e o papá, para mostrar que tudo estava esquecido, disse-lhe que queria fazel-o homem. E, como prova d'oiro, batendo-lhe na omoplata:

— Conheces a casa de Rendufinho? Rica. Muito rica. Tem as suas celebradas trezentas e sessenta e cinco janellas...

O sr. conselheiro, alheio por instantes a Lavoira e Politica, refere-se em seguida, com os seus arrebiques d'arte de tempo longinquo, ao grande luxo interior. Que de quadros d'alto valor! Os entendidos, por detraz dos seus oculos maravilhados, citavam até — seria crível? — um pequenino Potter, — um Crepusculo com o seu moinho de vento cravando as pás no céu triste, e adejando, ronceiramente, por sobre a alfombra do prado a perder de vista, — e um motivo mystico, magico de colorido, de Goya. Mas o qué lá saltava mais aos olhos do commum dos visitantes, como elle, conselheiro Esteves Pinhão, se julgava, era a disposição encantadora de tudo. Aquillo vibrava como uma flor escarlata em meio de uma mouta verdejante. E, então, as jarras, de collo elegante, com que doçura não offereciam, ao de cima de toalhinhas rendilhadas, os seus ramos eternamente aureolados de viço e perfume!

E conclue:

— Sabes a quem se deve tudo aquillo, toda aquella orchestração da Esthetica? A' Georgina, filha mais velha do sr. Morgado, joia sem preço do relicario dos de Rendufinho. Ah! como é ditoso aquelle pae... e como o será o rapaz que conseguir a mão da morgadinha! Monta e vae até lá, Armando. Entre as duas familias ha um élo d'amisade que as prende desde éra avoenga.



Armando foi.

A morgadinha, muito loira, olhos transparentes como porcellana, cintura quebradiça e voz modelada em gorgeios — fê-lo estremecer. E ao voltar pela estrada velha — toda enfileirada de carvalheiras de um verde ridente d'esperança, em cujos galhos colossaes se diluia uma peneirada de sol creador — devotou-lhe todos os sentidos. Como era extraordinaria a detença de uma rapariga de tão alta estirpe da Belleza em uma aldéola cujos de mais habitantes eram pategos de grande crosta e fidalgotes preciosos tresandando a codices e chronicas de soporíferos freires!

O conselheiro, quando o vê entrar no solar, uma doçura apprehensiva nos olhos, prediz que «Amor tece a sua rêde em torno daquelle coração».

E, affectando:

— Então, gostaste? Bello, hein? Excellente fidalguia.

Não tardou o ajuste do casamento. O bodo, a pedido de Esteves Pinhão, seria na sua quinta, porque, nessa hora, já estaria prompta a capellita que ia mandar construir por encommenda fervorosa da mystica esposa.

Entrementes, Armando vae desencadeando festivamente os dias, ou em Rendufinho, em adoração á noiva, ou na sua terra, em batidas aos coelhos, pelos montes trescalantes de joina e rosmano, sempre seguido de um moço com furão e de uma canzoada atassalhadora.

Por certa manhan gloriosa de luz e azul, em que de toda a tela rustica parecia irradiarem graças paradisiacas, elle dirige-se até ao monte do outro lado do rio: porque os montes de cá já estão sem peça, passados e repassados todos os seus estevaes, farejadas todas as suas luras.

Antes da ponte, da vereda que desce em torcicolos esburacados, enxerga um listrão de lavadeiras nas pedras do rio. Cantam; e os ouvidos do caçador deliciam-se, sentem bella inspiração nos versos e na musica, bom christal nas vozes.

Nisto, ao passar a ponte:

— Bons dias, senhor fidalgo! saúdam, uni-

sonas, as lavadeiras. — E uma, já fóra do concerto, accrescenta: — Seja feliz na caçada, senhor! Que esse moço não possa carregar, de tantas, as lebres e ás perdizes!

Armando, ao corresponder ao magote e agradecer á que, tal a sua gentileza, lhe fazia derrear o empregado — aliás um latação de respeito, — notou que o rosto desta era formoso, muito illuminado pelos olhos, muito rico sob o diadema dos cabellos.

E, da outra banda, encosta á riba, e pergunta ao machacaz quem era aquella prenda.

Que era antes uma alveloa, das mais adornadas d'encantos, muito estimada, vinda de terras de Traz-os-Montes, e que estava talhada para servir, lá para casa do senhor fidalgo.

Uma semana depois Florinda é creada do conselheiro Pinhão. Armando, extravasado de contentamento, trata-a com suavidade, joga-lhe ditos enleantes como liames de bruxo, fala-lhe tambem d'amor...

Ella, coitada, filha das serras, ouve-o aturdida e acha-o sincero; olha-o humildemente e acha-o escorrei-to, muito bello, semelhante — e não dizia de mais, agora! — aos cavalleiros das lendas que lhe contára, em tamanina, uma tiasita da sua terra...

E uma noute, apesar de tempestuosa, — vento a derubar arvores, chuva em caudaes, trovão saccudindo casas, — a serva, consoante havia tratado de dia, lá foi a um

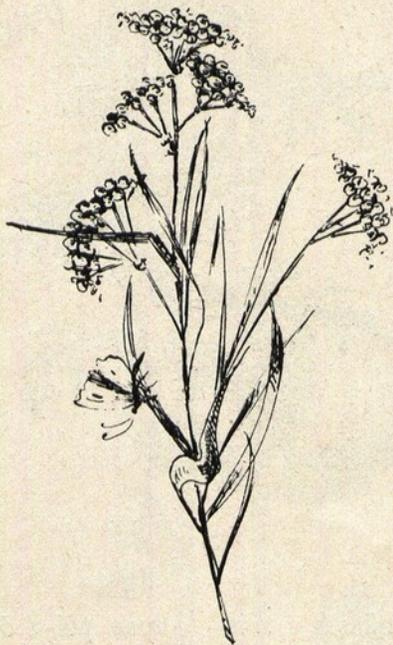
palheiro retirado, perto do campo, a annular-se no seio de oliveiras em fructo. Chega a escorrer agua, o coração batendo.

E, ao entrar, como a rogar perdão:

— Estou toda alagada, p'r'aqui um trapo que o vae sujar... Melhor será voltar, já, meu senhor!...

— Não! Não voltes... — regougou o seductor. E logo os pulsos d'elle, como engates de ferro, a arrebataram...

Durante mezes o filho do conselheiro andou satisfeito. Ao passo que deixa em penumbra a imagem da morgadinha. Mas vem o enfado; e elle descobre que a serrana é



uma labrega, curvas sem cadencia, phrase asperrima e inundada de xx. Tempo em que a escultura de Geornina esplende na sonoridade das suas fôrmas intangíveis, soletradas ao de travez do seu vestido justo, de casimira leve, na galanteria do seu trato, e na magia do seu olhar.

Nem por isso Florinda deixa a casa onde serve: não se julga, a pobre, com forças de se furtar de ver Armando, de lhe ouvir a voz, de o adorar, feito um deus, todos os dias, de o bajular com sentido d'elle lhe dispensar uma palavra menos brutal, que, para o seu coração tresloucado, é prenuncio do antigo amor a reviver.

Quizeram mandal-a embora, por via de fazer agora tudo desordenadamente, sem asseio, e de trajar com sordidez. O sr. Armandinho chegára até a queixar-se á maman que «aquillo não tinha geito, qual-quer hora o estafermo se apresentaria a servir á meza mais faruscada que os carvoeiros!» Mas a senhora disse que talvez se emendasse, que a deixassem por piedade mais algum tempo.

Veu o dia do casamento de Armando. A senhora, na vespera, chamou Florinda e recommendou-lhe, maternalmente, que se asseiasse bem, enfiasse a sáia de panno que lhe déra a semana passada, e que, ao servir, fosse cuidadosa. Ella prometteu, apparencia muito tranquilla, obediante. Mas assim que recolheu ao quarto e considerou, de fugida, nesse casamento, cuja noiva lhe roubava para sempre Armando, rebolou-se no leito, escabujou, arrancou manadas de cabello, lacerou a cara; e só ao vir a frouxidão de todos os membros torturados, pelo abrir da madrugada, é que adormeceu.

A's sete, porém, soou uma estrupiada frenetica na porta e teve de se levantar. Antes de sahir foi olhar-se ao pequeno espelho, de casca d'estanho, para ver que tal tinha o rosto. Tinha-o muito esgadhado,

tinha... De sorte que deseja fugir, — fugir para onde ninguem a veja! com vergonha de se amostrar. Mas o coração pedelhe, constricto, novo sacrificio e ella, submissa, apresenta-se para servir, para ser util a Armando.

La um movimento sem treguas, ensurdedor, por toda a quinta. O terreiro, do espaço de um campo, estava coalhado de povo-veu do logar e de Rendufinho. A espaços estrugiam, em crescendo de delirio, vivas aos nubentes; e a cachopada garrida, de mãos dadas, em grande roda, trepudiava e dançava como em um arraial.

A cerimonia estava marcada para as dez; depois haveria o almoço. Florinda, até esse momento, esteve por duas vezes a querer fugir: ao deparar com a noiva, que nunca tinha visto, e cuja esttua lhe causou, de subito, o effeito de enfrentar um anjo soberanamente bello, victorioso e sarcastico; e quando os noivos voltaram, muito felizes, muito risonhos, casados da capella. Depois, pelo

começo do festim, a pobre levou safanões da governanta, por entornar terrinas e deixar cahir pratos. Por ultimo a

dona pôl-a de lá para fóra, porque «o estafermo, como se tivesse ensandecido, deu para estacar defronte do Armando e da Georgina, a olhá-los, a querer beber-lhes as palavras»!

Então, desrespeitada á face de todos e — era a maxima dôr! — expulsa do serviço deante dos noivos, não aguentou, não teve alma para soffrer mais aquelle inferno: desceu ao terreiro, fundiu-se no cadinho da arraia estrepitante e, tal o veio d'ouro escondido pelo escumalho, desapareceu — para reaparecer, porfim, ao largo das searas tisanadas.

Seria meio dia. Tempo toidado. Natureza morta. O sol, raro desamortalhado de grandes nuvens, pouco lobrigava os estendaes nevados da Cabreira.



Florinda, a soluçar, segue pelo carreiro da fonte do Passal: tomando este rumo, tem desejos d'encontrar, na bica, uma alma bondosa que a console e queira ouvir. Mas, espera que espera, sentada nas lages frias, e não lhe aparece ninguém.

Como era infeliz! — soluçou. Estava tudo perdido; não tinha uma única esperança a que se pudesse apegar. Esperanças... E ella que as tivera tão viçosas, promettedoras como milharaes carregadinhos de pendões! E todas, todas mais desfeitas que o pó das estradas muito batidas! Ah! Mas a mais cara dessas esperanças é que lhe custára, é que não queria desaffeioar-se-lhe, fugir. Era esta.

Muitas occasiões Armando lhe promettera, pela doçura de possuir a sua carne a escaldar de volupia, que calcaria aos pés a vontade paterna e fugiriam depois ambos, para longe, casando na primeira parochia. Que felicidade, senhor Deus!... E, resignada, o mandil a colher lagrimas: «Mas que pretensão a minha! Então elle, aquelle rapaz bonito, que vi ha pouco brilhar entre todos que estavam á mesa, lá me poderia q'rer?! Que cegueira. Elle, só mesmo p'r'a outra, a morgadinha... Aquella senhora tão pura no seu vestido com flores de laranjeira, tão rica nas suas joias, tão branda, tão linda... como a vi no bodo! Eu podia-o lá merecer!... Dizei-me, ó aguas da fonte, ó lages e arvores; eu, eu o que era p'ra ter tal ventura?! Uma mulher perdida, uma reles creada, um escanzelo sujo!...»

De repente, porém, animada por uma columna de fogo vivificador, ergue-se e,

mãos em garra, olhos tumidos de raiva: «Oh! Mas, antes, embora não tivesse vestidos caros e joias ricas, eu era candida, tinha tanta ou mais belleza que ella, era alegre, tinha o socego do coração! E quem me roubou tudo isso? Aquelle perjuro. Aquelle corvo! Mas — assim eu vá p'r'ó céu — hei de vingar-me!»

Senta-se de novo. Vae-se-lhe do rosto a coloração do odio. Estremece o seu ventre com um empino do filho... Embranquece. Aterrorisa-se supersticiosamente. E, pejada de lagrimas, desmancha aquella jura, pede perdão infantil, desvairadamente, ao filho do seu peccado, perdão porque desejou ensanguentar o lar do pae d'elle... desse filho que tem nas entranhas e que não chegará a ver a luz do mundo...

Momentos após, fraca de artelhos, mas firme, mentalmente, em certo proposito, toma para a deveza de Dominim.

Era tarde. A vespera não demoraria com a sua temperatura arrefecente, congeladora do sangue mais moço.

Os trabalhadores dos campos recolhiam ao caselejo, satisfeitos, a garganta a molhar-se-lhes em canções a Pan e ao amor.

Florinda, apesar de agora mesmo deixar a chandás searas, já lá vae acima, pela quebrada que contorna, á direita, o penhasco. E ei-la no coruto. Mas como chegava cançada!

Que importava, se tinha aos olhos o céu que iria receber e apagar para sempre o seu soffrimento, que calaria aquelle coração que tão loucamente amava? Oh! E era tão enleante a paisagem que se estendia, lá baixo, até aos mares! Certo, si-



gnificava o Eden, a querer attrahil-a, ar-repanhal-a, accenando-lhe com toda a evocação das suas côres, todo o concerto dos seus tons.

E Florinda olhando para os lados, socialcos de montanhas rujidoras, — mal as fustigue o vento, — sente uma serenidade primaveril em todas as cousas, na pedra bronca, no solo cascalhento, na esteva bravia;

sente que tudo bemdiz o seu intento. Olha para o Ocaso e vê, na sua franja d'ame-thista, a côr que sagrará as ultimas saudades que enviar á Terra. Ajoelha agora, diz uma oração férvida á Immaculada. E, offer-tado o seu holocausto final, rola pela pene-dia tremenda, rola sem gemidos, insensivel-mente, até baquear em baixo, no torgal da deveza do sr. Donim.

Rio de Janeiro.

COSTA MACEDO.



NA VIDA

Eis a lucta: de frente, em luminosa arena
Os fracos e os heroes, o tigre real e a corça,
A manopla esmagando os ossos á pequena
E alva mão infantil, inexperta e sem força.

Acima d'isso a gloria, e todos os seus loiros
Pr'a quem fôr mais cruel, para quem fôr mais forte,
Quem não saiba vencer resvale em sorvedoiros
De apodos e labéos, em procura da morte.

E' bello. O coração — Fata no alto o proclama:
Quando invencivelmente o sentimento o impilla
Ou para o amor — chíméra, ou para a idéa — chamma,
Conte que a Força o espreita, e que a força o anniquila.

O teu domínio, Flor, esse encantado imperio
Que ao longe se entrevê e nos deslumbra o olhar,
Fica perdido além, nas regiões do mysterio
E a quem quer attingil-o é necessario voar.

Tu, que a garra, Psychê, contrapões tuas azas
De aguia, vòa, remonta, embriaga-te de luz,
Que a victoria afinal é pedestal de brazas
E o sonho, as illusões á fumaça reduz.

Tu, se queres, villão, estatuas de oiro, escuta:
Primeiro, indaga bem teu instincto o que quer,
Depois, sê mais villão e arroja-te na lucta
Que os triumphos serão teus... a Gloria é uma mulher.

Peireira Barreto

Eduardo VII, lavrador

ACABA de descer ao tumulo o mais notavel chefe d'Estado da primeira decada do seculo xx; sobre a sua campa não se ouviram maldições de vencidos, em côro, com as orações dos triumphadores; sobre ella esfolharam-se flôres em preito de saudade não apenas as de seus subditos, mas as do mundo inteiro, porque o soberano fôra chamado Eduardo VII, o Pacifico, e não o Bravo ou o Conquistador.

Não vamos fazer a biographia do grande rei; vamos apenas tornar conhecida de nossos leitores um aspecto da sua vida, geralmente desconhecido entre nós: Eduardo VII, como o seu dedicado amigo D. Carlos I, era lavrador.

Durante o seu curto reinado a agricultura na Inglaterra soffreu profundas modificações, que não podiam deixar de interessar o soberano, que procurava alcançar a felicidade para o seu povo.

Nos ultimos annos, vastos terrenos, considerados improprios para a cultura, tornaram-se como por encanto em extensos campos pela cultura cuidada, feita d'accordo com as indicações da sciencia. Os campos attrahiam a população das cidades que alli vae procurar uma vida tranquilla e sã. Os

grandes proprietarios associam na partilha dos lucros o pessoal da sua lavoira.

Por outro lado philantropos, como os grandes industriaes do sabão Lever & Brothers, constroem a cidade ideal, a cidade jardim de Port Sunlight para os seus operarios que alli encontram o conforto que só possuam os ricos. Bellas casas cercadas por jardins para a cultura de flores e hortaliças formam a cidade.



O REI EDUARDO VII N'UM PONEY DE CAÇA

A classe média aspira a ter alguma coisa semelhante: uma casa propria e um pequeno terreno para cultura, e em breve surgem as novas cidades jardins de Hampstead e Letchworth.

As revistas inglesas publicam numerosos artigos interessando o publico pela vida campestre e escriptores como o romancista Rider Haggard deixam de escrever romances para nos descreverem em bellas paginas os seus jardins e hortas nas diversas estações ou os aspectos da Inglaterra rural.

Aos que não podem viver no campo tambem se lhes offerece o ensejo de alli passarem algum tempo: algumas caixeiros e costureiras de Londres vão passar as ferias no campo occupando-se na colheita e acondicionamento de fructas destinadas aos mercados.

Um soberano, como Eduardo VII, não podia ficar indifferente deante de tal interesse pela cultura da terra e vida campesina e elle mesmo sentia de ha muito em si a paixão pelos campos.

Se foi o primeiro homem do seu paiz, foi tambem o primeiro lavrador.

Sandringham transformou-se numa herdade modelo, com as suas sumptuosas abegoiarias, cavallariças, curraes, cortelhos e cerca de setenta casas de habitação para o pessoal.

Estas casas foram o inicio da habitação economica na Inglaterra. Neste paiz pensa-se e muito bem que nada deve ser dado; nada deve representar uma esmola. Pro-

cura-se facultar ao operario e ao homem do campo um lar confortavel e salubre, mas nunca dando-lhe. Pagará sempre uma renda, pequena de certo, não representando muitas vezes senão um juro insignificante do capital empregado na construcção; mas deverá pagá-la sempre. As casas do pessoal de Sandringham eram arrendadas pelo rei por quantias que nunca excediam quatro libras por anno.

Eduardo VII dirigiu pessoalmente a construcção d'essas casas e visitava-as a miudo, inquirendo da vida dos seus inquilinos e verificando, de visu, as reparações e modificação a fazer-lhes.

A habitação economica para as classes pobres mereceu especial attenção ao bondoso soberano; quando era ainda Principe de Galles, num dos poucos discursos que pronunciou perante os Pares, sustentou com calorosa eloquencia a necessidade



UM EXEMPLAR MODELO EM SANDRINGHAM

absoluta de encarar a questão e resolvê-la. Quando em 1896 uma comissão parlamentar inquireu das condições das habitações das classes pobres, o rei recebeu-a na sua herdade e mostrou-lhe como elle resolvera o problema, e a comissão affirmou publicamente que o que havia a fazer era apenas imitá-lo.

Na herdade e proximidades estabeleceu escolas e levantou egrejas, fundou um club

com uma sala de bilhar e gabinete de leitura para os seus trabalhadores, que elle desejava fossem instruidos e morigerados.

A embriaguez era punida com a expulsão de um mez, seis mezes á segunda reincidencia e despedido para sempre aquelle que pela terceira vez delinquisse.

Eduardo VII indicava as arvores a abater, os locais onde se deviam plantar outras, escolhia os seus gados, interessava-se pelas exposições agricolas e não se dedignava de figurar entre os concorrentes.

Possuia os mais bellos exemplares da raça bovina de pontas curtas, um esplendido rebanho de carneiros de South-Down e cavallos puro-sangue Shire, que eram submettidos a mais rigorosa selecção para garantir a pureza das raças.

Na sumptuosa herdade, que se estende por cêrca de 900 hectares, ainda ha alojamentos para numerosos exemplares da raça canina e suina.

As mattas, que cercam a herdade, formam coutadas, que pertenciam ao rei, ou que elle tinha arrendadas, e onde todos os annos se soltavam 10:000 a 12:000 faisões para as caçadas.

O rei que caçava desde os sete annos d'edade era considerado uma das melhores espingardas do Reino Unido.

Em Sandringham a vida do rei era simples como a vida de qualquer abastado rendeiro inglez. Levantava-se cedo, almoçava, lia a sua correspondencia e occupava-se de assumptos de lavoira com o seu pessoal.

Ao domingo, dia de descanso para o

grande reino, dirigia-se a pé, cercado pelos seus homens do campo, ou os seus hospedes, para a igreja de St. Mary Magdalene a ouvir a leitura dos textos sagrados e dirigir ao céu as suas orações. Se, porventura, alguém o desconhecesse, nem por sombras veria n'aquelle ancião de barba alvitente o rei da primeira nação do mundo, o chefe supremo do imperio em que o sol nunca se põe.

Longe de pensar em commandar exercitos, de sonhar com cargas de cavallaria, ou com aeroplanos que espalhassem a morte sobre as cidades aterradas, Eduardo VII, o Pacifico, nas noites tranquillias de Norfolk, sonhava de certo com os seus novilhos, ou com as loiras creanças que elle via saudarem-no quando visitava as casas que construiu para os seus modestos cavadores.

Quem sabe, se ao ver a sua poderosa esquadra saudando o apparecimento sobre as aguas do Dreadnought, elle não pensaria, n'esse instante, que valia bem mais para a humanidade, que o aço rutilante da armadura desse grande colosso tivesse sido empregado em enxadas e relhas d'arado?

Se não pensou assim, realisou esse pensamento, legando a seu filho os Dreadnoughts como peças caras de rica baixella destinada a nunca servir, enquanto milhões de charruas sulcavam a terra fecunda do seu enorme imperio.

Eis, porque, o excelso soberano desceu ao tumulo com a fronte cingida pela corôa d'oliveira brava, tornada immarcessivel pelo orvalho das lagrimas da humanidade.

ALVARO COELHO.





Aleobaça

*Como são bonitos teus campos virentes,
Os rios de prata que te banham ledos,
E as fragrantas rosas, frescas e ridentes,
As tuas alfombras e os teus arvoredos!*

*Villa encantadora, branca e florescente,
Que grandes saudades eu tenho de ti!
Quando hoje recordo, ainda, ternamente,
Os tempos passados em que lá vivi...*

*Lembro-me d'um berço de suave encanto,
Todo azul e branco, de celeste côr,
No doce remanso d'alma, ledo e santo,
Nesses bellos dias de enlevado amor.*

*Fresca madre-silva trepa pelos muros,
Verdes laranjeiras cobrem-se de flores;
Ninhos perfumados, nos beirões seguros,
Onde as andorinhas chilream amores.*

*Ao soar Trindades no velho Mosteiro,
Ai quanta poesia nessas badaladas!
Cantam, ao som d'ellas, aves no salgueiro,
Alegres gorgeios e canções trinadas.*

*Risadas sonoras estalam nos ares
De pares felizes saudando o descanso;
Ligeiros, contentes, regressam aos lares,
Ao seu ninho quente, de doce remanso.*

*E o sino resoa, triste sonhador,
Reportando a mente aos seculos passados,
Recordando o drama de fatal amor,
D'esses dois amantes ali sepultados.*

Quando a meia noite revoa no ar,
Quando a noite tóma seu lugubre imperio,
Essas notas graves fazem-nos scismar
Nos remotos tempos, cheios de mysterio.

Perpassam as sombras, mythos e chimeras
Nas tristes ruínas onde geme o vento...
Do velho castello, de remotas eras,
Esvoaçam lendas pelo pensamento.

Erram soluçaates as mouras zelosas,
Pelo ardente mouro, o formoso Almansor
Emquanto elle sonha, n'um leito de rosas,
Com meigas donzellas perdidas d'amor.

As virgens descansam, nos seus ataúdes,
Num somno profundo de fataes augurios,
Emquanto suspiram tristes alaúdes,
Lamentos longinquos em vagos murmurios.

E o sino plangente como que se exalta,
Triste como a noite, n'um choro sentido
Vae marcando as horas do tempo que falta,
Para mais um seculo cahir no olvido.

.....
D'um sonho encantado, n'um dia desperto,
Numa manhazinha de leda poesia,
Eu tinha a minha alma como um céu aberto,
E o sino repica nesse alegre dia.

Ternas repercutem no meu coração
As notas festivas do austero sino,
Como vozes santas, na vasta amplidão,
Annunciando, ledas, um feliz destino.

Sino da minha alma, Sino do Mosteiro,
A minha alegria como que a sentiste!
Quando o sol alegre, sabes ser fagueiro;
Quando a gente chora, como tu és triste!...

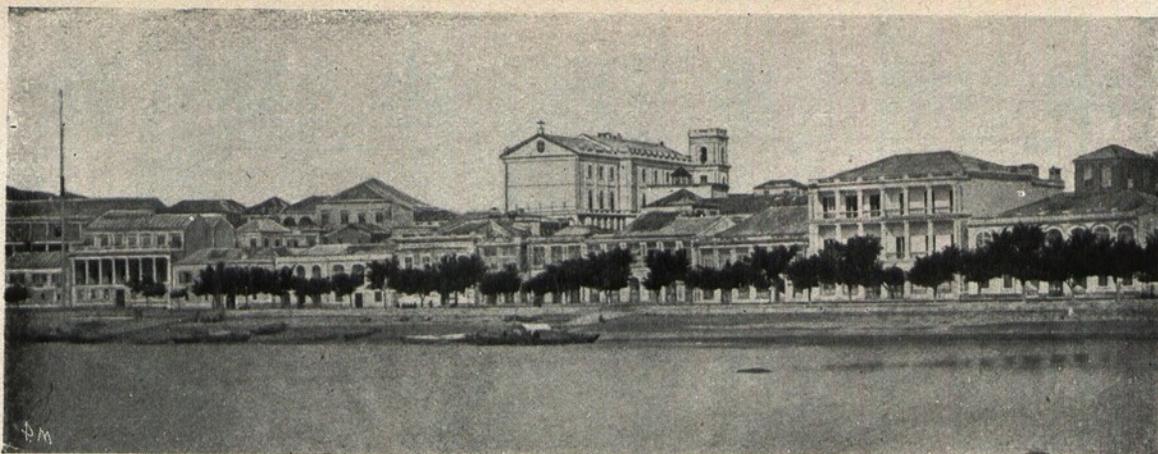
Sino do Mosteiro, de saudade infinda,
Sino do Mosteiro, de intensa poesia!
Que por mim tu chores, tristemente ainda,
Quando venha a morte buscar-me algum dia.

.....
Esvaem-se os tempos, mas nunca se esquecem
Esses que trouxeiam doces emoções;
Dias enlevados sempre reflorescem
Das tépidas cinzas das recordações.

Nunca mais te esqueço terra minha amada
Nem ás tuas noites de sonho e luar!
Vejo-te em minha alma como uma alvorada,
Porque no meu peito elevo-te um altar.

Abençoada sejas, terrinha querida,
Berço do meu filho, que ali me nasceu,
Adorado berço, que é da minha vida,
Porque a minha vida é a do filho meu!

Luthegarda de Caires.



PRAIA GRANDE DE MACAU

MACAU

**Apontamentos historicos — A incuria portugueza nas relações com a China — De Lisboa a Macau
— Macau pittoresco — O anno novo china — A procissão do Dragão**

«*Leal Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, na China, não ha outra mais leal*». Tal é a legenda que, em parte, circunda o brazão d'armas da minuscula, mas gloriosa, colonia portugueza no Extremo Oriente, e que, em extenso, se via insculpada na fachada do vetusto edificio do Leal Senado da Camara macaense.

Macau deve merecer a todos os portuguezes uma particular veneração, por ter sido o unico torrão patrio em que a bandeira das quinas não foi arriada durante a dominação castelhana.

Atacada a cidade pelos hollandezes em 1622, quando baniram o jugo da Hespanha, e querendo

tomal-a, como se fôra colonia hespanhola, defendeu-se Macau heroicamente, inflingindo completa derrota aos invasores.

E' no chamado: *Campo da Victoria*, em que se feriu a batalha, que está o padrão commemorativo d'este feito guerreiro, realisando-se cada anno, a 23 de junho, uma procissão em cumprimento do voto então feito pelos macaistas, em acção de graças pelo glorioso resultado da campanha.

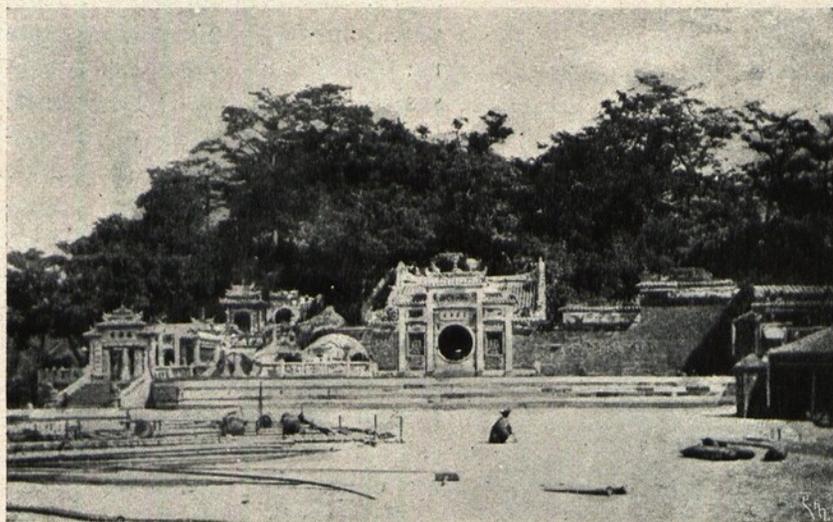
Mas, em especial, para os portuguezes da metropole que habitaram Macau, e mais ainda, para os que n'essa colonia passaram alguns annos da juventude, as dolorosas contingencias porque a nossa



GRUTA DE CAMÕES EM MACAU

colônia da China está passando devem ser sentidas, como se deploram os revezes experimentados por um verdadeiro amigo. E,

hoje só d'eram em resultado escarneos e ludibrios, mas que d'esta vez prenunciam consequências ainda mais graves.



PAGODE DA BARRA

d'envolta com o pezar, brotá irreprimível indignação contra a desalmada administração central, que tem feito ouvidos de mercador aos incessantes avisos de tantos governadores patriotas e dedicados, ha meio seculo pedindo que se puzesse termo ao proverbial desleixo com que os governos de Lisboa deixaram perder optimos e repetidos ensejos de regularisarmos as nossas relações com o Imperio Celeste, quanto ao definitivo reconhecimento da nacionalidade portugueza de Macau.

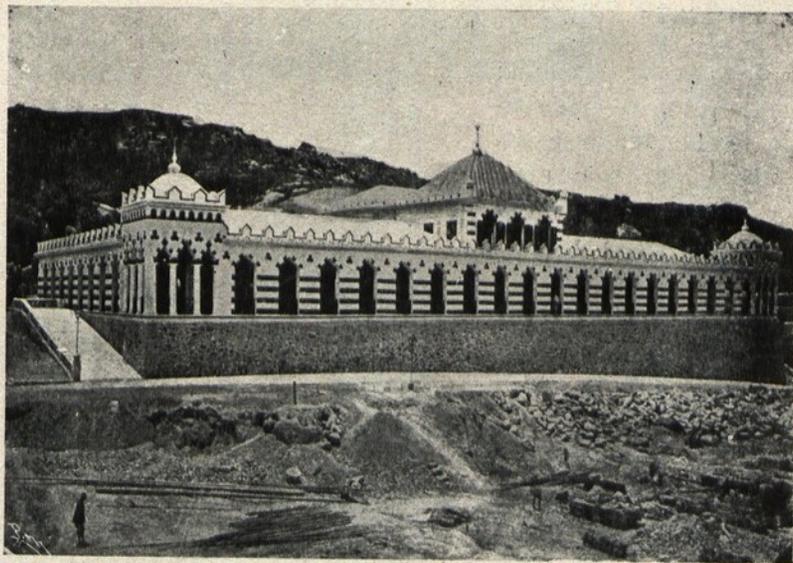
O que se tem passado é simplesmente espantoso. Todas as vezes que as nações da Europa corrigiram a China, e lhe arrancaram concessões, Portugal fez-se notar pela ausencia. Quando o Imperio do Filho do Céu, livre de conflictos com as potencias da Europa, mais arrogante se mostra na intensão de nos expoliar da colônia, cujo dominio, já inclusivamente foi por nós reivindicado pelas armas, é então que os atilados governos de Lisboa tentam negociações, que até

O sudario é tremendo, mas não será ocioso desenrolal-o aos olhos de todos os portuguezes, n'este momento em que o nosso dominio sobre Macau se acha sériamente ameaçado, como acreditamos que nunca esteve, porque a China de hoje não é a mesma dos antigos tempos.

Ha trinta e tantos annos, quando habitámos Macau, podia dizer-se, com verdade, que ainda vigorava o antigo aphorismo diplomatico de que: «A China faz tudo quanto se lhe consente e

consente tudo que se lhe faz.»

Já n'essa época, comtudo, o Imperio Celeste se armava, instrua e tratava de progredir. Por duas vezes que fomos a Cantão, como secretario de commissões encarregados de aplanar com o vice-rei dos *Dois Quangs*, difficuldades todos os dias nascidas



QUARTEL DOS MOIROS

da questão chronica do *hopú*, as alfandegas chinezas das immediações de Macau, a canhoneira *Tejo*, navio chefe da nossa exigua

estação naval no Extremo Oriente, era uma unidade guerreira de muito menor valor do que os navios de guerra chineses que ali se

do descabro interno que vae por este malfadado paiz.

Portugal, que nunca soube administrar-se, teve, na Edade-média, e ainda conserva, duas assignaladas aptidões: para a navegação e para a guerra. Ainda hoje, quasi sem recursos e sem material de guerra, fazemos nas colonias o que nenhuma outra nação é capaz de fazer.

Foi em premio e mercê d'essas virtudes, que n'esses tempos remotos eram primaciaes, que em 1556 limpámos os mares da China da pirateria que affrontava o commercio chinês, e nos foi concedido estabelecer-nos em *Comune*, por nós chrysmado em Macau.

Mais tarde, começou a ser-nos vedada a franca entrada na ilha de Hiang Chan, construindo-se uma muralha a separar a colonia portugueza do resto da provincia de Cantão. N'essa muralha havia

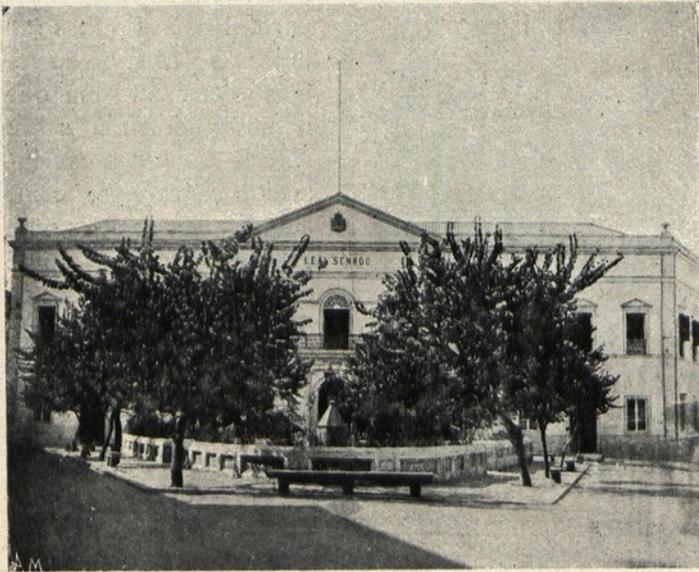
uma porta, que só uma vez por semana se abria para as relações commerciaes. Veiu essa porta a denominar-se: *Porta do cerco*, não existindo já d'ella, quando habitámos Macau, vestigios, mas apenas um verdadeiro arco em seu lugar. Ora, para lá d'esse arco, talvez dois kilometros, n'uma cumiada so-

viam fundeados, na frente do Chamine, a concessão europêa.

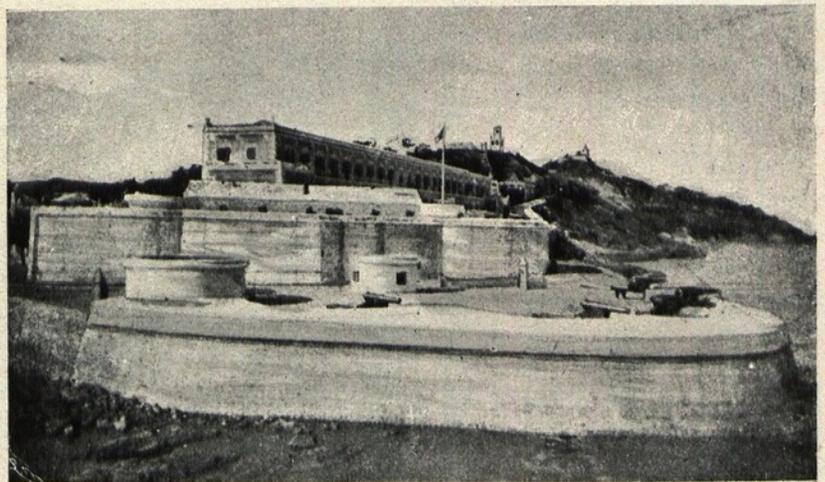
A China, desde então progrediu muito; a victoria dos japonezes sobre os russos, veiu dar mais alentos a essa propensão da raça amarella para se julgar superior aos *fanequai*, os *diabos brancos*, como os europeus ouvem chamar-se nas ruas de Cantão; finalmente, o governo de Pekim, tendo disseminado pelas côrtes da Europa a sua representação diplomatica, está hoje perfeitamente ao facto do modo de ser e do valor material e moral de cada nação europêa.

Para nós, é ponto de fé que as ousadias recentes da China, orientadas pela fórma mais perigosa que até hoje tem revestido, e dado o conhecimento directo que, por bastante tempo, tivemos do caracter e arteirices dos celestes, se não dariam, se elles não estivessem perfeitamente a par

branceira ao rio de Macau, e fronteira á povoação chinesa da *Casa Branca*, a primeira que tem mandarim na fronteira chi-



PALACIO DO LEAL SENADO DA CAMARA DE MACAU



QUARTEL E BATERIA DE S. FRANCISCO SOBRE A RADA DE MACAU

neza, fica a fortaleza de *Passaleão*, que nós tomámos pelas armas, em seguida ao assassinato do governador Ferreira do Amaral, em 22 d'agosto de 1849, quando os chinas tentaram levantar-se em Macau contra o nosso dominio.

Bastava este facto, se outros titulos não possuíssemos, para nos validar a posse da colonia.

Mas o desleixo dos governos fez que sempre se negassem os meios efficazes pedidos pelos energicos governadores que Macau tem tido, para, em parte pela força, e em parte beneficiando de ensejos politicos, que mais d'uma vez se tem dado, arrancarmos á China, por via d'um tratado, o reconhecimento formal do nosso dominio.

Um dos mais flagrantés actos do nosso relacionamento moral foi não tirarmos a devida satisfação do infame assassinato d'aquelle heroico portuguez.

João Maria Ferreira do Amaral era um

illustre official superior da marinha portugueza, e um valente, em toda a extensão da palavra. Era um veterano das guerras da independencia no Brazil e um dos bravos que desembarcaram no Mindello. Chamavam-lhe na armada: *O Maneta*. No combate naval de Itaparica, em 1823, sendo guardamarinha na guarnição do brigue *Audaç*, uma bala feriu-o gravemente no braço direito. Levado á força ao hospital de sangue, porque não queria abandonar a acção, foi-lhe o braço amputado, e soffrendo a operação com a maior serenidade, apenas lhe cahiu o braço, ergueu-se da improvisada cadeira operatoria, e atirando ao ar o ensanguentado despojo, gritou: *Viva Portugal!*

Mandado como governador para Macau,

dedicou-se energicamente a restabelecer o prestigio do nome portuguez. Havia então na colonia duas alfandegas: o *hopú* chinez, cujos rendimentos eram cobrados pelos mandarins, e a alfandega portugueza, de cujas receitas se pagavam as despezas da colonia. Queria-se fazer de Macau porto franco, para lhe crear, pelo commercio livre, maiores rendimentos, e separal-o do governo da India, a que estava sujeito.

Não podia ser d'outra fórma desde que, após a guerra de 1842, a Inglaterra se assenhoreára da ilha de Hong-Kong, creando ali um porto-franco, cuja visinhança era terrivel para o commercio de Macau.

Pouco durou o energico e intelligente governo de Ferreira do Amaral. Representava



CASA DO CONSUL DE PORTUGAL EM HONG-KONG

o destemido marinho no parlamento a provincia de Angola quando, em 1848, foi nomeado governador de Macau. A penas chegado á colonia intimou aos mandarins fiscaes a retirada,

e, como lhe não obedecessem, expulsou-os, mandando picar o mastro do *hopú*. Logo se ergueu contra elle a sanha traçoieira dos chinas, lançando-se mão do conhecido expediente das sociedades secretas, de que os estadistas celestes se valem sempre, por não terem a coragem necessaria para arrostar ás claras os adversarios.

Assim foi com a celebre revolta dos Taipings, mais tarde com a dos *Pavilhões Negros*, e lá está sendo agora o movimento da sociedade secreta intitulada *Chi-chi-Ui*, que se diz estar promovendo, além d'outros perigosos expedientes, o exodo dos chinas abastados de Macau.

No pouco tempo que governou Macau, Ferreira do Amaral tomou posse da ilha da

Taipa, organisou a defeza, lançou tributos, abriu de vez a Porta do Cerco e construiu vias de comunicação no limitado territorio portuguez.

Temendo-o, os chinas resolveram matal-o traiçoeiramente. O boato da premeditada infamia divulgou-se, mas a valentia do governador tornava-o inacessivel a conselhos de prudencia e a usar de precauções.

Em 22 de agosto de 1849, quando Ferreira do Amaral se dispunha a sair do palacio, para fazer o seu habitual passeio a cavallo até á Porta do Cerco, um *atae*, de nome Assan (que o auctor d'estas linhas, assim como o filho do assassinado, o actual vice-almirante sr. Ferreira do Amaral, ainda conheceram, já velho e alquebrado, no cargo de chefe dos criados do palacio do governo), cahindo-lhe de joelhos na frente, abraçou-se-lhe ás pernas, supplicando-lhe que não sahisse, porque n'aquelle dia planeavam tirar-lhe a vida.

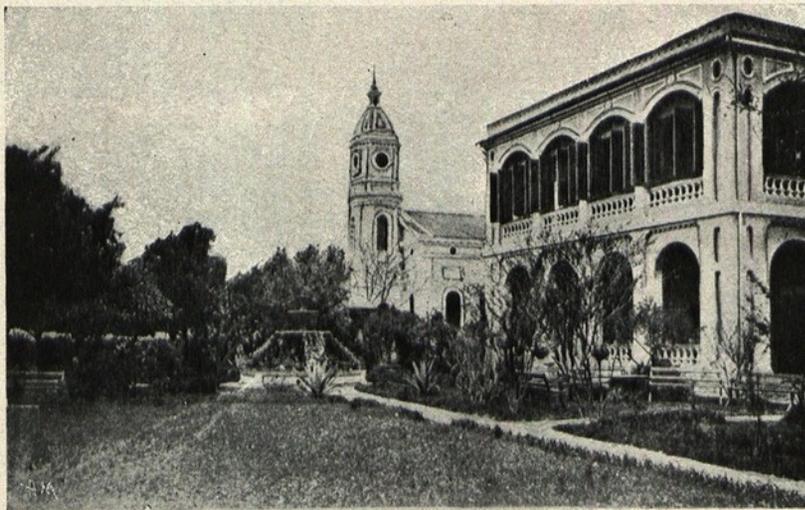
O governador não o attendeu; diz-se até que o ameaçou com o chicote para que o deixasse. Montou, seguiu pela Praia Grande, passou as Portas de S. Lazaro, o Campo da Victoria, desceu a Rampa dos Cavalleiros e, pela estrada em linha recta, entestou com a Porta do Cerco. Sahida esta, segundo a versão que é mais corrente em Macau, cavalgou ainda algumas dezenas de metros já em territorio china. Ahi o caminho é um simples carreiro. Para a esquerda, o terreno desce n'uma rampa até ás varzeas de arroz na margem do rio. A meio da encosta já então existia um agrupamento de miseraveis palhoças, habitadas por chinas leprosos e indigentes. Lá os vi muitas vezes esmolando á beira do caminho, ou ajoelhados, a *bater-*

cabeça, nas sepulturas que, para a direita, se alastram pelo campo, até aos arrozaes e bambuaes que encobrem a Casa Branca.

Como de costume, os leprosos mendigos rodearam o governador, pedindo-lhe esmola; e, como de costume tambem, o valente maneta seguiu as redeas sob o côto, levando á algibeira a mão direita. Immediatamente, alguns d'esses mendigos, cujas mãos se occultavam sob as *cabaías*, lhe arrojaram aos olhos punhados de cal, derrubando-o logo do cavallo, acommettendo-o a golpes de *taifó*, com que lhe deceparam a cabeça.

Diz-se que, ferido tambem, o ajudante que o acompanhava não pôde sustener o cavallo que, espavorido, partiu em direcção á Porta do Cerco.

O corpo do valente marinheiro foi encontrado no local do crime. Só a cabeça desaparecera, naturalmente por ser necessaria como documento para se cobrar a paga da vil



CASA DO CONSUL DE PORTUGAL E EGREJA PORTUGUEZA EM HONG-KONG

traição. Certo é que, passado tempo, como escreve nas *Alfandegas chinezas do porto de Macau*, ou nas *Ephemerides de Macau* (crémos ser um d'estes o titulo da obra que ha muito lemos e não temos agora presente) Antonio Feliciano Marques Pereira, veiu descendo o rio, das aguas chinas para as aguas portuguezas, uma *chamana*, pequeno barco chinez de fundo chato, ao abandono, e n'elle, sobre um monte de cal, achou-se a cabeça do assassinado governador.

Era o momento proprio, ou *jámais*, como dizem os francezes, para nós pedirmos contas aos celestes e tomal-as á força, se as não déssem completas.

Mas, n'essa contingencia, esquecemo-nos de que a unica coisa de que nós, portuguezes,

com poucos recursos, sabemos tirar grandes resultados, é o emprego da *manu militari*.

Tudo ficou na sufocação da revolta, e na gloriosa, mas estéril, jornada até á fortaleza de Passaleão!

Mas prosigamos, que a via dolorosa das nossas relações com o Imperio do Meio tem ainda outros marcos milliares a attestarem o inqualificavel desleixo e o abastardamento da passada energia dos governos portuguezes.

Mais tarde um outro governador de Macau, Izidoro Guimarães, tambem official superior da marinha, conseguiu negociar um tratado com a China, em que era reconhecida a nacionalidade portugueza de Macau. N'um dos artigos dizia-se expressamente: *Macau antigamente (jadis)* na provincia de Cantão.

Dois annos depois, ao fazer-se a troca dos exemplares do tratado para sua ratificação, o novo governador de Macau e ministro plenipotenciario de Portugal, o coronel de engenharia José Maria Coelho do Amaral, passou por novo desaire.

Salvo erro, as ratificações trocavam-se em Pekim; era secretario da missão o fallecido publicista Marques Pereira, a quem já me referi, e de memoria cito o que



MANDARINS CHINAS BATENDO CABEÇA

a tal respeito se encontra na sua obra.

Ao confrontarem-se as copias do tratado, notou Coelho do Amaral que no documento assignado pelo imperador da China faltava, na versão franceza authenticada pelos sinologos, a palavra *jadis*.

Reclamou immediata e energicamente, e após os rodeios, as hesitações, as condolencias suaves, em que a diplomacia celeste é mestra, o plenipotenciario china acabou por declarar que Macau não podia ser considerado portuguez.

Coelho do Amaral, erguendo-se arrebatadamente, exclamou indignado:

— Pois se não é portuguez, vão lá conquistal-o!

E abandonou o pavilhão em que se achavam.

Da mesma fórma que procederamos após o assassinio do governador Amaral, nenhuma satisfação tomámos d'esta nova offensa.

Desde então a existencia de Macau ficou sendo reconhecidamente contingente, e a missão dos governadores uma lucta permanente contra os atrevimentos dos mandarins do *hopú* e as rabolices do vice rei de Cantão.

Quantas oportunidades se apresentaram desde o mallogro do tratado ne-



GOOLE

gociado pelo depois visconde da Praia Grande de Macau, para, á sombra de conflictos entre a China e as grandes potencias, lhe arrancarmos o reconhecimento da nacionalidade portugueza de Macau e das ilhas que temos occupado, mais ou menos effectivamente, todas foram perdidas pela incuria dos governos da metropole.

Mais ainda: enquanto a colonia teve o seu tempo aureo, o tempo da emigração chineza para Manilla e outros pontos, não fizemos senão concitar com os abusos d'esse

deshumano trafico a má vontade do governo de Pekim e da Inglaterra, sem ao menos cuidarmos em applicar a obras materiaes que melhorassem o porto e a existencia de Macau, os rendimentos provindos da emigração. Continuou o assoreamento da entrada e do porto de Macau, continuou a *Pedra d'Areca* a não permittir a passagem senão a navios de muito pequeno calado, e continuou a sugar se o rendimento da colonia em remessas para Lisboa, muito superiores ás despesas com ella feitas.

(*Continúa.*)

ARTHUR LOBO D'AVILA.



HOMO

*Virgula que de pontos foi formada
No espaço immenso. Sempre uma energia,
Em calor e trabalho transformada,
Inconsciente pela Eterna Via...*

*Vem d'essa noite regelada e fria,
Onde não entra a luz da madrugada:
— Hórrido abysmo, sem caminho ou guia,
Em que se afunda a Creação e o Nada...*

*Parte integrante d'este grande Todo,
Espaço, inercia, onda feita lodo,
Crystal e alga, protozoario, verme,*

*E' na sagrada communhão da Terra
E da sidérea luz, que a vida encerra
Que existe a causa do teu ser energe...*

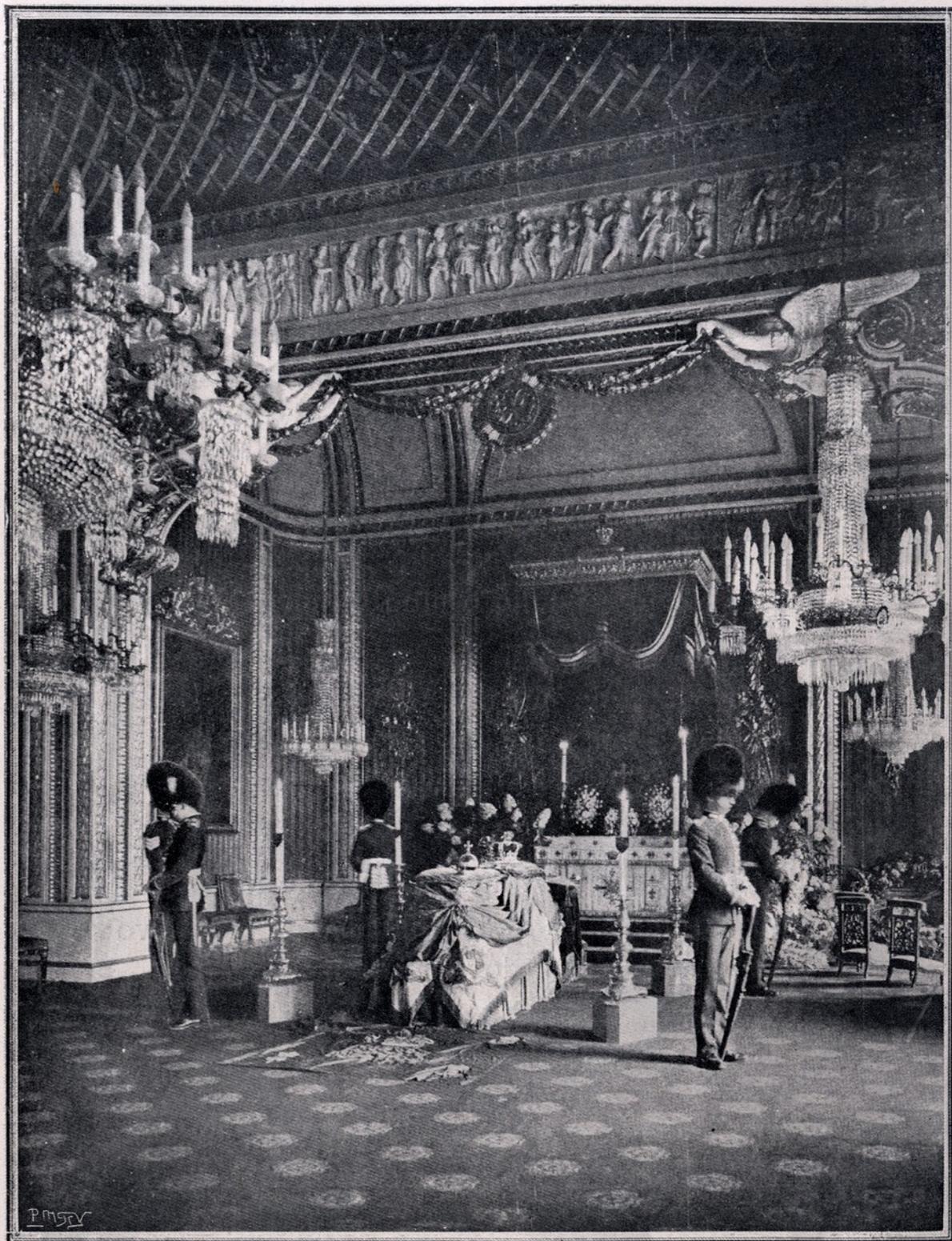
*No emaranhado trama do teu ser,
Ha mundos de prazer e soffrimento;
Ha soes disseminados, um erguer
Intérmino de amor e pensamento.*

*Este mixto de goso e de tormento,
Em que a tua alma se anda a debater,
Não é mais do que força, movimento
(Acção e reacção) que herdás ao nascer.*

*No grão que te alimenta — hóstia santa!
E na agua, que tu bebes, crystallina,
E' que o teu ser se forma e se levanta;*

*E' que o teu ser caminha para a Luz,
Quer sejas Galileu, Dante ou Catilina
Quer sejas tu, o pálido Jesus.*

Ultimos eccos do funeral de Eduardo VII



O CATAFALCO POUCOS MOMENTOS ANTES DO CADAVER SER CONDUZIDO A SUA DERRADEIRA MORADA

O TERREMOTO

Ao meu amigo Roque Augusto C. de Carvalho.

A terra treme, O povo espavorido
Foge, Desabam casas, Soterrados
Ficam, sem vida, pobres desgraçados
Sem tempo ter d'um ai, nem d'um gemido.

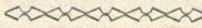
Não ha mais triste quadro dolorido
Nem scena mais cruel! São encontrados
Cadaveres de esposos abraçados;
Mães, tendo ao collo o filho estremecido!

Negro painel de angustias e de dôres!
Emtanto, é bello vêr entre os horrores
De tão profunda, asperrima desgraça:

El-Rei, — Um rei menino, um rei tão novo
Que em meio aos mais humildes do seu povo
Como um consolo, docemente passa . . .

Peres Junior,

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem 
 Estimula fortemente o appetite
Farbenfabriken vorm. FRIEDR. BAYER & Co., Elberfeld.



Senhoras em evidencia

Arte

Portugal foi sempre terra de eleição para a cultura da Musica, quer profana, quer religiosa. Desde os tempos gloriosos do Renascimento viveram e luziram nesta linda terra portugueza musicos de fama, nacionaes e estrangeiros, que encheram os paços dos reis e dos nobres dessa suavidade encantadôra de viver, de alegria e da ventura do culto das boas e bellas-artes. D. Affonso V, D. João II e ainda D. Manuel foram amantes da boa musica, e ninguem desconhece por certo os tempos aureos de D. José e D. João V, em que, no primeiro com a musica profana e no ultimo com a musica religiosa, em Portugal brilharam os primeiros cantores do mundo culto.

E nunca se desmentiu essa tradição gloriosa do amor á musica no paiz que melhor saberá comprehender sempre a sua harmonia, que nasce naturalmente da sua mesma natureza. E tanto mais valioso é esse amor, quanto, modernamente sobretudo, se des envolve quasi desajudado do auxilio official, que em todos os paizes, ainda nos mais modestos, procura sempre alentar a iniciativa particular e crear novos incitamentos para mais arrojadas emprezas.

Se é certo que *nem só de pão vive o homem*, porque necessita alentar o espirito para as grandes e terriveis luctas da vida, não é me-

nos certo que nos tempos de hoje, em que a neurasthenia e o desalento invadem todas as camadas sociaes, se necessita enormemente do influxo poderoso do espirito calmo e consolado para que não falte a coragem e o valôr.

A musica é, de todas as bellas artes, a que mais profundamente fala ao nosso espirito, a que mais sabe suscitar as grandes idéas, e acalantar as suaves illusões, de que se alimenta a vida. E não é de todos a cultura da meiga harmonia da arte de Palestrina, antes exige um coração superior, um espirito delicado, uma alma eleita, para sêr comprehendida e amada.

A illustre e talentosa senhora, que a nossa modesta prosa emoldura nesta justa homenagem, é das almas que mais alto e superiormente sabem, entre nós, cultivar o suave encanto da musica. Pianista distincta, tendo feito a sua aprendizagem com mestres dum valôr incontestavel, occupa hoje um logar de destaque, conseguindo atingir a prioridade incontestavel entre as primeiras artistas portuguezas. A senhora D. Elisa Baptista de Sousa Pedrozo é hoje uma artista, na mais completa e justa accepção do termo. Quando o seu nome appa-



D. ELISA BAPTISTA DE SOUSA PEDROZO
(CARNAXIDE)

rece a abrilhantar o programma vistoso d'uma festa elegante, sabe-se que, pelo menos, no desempenho do numero que lhe foi confiado se tem a certeza de receber uma fina impressão artistica, pela interpretação rigorosa e perfeita, pela execução primorosa do seu trabalho encantador. E' que não conhecemos mais fina alma de virtuose, temperamento mais pro-

fundamente aman'e e artistico e que, sob os seus dedos magicos, mais consiga arrancar da materialidade cruciante dum piano, por vezes tão ingrato a quem mais e melhor o conhece.

Nesta galeria, já bastante numerosa, de senhoras *illus.res*, onde, em cada numero, vamos lançando mais uns nomes, fica bem o perfil artistico da senhora D. Elisa Baptista de Sousa Pedrozo, como das que mais merecem essa homenagem, por sincera, justa e sentida. Mais e melhor queriamos dizer da sua individualidade artistica, se o não impedisse o acanhado desta secção. O que fica, porém, simples como é, evidencia nitidamente uma impressão geral do nosso apreço e da profunda e commovida admiração que lhe devotamos.

Ninguem já conseguirá apeal-a do pedestal honroso a que ascendeu por seu proprio merito e onde esperamos continuará a patentear as suas excepcionaes qualidades da nossa primeira pianista portugueza.

Independencia da Argentina

A florescente Republica Argentina, festejou no presente mez de maio com raro esplendor, o centenario da sua independencia. No amplo porto de Buenos Ayres reuniram-se dezenas de navios, a Hespanha enviou a infanta D. Isabel, Portugal o cruzador *D. Carlos*, emfim foi uma festa em que todas as nações tomaram



DR. PABLO LASCANO

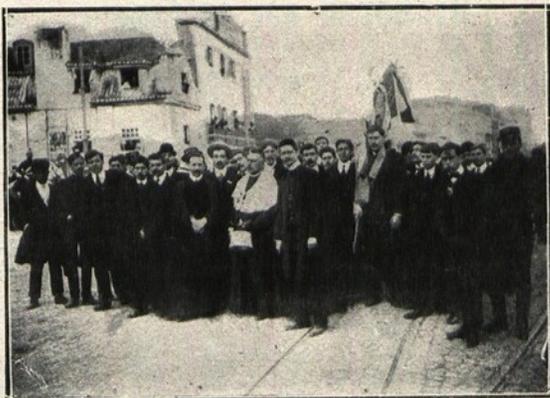
Consul General de la Republica Argentina

parte. Em Lisboa o representante da rica potencia sul-americana, sr. Sagastume, commemorou esse jubiloso acontecimento offerecendo varias outras festas. Os *Serões* associam-se gostosamente a essa commemoração publicando no frontispicio o retrato de mademoiselle Ernestina Voget, como já o fizeram de madame Sagastume, e do sr. Pablo Lascano, consul geral da Republica Argentina nesta cidade, e muito estimado aqui.

Centenario de Alexandre Herculano



CORTEJO A ALEXANDRE HERCULANO FORMANDO-SE NO TERREIRO DO PAÇO



ACADEMIA DE COIMBRA

A' frente o dr. José Maria Rodrigues, cathedratico de theologia

Chronica da moda

A anarchia na moda — A grande variedade desta estação — A affirmação pessoal das nossas leitoras, dentro dos dominios da moda — A elegancia da mulher portuguesa é uma indiscutivel verdade — As proximidades do concurso hippico e as toilettes para então — As qualidades dos tecidos — Voile para « robes princesse ». — Os vestidos « tailleur » — Os chapéos e as suas guarnições — As mangas — As luvas postas de parte — As « écharpes » — As saias curtas para recepções, etc., etc.

Com as modas actuaes a verdade é que nos encontramos em plena anarchia, mas uma anarchia graciosa e encantadora, que nos concede a liberdade e os recursos para escolhermos o que mais nos agrada e melhor nos fique...

Em questão de modas faz-se exclusivamente o que se quer. As senhoras que não vestirem agora segundo o seu gosto, a sua fórmula particular e o estado da sua saude revelam a po-

breza duma imaginação doente ou a fraqueza duma esthetica imperfeita.

E' claro que nos referimos áquellas das nossas leitoras, cuja distincção de habitos e *raffinement de toilettes* as colloca em logar de destaque no mundo elegante, como *rainhas da moda*...

Para algumas foi a natureza duma prodigalidade tão exuberante que lhes concedeu todas as graças da mulher chic, accumuladas de todos os encantos da formosura verdadeira!

Citar nomes seria indiscreção, e nós, além de não quereremos ser indiscretas, conhecemos a humanidade e sabemos quanto podem as pequeninas invejas e as injustificadas malquerenças dos que não sabem perdoar os encantos alheios...

Ah! quantas coisas a proposito não poderíamos agora dizer ás nossas queridas leitoras se a nossa missão neste logar não fosse apenas falar-lhes de modas!

Ha quem julgue este assunto uma coisa facil, e no entretanto, a nossa tarefa torna-se neste momento difficullosa pela grande variedade que a estação nos apresenta e por não quereremos obedecer passivamente aos decretos de qualquer autocrata *d'aiguille*.

Embora tenhamos novidades deliciosas, cheias de graça, para dar ás nossas queridas leitoras, não devem comtudo esperar revelações sensacionaes, visto como a moda actual está já completamente definida e accentuada.

Dentro della podem as nossas leitoras affirmar, cada vez mais, a sua personalidade, a sua fina intelligencia desenvolvida por uma cultura geral, o character formado pela alta comprehensão da vida e a perfeição da saude mantida por um profundo conhecimento da hygiene e da physiologia, conseguindo assim

o *habillement raffiné* da verdadeira mulher parisiense.

Felizmente, como documento comprovativo da nossa educação esthetica, já se veem no no so pequenino meio elegante muitas senhoras duma distincção excepcional, trajando com toda a graça e fodo chic das parisienses *trop mondaines*.

Hoje — com orgulho e desvanecimento o confessamos — a elegancia da mulher portugüesa é uma encantadora e indiscutivel verdade.



O ULTIMO MODELO DE LONDRES
INTITULADO «THE CAPRICE»

Vestido de linho bordado

Mas... estamos em junho, approxima-se a época do concurso hippico e, soubemos — isto muito confidencialmente, — que lá serão exhibidas deliciosas *toilettes*, que já estão sendo confeccionadas como verdadeiras obras de arte maravilhosas, encomendadas por algumas das mais distinctas senhoras da nos a aristocracia, corpo diplomatico e sociedade elegante.

No proximo numero falaremos destas maravilhas da moda tão cheias de interesse.

Com relação aos tecidos é admiravel a qualidade dos que actualmente se estão empregando nas lindissimas *toilettes* e seus *dessous*, adoravelmente finos, ligeiros, flexiveis, prestando-se a todas as combinações pela sua flexibilidade e belleza.

Ha diversos tecidos que fazem as delicias da estação. O *foulard*, esse tecido encantador em cores vivas e lindas, prestando-se á *toilette* de passeio simples ou á elegante *toilette d'après-midi*

fará na realidade uma estação duravel.

Alguns modelos que temos visto nas principaes casas são primorosos pelo seu *taillé* e pela sua completa novidade. Temos tambem a *voile ninon (changeant) le dernier cri*... E' lin-

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE**.

dissimo este tecido pela sua leveza e combinação de côres. Veem-se numa variedade enorme em todos os *tons* que nos deslumbram completamente.

A imaginação dos fabricantes tem sido fértil em constantes invenções mundanas. D'anno para anno vão-se tornando estes tecidos extraordinariamente mais bellos e sumptuosos.

Esta *voile* será adorável para as *robes princesse* ou *robes tuniques*, imponderáveis pela sua suprema elegancia, apenas ajustadas ou franzidas, nem muito longas nem tambem desgraçadamente curtas.

A originalidade destas *toilettes* obtem-se com uma cuidadosa escolha nas duas côres em que deverão ser feitas.

Por exemplo, *fanillè rose* forrada de setim *lyberti taupe*, dá um delicioso *gris-mauve*. Obteremos assim uma infinidade de combinações lindas, suaves e cheias de vida. Com paciencia e bom gosto se conseguirão estas maravilhas... Os *tailleurs* actuaes são perfeitos; as *jaquettes* de comprimento mediano, com ou sem cintura e muito bordadas a *soutache* ou gravemente classicas na sua simplicidade fazem-se em todos os tecidos desde o linho á seda mais cara.

Estas *toilettes* são sempre redondas, não cessaremos de o repetir, tanto isto nos agrada. As saias cada vez mais justas, *les pieds entravés* (como dizem os francezes) estão em plena evolução.

Algumas ha que são elegantes, deixando em liberdade os graciosos movimentos das senhoras.

E' sempre bom e correcto não exaggerarmos a moda e não nos prestar-mos ao ridiculo. Temos deliciosas novidades e a variedade é tão extraordinaria que podemos fugir a tudo que nos possa ficar mal. Deixemos isso para as excentricas e procuremos, com alguma arte, esconder os nossos defeitos, para nos fazer-mos mais... bonitas.

Agora, gentis senhoras, trataremos um pouco dos chapéos e seus adôrnos.

Dizer que *estes* ou *aquelles* são os mais bonitos e preferidos seria pretensão da nossa parte, porque, lá diz o dictado, *os gostos não se discutem*...

Ha chapéos extraordinariamente exaggerados como grandes, mas dum *chic* que nos encanta. Estes, são naturalmente escolhidos pelas senhoras altas e magras. Pena é que muitas vezes sejam escondidos por elles, rostos de tão indiscutível formosura...

No entanto, começam apparecendo alguns em genero mais pequeno lindos e até mesmo o elegante chapéo *toque*, que vai marcar época como novidade. A variedade é immensa e todos os dias chegam novas remessas com ultimas modas de Paris. Muitas das principais casas de chapéos, especialmente a casa Mimoso, que é inegavelmente a que mais vende e maior collecção apresenta á sua elegante e

numerosa clientella, recebem quasi diariamente novos modelos cheios de frescura, de belleza e de encantos.

As suas guarnições compõem-se de lindas *aigrettes*, flôres, em todas as qualidades, côres e tamanhos, sedas *pompadours* e *tulles*. As rosas serão sempre preferidas; essas bellas rosas que nos dão bem a sensação da primavera com todas as suas bellezas e alegrias.

Alguns chapéos são completamente cobertos de rosas e, como que a abrigal-os dos ardentes raios solares, teem esses finissimos *tulles malines*, que lhes dão immensa graça.

Ha tambem o indispensavel chapéu, que as nossas elegantes chamam, ligeiro e que é insubstituivel para as saídas de manhan, passeios ao campo e mais tarde para as praias.

Fazem-se em palhas grossas ou de phantazia tendo, como unico e gracioso enfeite, um grande laço em seda, fita ou *tulle* collocado atraz sobre a copa, formando uma especie de elegante borboleta.

As mangas não se uzam compridas, sendo com prazer que lhes damos estas informações. Felizes das nossas leitoras que a estas horas não estejam *em apuros*... tendo absoluta confiança na belleza dos seus braços...

As luvas estão postas de parte; mas, não é noticia para nos alegrarmos. Tem e terá muitos *inconvenientes*. A experiencia faz-nos convencer de que entre nós não será adoptada tal moda, sobretudo por *causa do calor*... Esperemos os acontecimentos... A *écharpe* continúa sendo um dos predilectos agazalhos elegantes, embora de diversos feitios. No entan o vão apparecendo, como novidade, uns *manteaus d'intérieurs* que são verdadeiramente adoráveis, feitos de tecidos suaves, flexiveis, macios e quentes. Ha modelos encantadores!

As saias curtas para recepções e para á noite não são uzadas pelas senhoras elegantes. Se são commodas e praticas para os passeios a pé, tornam-se porém desengraçadas e feias numa sala.

Para a seguinte chronica daremos informações das modas mais sensacionaes.

No Auto Palace

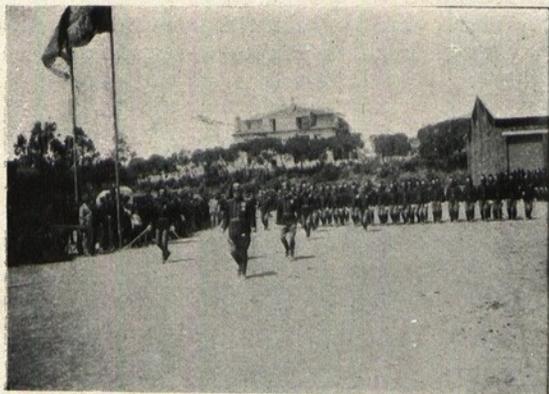
Exposição de rosas



UM ASPECTO

Festa em artilharia 1

No mez de maio realizou-se no regimento de artilharia 1, uma festa a que compareceu el-rei e todo o mundo militar. Tratava-se da



MARCHA EM CONTINENCIA

inauguração de uma cantina para os sargentos d'aquella briosa corporação, juramento de



UMA BATERIA DE ARTILHARIA
DESCENDO UM PRECIPICIO

recrutadas, etc. A solemnidade deixou a melhor impressão possível em todos que a ella assistiram.

Livros

Lisboa alegre

Carlos de Moura Cabral, comediographo applaudido, jornalista espirituoso e escriptor scintillante, ha muito que não nos dava nenhuma producção sua. A demora foi generosamente compensada. O seu ultimo livro *Lisboa alegre* é um delicioso e humoristico estudo de aspectos, typos, costumes e episodios da nossa capital. *Castigat ridendo mores*. Sem empunhar o azorrague de uma critica desapiedada, assesta o seu monoculo de psychologo moderno, vê, analysa, flxa no cerebro as impressões recebidas, e rindo, sempre com o seu sorriso affabilissimo a franzir-lhe um tudo nada os labios, escreve recordando e commentando



CARLOS DE MOURA CABRAL

factos passados e incidentes modernos, e de tudo isso, com a sua prosa castiça, facil e malleavel, dá-nos um bello volume, com excellentes desenhos, que se lê de um trago e nos consola o espirito.

Na Guiné

Frederico Pinheiro Chagas, filho do saudoso, do inolvidavel escriptor e orador, é official de marinha, e herdando do seu illustre progeni-



FREDERICO PINHIERO CHAGAS

tor as suas pundonorosas qualidades de caracter, coube-lhe tambem em partilha as de estylista fluente e de observador a que nenhuma minucia escapa. Tomando parte na campanha da Guiné de 1907 a 1908, onde se portou com a galhardia e bravura peculiares aos nossos officiaes, descreve essas operações num livro extremamente bem feito e interessante. Não é um relato arido de factos de guerra, consubstancia uma serie de quadros, traçados com a alma de um poeta e o entusiasmo de um marinheiro que adora a sua patria. É uma obra que se deve ler e que tanto honra o seu auctor, como a corporação a que pertence, e o paiz que o viu nasceu.

Coimbra doutora

Hypolyto Raposo, o estudioso e perscrutador auctor da *Coimbra doutora*, é uma d'essas individualidades que de anno para anno vem



HIPPOLYTO RAPOSO

afirmando a sua força, a sua capacidade, a sua fé no estudo e a sua crença na regeneração da nossa terra. Estudante de direito, e dos mais considerados da sua geração, consegue com pouco vulgar habilidade, encontrar tempo para se desobrigar dos seus deveres escolasticos, proceder a investigações nos archivos e escrever livros que são lidos com affecto e discutidos com fogo. *Coimbra doutora* revela as qualidades de um erudito a par do escrupulo e da gracil facilidade de um prosador de raça.

O prefacio d'este livro, escripto por Julio Dantas, além de ser uma peça litteraria magnifica, fere com brilho e justiça a nota exacta do seu valor.

Pires Marinho

Se dissermos que a Arte no seu dominio absoluto e na parte industrial deve a Pires Marinho prestimosos serviços, não só não exaggeramos, mas registamos um facto verdadeiro e de indiscutivel justiça. Pires Marinho foi dos primeiros, senão o primeiro, que introduziu a gravura chimica em Portugal. Dotado de exce-



PIRES MARINHO

peional força de vontade, caminhando sempre na sua frente, seguindo o trilho honrado de quem busca no labor o maior premio aos seus esforços. Pires Marinho tão modesto, como activo e intelligente, possui hoje um estabelecimento com officinas, apparatus e pessoal que rivalizam desassombradamente com os meliores do estrangeiro.

A capa d'este numero dos *Serões*, como milhares d'outros trabalhos congeneres, demonstra á evidencia a que grau de adiantamento e de perfeição attingem as obras sahidas d'essa utilissima e importante casa.

Bibliographia

No proximo numero daremos conta dos livros que tiveram a amabilidade de nos mandar, e que por circumstancias completamente alheias ao nosso desejo não nos é possivel apreciar agora.

São elles, entre muitos outros: *Rosario de Luz*, de Mario Monteiro; *A Atlantida*, poema catalão de Jacintho Verdaguez, traduzido em verso portuguez por José M. Gomes Ribeiro; *O pintor Nuno Gonçalves*, por José de Figueiredo; *O canto da cigarra*, satira ás mulheres, de Augusto Gil; *No primeiro centenario de Alexandre Herculano*, paginas intimas, por Gomes de Brito; *La litterature portugaise*, por João de Barros, etc.

Columbano Bordallo Pinheiro

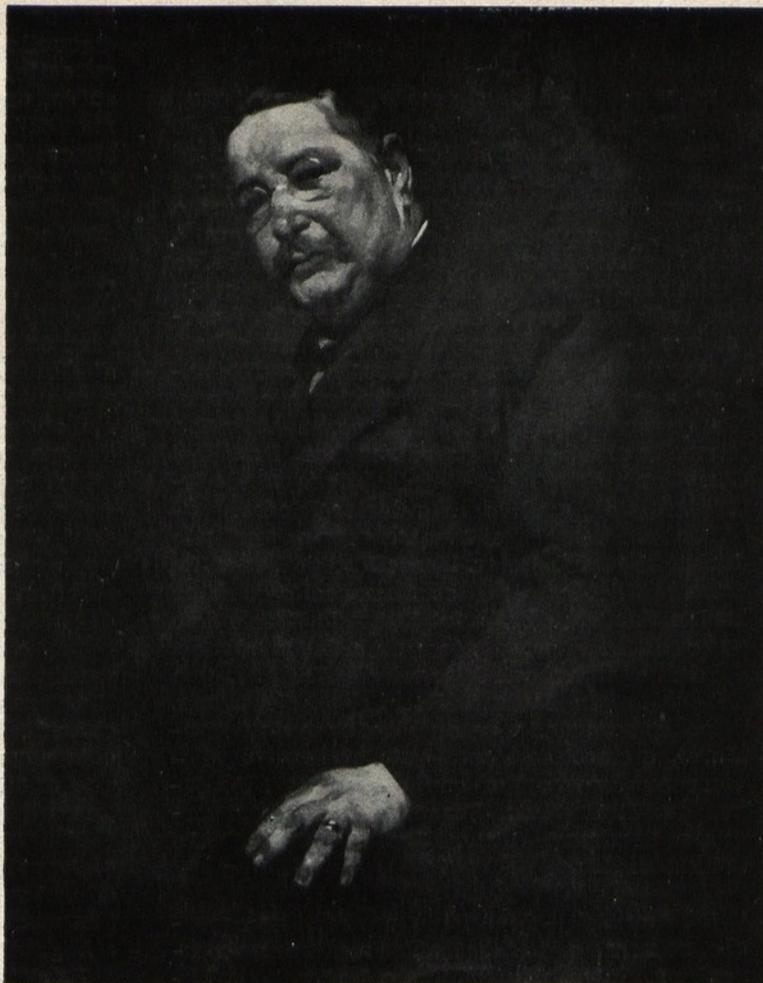
O nosso admiravel e admirado artista Columbano Bordallo Pinheiro, acaba de obter em Paris, na exposiçãõ ultimamente ali realisada, mais uma consagração do seu vigorosissimo talento. O seu quadro *Fructos* e o *retrato de Frederico Ribeiro* obtiveram dos mais abalisados criticos da grande capital franceza e da imprensa da vasta metropole elogios incondicionaes. Todos sabem quanto os francezes são parcos em encomios aos trabalhos estrangeiros e que somma de esforços é necessario produzir para lhos arrancar. Pois d'esta vez, como de tantas outras, Columbano ficou vencedor em toda a linha.



COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

E' nestes certamens mundiaes, alheios completamente á influencia de considerações res'rictas de meio, mas tambem fóra do dominio de amisades e de sympathias pessoaes, que se aquilata e se põe bem em relevo o verdadeiro merito. Os dois trabalhos do insigne artista assignalam mais uma radiante ascensão na sua gloriosa carreira.

Não é demais quanto se diga a



RETRATO DE FREDERICO RIBEIRO

respeito das faculdades de accentuada excepção do eminente pintor, que tem sabido conquistar á força de estudo, de uma «maneira» muito sua, muito especial, um logar proeminente, que o decorrer dos annos ainda ha de collocar mais alto.



FRUCTOS

Theatros

D. Maria. — Com a peça *Filhos* corroborou o sr. Vasco Mendonça Alves, a nossa opinião sobre o drama ultimamente representado no Príncipe Real com o título *O ultimo amôr*; é dos novos, um dos que deve escrever para o theatro, genero de litteratura este, para o qual lhe sobejam aptidões; e, se nos *Filhos*, se encontram ainda defeitos proprios, de quem não está no segredo d'essa difficil arte, é certo, que nos seus cinco actos, ha scenas bem observadas, muito especialmente nos tres primeiros, e fórma litteraria bastante cuidada. No desempenho destacaram-se, em primeiro logar, Lucinda, Adelina Abranches, Brazão e Christiano, e em segundo plano, em papeis inferiores, Palmyra Torres e Carlos Santos.

Fez tambem este theatro *reprise* do lindo drama historico, do sr. Marcellino de Mesquita, *Leonor Telles*, levado á scena em recita do actor Carlos Santos, e no qual Eduardo Brazão, no papel de *D. Fernando*, tem uma das suas mais soberbas creações. O papel de *D. Diniz*, que foi creado por Augusto Rosa, teve, d'esta vez, como interprete, o actor Mendonça de Carvalho, e, é claro, sem confrontos, o seu trabalho mereceu as ovações que o publico lhe dispensou. Muito bem Ferreira da Silva e Augusta Cordeiro. Carlos Santos foi bastante brindado.

D. Amelia. — Constituiu um caso de sensação, no nosso meio theatral, as recitas das companhias, franceza, italiana e hespanhola, havendo a affirmal-o, não só a grande affluencia do publico a estes espectaculos, como, em alguns d'elles, o alto preço porque foram vendidos os bilhetes. Assim, a estreia da companhia, sob a direcção de Hertz e Jean Coquelin, com a tão reclamada peça de Edmond Ros'and, *Chantecler*, attingiu um enthusiasmo desusado, vendendo-se os bilhetes com grande agio, e não cabendo na sala do D. Amelia, a cabeça d'um alfinete, como vulgarmen'e se diz. Justifica, como dissemos, este facto, a extraordinarissima propaganda que se tem feito, á obra de Rostand, que, já corria mundo, quando se achava ainda na sua elaboração; e sem duvida, esses excessivos reclamos deram logar ás criticas violentas e bastante severas, com que, alguns homens de lettras, apreciaram o *Chantecler*.

Pensou ou desejou, talvez, o auctor do *Cyrano* e da *Samaritaine*, fazer uma completa revolução no theatro, julgando mesmo que este seu trabalho, producto de 7 annos de estudo, teria a consagração das obras-primas, mas não basta desejar, não basta querer, pois que são, geralmente, os que tal pretendem, aquelles que o não conseguem; o exito d'uma obra anda arredio da vontade, surge quanto menos se espera, e, se o talento é factor indispensavel para a producção d'uma obra-prima, nem sempre elle consegue esse ideal.

Ninguem poderá negar o talento a Rostand, nem tão pouco que o *Chantecler*, não seja um

primôr pelo lado litterario; ha em muitos d'aquelles versos, além de elegancia de estylo, conceito, e riqueza de imagens, que volitam por entre um espirito fino e delicado; o sentimento transmite-se subtilmente ás nossas almas, fazendo-as vibrar com todo o seu poder empolgante e suggestivo, mas, como obra de theatro é — sejamos precisos — immensamente fraca.

O theatro não requer somente encantos litterarios, interessantes á leitura, mas que no tablado do palco produzem a monotonia; é preciso juntar á belleza da phrase os seus attributos — o gesto e o jogo physionomico; a profcuidade da palavra não vem só da forma como é expressa, vem — quantas vezes? — da adaptação apropriada d'um gesto e d'um olhar, e para que o theatro nos transmita o forte poderio da sua arte, tem de se approximar da vida real intimamente e com tanta homogeneidade que o espectador sinta o seu palpar, viva dentro da acção, esquecendo-se que esta no theatro. Ora basta saber que a peça de Rostand, é symbolica, para se comprehender a mediocridade dos seus efeitos theatraes. As figuras são ridiculas e o aborrecimento invade o publico, de forma que os comprovados meritos de auctor, a sympathia que elle inspira pelo seu talento, não o conseguem demolir.

Não succede, porém, o mesmo encarada a obra pelo seu lado mercantil, pois, crêmos, que não ha peça alguma que, pelo menos, em tão pouco tempo de existencia, desse ao auctor a bagatela de seiscentos contos.

Registe-se o deslumbrante guarda-roupa e o desempenho de Marthe Mellot e Lespinasse.

Depois do *Chantecler* represen'tou-se a comedia em 4 actos, *La petite chocolatière*, de Paul Gavault, o feliz auctor da *Mademoiselle Josette ma femme*, peça em extremo interessante, de entrêcho simples, matizada de bellos ditos de espirito e sem a menor escabrosidade. Agradou sem reservas, bem como o desempenho a cargo dos artistas, Lucile Nobert, Liceney, Bender e Paul Plan, em papeis primarios os quaes receberam nos fnaes d'acto fartos applausos.

Por ultimo deu-nos a *troupe* Hertz e Jean Coquelin a conhecida peça de Caillavet, Flers e Aréné, *Le Roi*, que, com o titulo *O Rei da Gafanha*, obteve grande successo no D. Amelia, pois que representa um soberbo trabalho de critica fina, levemente repassada de ironia, a que os nossos artistas juntaram uma correcta interpretação.

Como se houveram os artistas francezes n'esta peça, affirmam-n'o as ovações que receberam, e especialmente o actor Magnier a quem coube o papel principal.

A estas recitas seguiram-se as da companhia italiana da qual fazia parte o celebre tragico Ermette Zacconi, figura proeminente da scena e que, em verdade, é o que maiores sympathias captou do nosso publico pelas suas excepcionaes qualidades artisticas, que no desenho de diversas personagens attinge o sublime da arte de representar.

A estreia realisou-se com o drama em 2 actos *Pão alheio*, já representado em Lisboa pelo proprio Zacconi e Novelli, e com a comedia, em 1 acto *O cantico dos canticos*; e, quanto possamos dizer do seu trabalho, creiam os nossos leitores, que fica muito aquém da verdade e do alto valôr que distingue esse genial artista, que se revela no mais simples pormenor. Quer no *Pão alheio*, quer na *Morte Civil*, no *Tristi amori*, *Diavolo*, *L'oscuro dominio*, *Hamlet*, etc., o seu trabalho pode classificar-se de assombroso, tal é o effeito que nos produz a real interpretação das personagens, que nos prende e arrebatou no seu desenho vivo e fundamentalmente humano.

Disse um dos nossos distinctos criticos ácêrca, por exemplo, da peça *L'oscuro dominio* que — «o trabalho de Zacconi no 2.º e 3.º actos não se descreve; não ha adjectivos nem imagens que transmittam uma leve, uma pallida idéa, do que elle realisou, da maneira como elle esmagou, apoquentou, pungiu o auditorio» — e assim é; a impressão que Zacconi nos transmitta e fica impressa na nossa alma, ao cahir do panno no ultimo acto, é tão intensa, que se saie do theatro, como que esmagado pela tortura d'uma forte commoção. O thema da peça é um caso pathologico, que pode servir para estudo, mas que não realisa o fim a que deve propor-se uma obra de theatro, o que ainda mais valorisa o trabalho do eximio artista que, durante umas horas, prende o auditorio e subjuga-o pelo imperio da sua grande arte.

Se passarmos á *Morte Civil* o artista, da mesma fôrma se nos patenteia com todo o vigôr do seu fulgurante talento. Como Zacconi descreve no 4.º acto a morte por envenenamento com strychnina, é simplesmente admiravel. Desde os lances menos brilhantes da peça aos mais intensos, Zacconi compõe o seu trabalho com tanta propriedade, que nem sequer se pensa em discutir a obra, cujo valôr reside especialmente como prova de talento de quem interprete esse brutal papel de *Conrado*.

O que mais distingue, esse mestre da scena, é a naturalidade, o cunho de verdade que imprime ás personagens, de maneira que, o destaque d'umas para outras, é claramente manifestado, e assim das peças citadas, o illustre artista, se nos apresenta na *Tristi amori* completamente transformado, como se obedecesse á magia da varinha de condão d'uma fada. Todo o papel de marido ultrajado, da empolgante obra de Giuseppe Giacosa, encontra em Zacconi, a mais fiel e rigorosa interpretação, transmittindo com intensissimo fulgôr e vehemencia, os fortes sentimentos e impetuosas paixões que se agitam e se chocam ante a mulher adúltera.

O que foi o seu trabalho na scena capital do 2.º acto e no final do 3.º, em que ao seu espirito se apresenta todo o cortejo de vilanias e ingratição soffridas, e a alma se fere entre o amor e o dever, só pode aquilatar quem o presenciou; não ha uma phrase, um gesto por mais insignificante que seja, que não nos venha demonstrar a sua poderosa mestria e profundo estudo.

Descrevendo no *Hamlet* a doentia figura do principe da Dinamarca, apparece-nos egualmente como astro brilhantissimo da scena; no encontro com o espectro no 1.º acto, no dialogo com Ophelia, no extenso monologo *Ser ou não ser... etc.*, o seu talento refracta-se em raios de luz viva, traduzindo com o segredo da sua arte, essa estranha figura, tão discutida e diversamente interpretada, e na qual se encarnou de maneira a deixar a assistencia vivamente impressionada.

E assim nas peças, *Ao telephone*, *D. Pietro Caruso*, *Kean*, *Diavolo*, *Os espectros* e *Collega Crampton*, Ermette Zacconi realisou a mais sublime arte de representar, imprimindo, a todas as personagens, um vinco profundo de verdade e a mais estupenda e commovedora sensação, que nos tem sido permittido experimentar em theatro. Artista de enorme envergadura, o seu talento se nos impõe na tragedia, da mesma fôrma como se nos revela, nitida e brilhantemente, no drama e na comedia; não ha para elle insignificancias de detalhe, coisas minimas, tudo é aproveitado e realçado com a sua grande proficiencia artistica. Grande e sublime actor!...

Propositadamente guardamos para final a nossa apreciação sobre a actriz Ines Christina, cujo valôr foi sobejamente patenteado nas muitas ovações de que foi alvo em todas as peças. E' uma digna companheira de Zacconi, e n'isto está o seu maior elogio, pois que, em todas as peças eccentuuou, d'uma fôrma notavel os seus bons dotes artisticos, delineando as personagens com muita naturalidade e irreprehensivel arte. Os restantes artistas formaram sempre um bom conjunto, o que raras vezes succede ver-se em *tournés* artisticas.

Mas, nem sempre peixe, nem sempre carne, e assim a companhia hespanhola, a cujo elenco pertence a endiabrada Pilar Marti, veiu dar uma nota de extrema alegria ao elegante theatro da Rua do Thesouro Velho. No proximo numero falaremos.

Trindade. — Fechou a companhia Taveira, a serie de peças novas, na presente época, com a operetta. *S. A. o Principe Consorte*, de Xaurof e Chaucel, traducção do sr. Acacio Antunes, e musica de Garyll, agradando bastante. Successora das applaudidas peças, *Viuva Alegre* e *Sonho de Valsa*, d'ellas conserva alguma reminiscencia, a par de diversos trêchos musicaes de agraavel melodia. E' muito movimentada, tem graça, tem um bom desempenho e uma cuidada *mise-en-scene*. E agora, até outubro, em que teremos de novo, a companhia Taveira, de volta do Brazil onde foi colher, por certo, muitas ovações e alguma... massa.

Estreou-se, n'este mesmo theatro, a companhia do theatro Carlos Alberto, do Porto, com a revista, *A's armas*, de successo garantido, e da qual nos occuparemos, no proximo numero dos «Serões».

Gymnasio. — Depois d'uns annos de descansa voltou a fazer as delicias dos *habitués* do Gymnasio, a applaudida comedia, de Eduar-

do Schwalbach, *O filho da Carolina*, na qual Valle retomou o seu antigo papel de *Dr. Leonardo*, d'um comico extraordinario e a que o distincto artista dá uma feição apropriada. Cardoso, Jesuina Marques, Alda d'Aguiar, Judith, etc., formam um bello *ensemble*.

Príncipe Real. — Acaba de partir para o Porto a companhia d'este theatro, que vae dar uma serie de espectaculos no Aguiá d'Ouro com a festejada revista *Sol e Sombra*, ultimamente ampliada com mais dois quadros novos intitulados *Uma festa á Chantecler* e o *Hotel do Lagarto*. O primeiro quadro não foi recebido, na sua primeira exhibição, com a justiça que merecia, mas nem por isso, deixou de agradar em recitas seguintes; o segundo satisfez por completo, pois está trabalhado por mãos de mestres.

Rua dos Condes. — Retirou de scena com mais de 160 representações e ainda na força do enthusiasmo, a revista *Fado e Maxixe*, para dar logar á magica *A herança da fada*, que tem agradado extraordinariamente.

Colyseu dos Recreios. — Apesar da vastidão da sala do Colyseu, ha noites, que parece de diminutas dimensões, tal é a agglomeração do publico ás recitas da companhia d'opera, o que vem cabalmente demonstrar o agrado por estes espectaculos e que elles são constituídos com bons elementos, merecedores, sem duvida, dos elogios da critica. E de facto assim é. Já no nosso numero anterior fizemos referencias elogiosas aos principaes artistas que compõem o elenco da companhia, e hoje só temos de as confirmar nas varias operas cantadas desde então. A sr.^a Aceña nos *Palhaços*, o barytono De Gueri e o tenor Manso, formaram o bello tercetto da opera, sendo calorosamente applaudidos nos pontos capitaes do spartitto, e como se sabe, o arioso do prologo, por exemplo, tem dente de coelho, e n'elle se distinguiu o sr. De Gueri, tendo até de o bisar. A sr.^a Aceña na aria e o tenor no final do

1.^o acto foram egualmente muito ovacionados. Na *Cavallaria Rusticana* o grupo de cantores foi formado pela sr.^a Albertini, tenor Mulleras e barytono Mollina que com brilho marcaram a recita, como uma das melhores da temporada lyrica. Os mesmos artistas na *Gioconda*, com a sr.^a Pangrazi, no papel de cega, e o baixo Giral, interpretaram a linda partitura de Panchiello, com bastante colorido e vigor, a que se juntou os córos muito afinados e a boa direcção orchestral, que na *suite* dos bailados das horas recebeu a devida ovação. E sempre com enthusiasmo e justo louvor foram cantadas as operas, *Huguenottes*, *Favorita*, *Othelo*, *Fausto*, *Ernani*, *Trocodor*, etc., que a falta de espaço não nos permite pormenorizar.

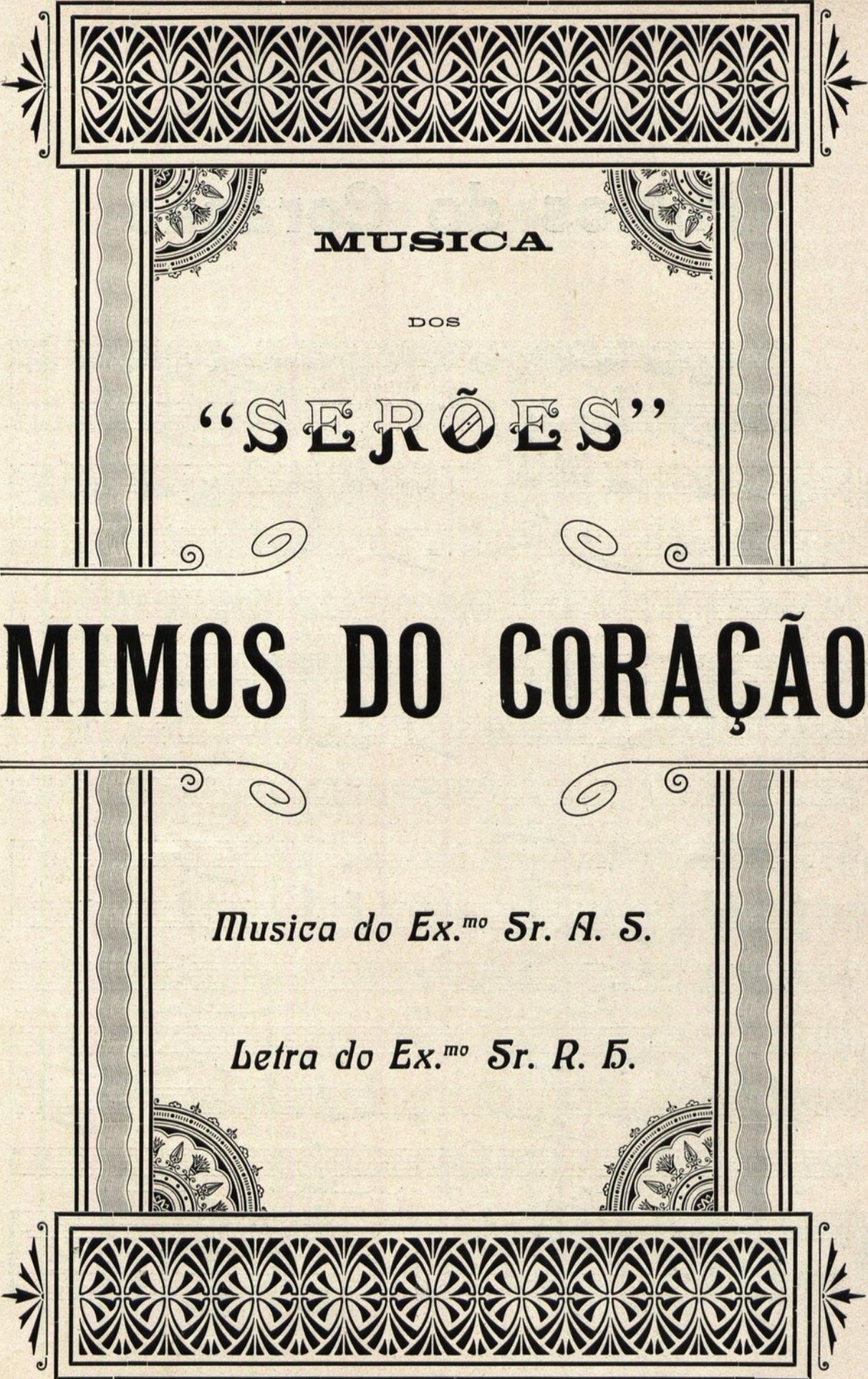
Quando, porém, os espectaculos no Colyseu attingiram o mais subido grau de apreço, foi n'aquelles em que tomou parte a celebre cantora Maria Galvany, que o publico de Lisboa recebe sempre em fremitos de applausos. Com a *Lucia* realisou a sua appareição, e perante uma enchente colossal, a distinctissima cantora recebeu a justa homenagem, como figura insigne da scena lyrica. No *rondó* foi puramente admiravel; a sua voz fresca, crystalina, muito bem vocalisada, de timbre agradabilissimo, adapta-se ás exigencias das partituras tão superiormente bem, que tornam Galvany uma cantora illustre e das mais apreciadas no mundo musical. Tanto n'esta opera, como no *Barbeiro de Sevilha*, na *Somnambula*, na *Traviata* e em outras, Maria Galvany encanta com a sua harmoniosa voz e methodo de canto, não havendo trêchos a especialisar. Com que brilho ella canta o *rondó* da *Somnambula*, a aria da *Flauta magica*, de Mozart e a *Valsa Cantabile Incantatrice*, de Ardití; é verdadeiramente uma garganta privilegiada que o estudo educou e aperfeçoou. Não admira, pois, que nas recitas em que Galvany se apresente, a concurrencia do publico seja numero issima, e a sala não chegue, apesar da sua grandeza. O sr. Mulleras merece tambem referencia especial; é um bom artista e que muito bem secundou o trabalho de Maria Galvany.

H. O.

FARINHA
LACTEA

NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



MUSICA

DOS

“SERÕES”

MIMOS DO CORAÇÃO

Musica do Ex.^{mo} Sr. A. S.

Letra do Ex.^{mo} Sr. R. B.

Mimos do Coração

p

Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não

quasi forte *p*

são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não

são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não

rall

são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não

rall

são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não

The musical score is written in 2/4 time with a key signature of one flat (B-flat). It features a piano accompaniment and a vocal line. The lyrics are in Portuguese and describe the beauty of a woman's hair. The score includes various musical notations such as dynamics (*p*, *quasi forte*, *rall*), articulation (accents), and phrasing (breathes, slurs, triplets). The lyrics are: "Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não são Oo teus dou-ra-dos ca-be-las que nos to-ga-les não".

FADO SLAVO

Mimos do Coração

Retrato á penna



O teu rosto virginal
Tem ainda a fresquidão
Que não conserva quem anda
Nas luctas do coração.

Que varios são esses olhos
Que nem sei de que côr são;
Mas quando os fitas nos meus,
Bem o sente o coração.

N'elles a tua alma espelha
Sua diversa feição
Que, por ser tão variada,
Sempre enleva o coração.

As lagrimas que tu choras,
Orvalhos de amor que são,
Quando te cahem dos olhos,
Cahem-me no coração.

Que meigos os teus sorrisos,
Que alentos elles me dão
São como os raios do sol
Aquecem-me o coração.

E a tua voz tambem meiga,
Quando vibra de emoção,
E' um ciciar do amôr
Que inebria o coração.

Os teus labios? Que promessas
De caricias que me dão!
Só vel-os pertó dos meus
Alvoroça o coração.

Os teus cabellos dourados
Que vastos elles não são!
Até de longe que os veja,
Enleiam-me o coração.

Cingem-te a linda cabeça,
A dar-te ao rosto a expressão
Das aves 'inda no ninho.
Encanto do coração!

As tuas mãos pequeninas,
Quando em prece ou oração,
Parecem duas rolinhas,
Arrulhando o coração.

A côr que tens do jasmim,
A mais fina c'loração
Das flores mais delicadas,
Deslumbra-me o coração.

O teu corpo vaporoso,
Na sua etherea feição,
Dá bem o perfil do amôr,
Como o sonha o coração.

Quando o respiro de perto
Vem-me d'elle a sensação
D'um subtil, suave perfume
Que embalsama o coração.

'Inda esse passo onduloso
A dar-te tal distincção
Que a todos, no teu caminho,
Arrastas o coração.

*

Teu porte, tambem distincto,
Convida á meditação.
Do que ha de ser a mulher,
Na vida do coração.

E a virginal timidez
E' tambem indicação
De, nessa idade, 'inda teres
Innocente o coração.

Tantos mimos, tantas graças
São de tal fascinação,
Que só não pôde sentil-a
Quem não sinta o coração.

E no seu feliz conjuncto
Deixam a vaga impressão
De um bello sonho d'amôr
Passado no coração.

Quando o que se pôde vêr
Infunde tal seducção,
Que fará o que se occulta
No fundo do coração.

*

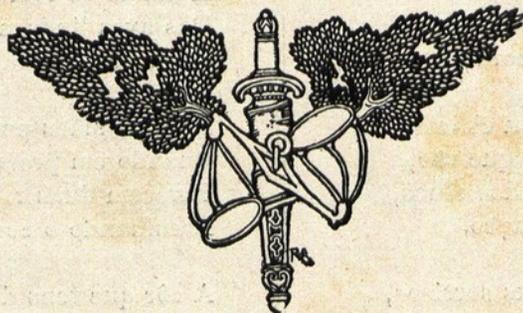
E's a virgem dos meus sonhos,
A casta revelação
Da mulher que eu ideava
Noiva do meu coração.

Que pena que o teu amôr,
Fugitiva apparição,
Se desfaça como um sonho,
Ao calôr do coração.

Para seres no teu sexo
O ideal da perfeição,
Bastava só que tivesses
Mais vida no coração.

Que haverá na tua vida
Na tua compleição
Que não permita a ninguem
Possuir-te o coração!

Este cantico d'amôr
Traduz bem a admiração
De quem sabe apreciar-te
Os mimos do coração.



SERÕES

BRINDE

UMA VIAGEM A PARIS

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em época á escolha

do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente, como em 1909.

BRINDE MENSAL A TODOS OS LEITORES

Pela apresentação de **BONUS** publicados em cada numero

descontos em varios estabelecimentos sobre as compras effectuadas

GRANDE VANTAGEM AOS ASSIGNANTES

Desejosa a administração dos **SERÕES** de reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar-lhes o completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — **a todos que assignarem a revista SERÕES por periodo não inferior a um semestre** —, o adquirir um qualquer volume publicado ou todos os treze, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) **600 réis** ou, ainda, **1\$000 réis**, lindamente encadernado em capas de luxo.

O preço da assignatura dos **SERÕES** é:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno	15 fr.

Numero avulso, 200 réis

ANNUNCIOS

A administração dos **SERÕES**, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos **SERÕES**; nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante.

Administração dos SERÕES — 30, Praça dos Restauradores (Palacio Foz), 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Toda a pessoa previdente e cauta
Que a vida a pauta com toda atenção,
Seja do povo ou da nobreza o escol,
Usa **DERMOL** e sempre o tem a mão.

O BLENNOL e o DERMOL

especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos
foram premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908
Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Da linda liguei os grandes soffrimentos
Do utero longo tempo se notaram.
Porém tomou **BLENNOL**; e os seus tormentos
De antigas dores logo se curaram.

(Marca registrada)

DERMOL

O remedio das familias

Precioso especifico das doenças da pelle, peculiares ou accidentaes

Em quasi todas as doenças peculiares da pelle: *herpes, dartros, empigens, frieiras, pellada, tinha, uzagre, lupus, crostas*, etc., faz o **Dermol** todos os dias curas admiraveis em casos muito antigos e rebeldes aos mais zelosos e scientificos tratamentos.

Tambem na maior parte e nas mais vulgares lesões da pelle, *golpes, excoriações, pancadas, contusões, entorses, picadas venenosas, estrepadas de ferro ou de madeira*, a acção curativa do **Dermol** é rapida e sobreleva tanto a de qualquer outro medicamento, que a sua applicação é insubstituivel

E ainda em muitos outros casos: *erysipelas, furunculos, collosidades, callos molles, rheumatismo das juntas, ulceras antigas, cáncros, pequenas queimaduras*, etc., a acção do **Dermol** é benefica e muitas vezes rapida, o que é demonstrado todos os dias pela experiencia e a sua composição scientificamente justifica.

Applicado sobre a pelle em camada ligeira, o **Dermol** deixa, pela evaporação immediata, uma epiderme artificial, protectora e antiseptica, que destroe insensivelmente os tecidos morbidos e promove a formação de epiderme nova e sã.

Toda a gente que se presa deve ter um vidro de **DERMOL** sempre á mão em casa, em viagem, nos escriptorios, nos armazens, nas casas de educação physica, nas escolas, nas officinas, nos exercicios de sport, em qualquer parte, emfim, onde se está sujeito a muitas lesões que exigem curativo immediato e para as quaes o **DERMOL** quasi sempre, é necessario e sufficiente

Cada experiencia é uma cura
Não suja a roupa nem é nojento como as pomadas

BLENNOL

(Marca registrada)

Notavel especifico das doenças genito-urinarias de qualquer especie, nos homens e senhoras

Liquido agradável para uso interno, é superior a todos os preparados de sandalo, copahiba ou cubebas, porque é infallivel, não estraga o estomago e não exige dieta.

Purgações antigas ou recentes, catarrhos da bexiga e dos rins, calculos e areias, urinas de sangue e prisão de urinas, devem ser tratadas sómente com **Blennol**.

Unico remedio neste genero que não faz mal e póde ser usado, tanto ás colheres como em injeções ou lavagens da bexiga, sem o menor ardor.

Usado em injeções produz, em muitos casos, os mesmos effeitos sem o inconveniente das injeções irritantes ou causticas e sem o risco de provocar estreitamentos nem orchitis.

Effeitos admiraveis nas *blennorrhagias, gonorrhéias e prostatites*, recentes ou chronicas, assim como nas doenças proprias das senhoras: *leucorrhéia* (flôres brancas), *metrite chronica* (inflammação do utero), etc., etc.

INFALLIVEL — INOFFENSIVO — AGRADAVEL
SEMPRE EFFICAZ — SEMPRE SEGURO



Ver instruções especiaes que acompanham cada vidro. Pedir aos depositos folhetos gratis com instruções e attestados.

Doenças da pelle, empigens, dartros, herpes, Virras de serpes, te qualquer pancada. Excoriação, ou golpe, ou callo molle: Põe-se **DERMOL** e ficam logo em nada.

O **BLENNOL** e o **DERMOL** especificos do pharmaceutico Henrique E. N. Santos foram premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908 Vendem-se em todas as pharmacias e drogarias

Soffreis dos rins, do utero, das urinas, Doenças moifinas, mal de tanta gente? — «Um só remedio!» — diz o sabio Stoll, «Use **BLENNOL**, interna e externamente».